



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DANDARA PERARO DE SOUSA

**EXPERIÊNCIAS DE VIDA COMO ELEMENTO FORMADOR
DE ASSISTENTES SOCIAIS DO SUAS**

Londrina
2022

DANDARA PERARO DE SOUSA

**EXPERIÊNCIAS DE VIDA COMO ELEMENTO FORMADOR
DE ASSISTENTES SOCIAIS DO SUAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha Psicologia Social e Processos Institucionais.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Bianchi Silva

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

S725 Sousa, Dandara Peraro de.
Experiências de vida como elemento formador de assistentes sociais do SUAS / Dandara Peraro de Sousa. - Londrina, 2022.
153 f.

Orientador: Rafael Bianchi Silva .
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2022.
Inclui bibliografia.

1. Políticas Públicas - Tese. 2. Psicologia - Tese. 3. Pesquisa fenomenológica-empírica - Tese. 4. Vivências - Tese. I. Bianchi Silva , Rafael. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU 159.9

DANDARA PERARO DE SOUSA

**EXPERIÊNCIAS DE VIDA COMO ELEMENTO FORMADOR
DE ASSISTENTES SOCIAIS DO SUAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha Psicologia Social e Processos Institucionais.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Rafael Bianchi Silva -PPGPSI
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Flávia Fernandes de Carvalhaes
Universidade Estadual de Londrina – PPGPSI/UEL

Profa. Dra. Lucia Cecilia da Silva
Universidade Estadual de Maringá – PPI/UEM

Londrina, 11 de março de 2022.

Dedico este trabalho à Sandra Nishimura
(in memoriam) que teve papel fundamental
no desenvolvimento do SUAS, e aos meus
pais que sempre me acompanham em todos
os meus processos formativos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador que desde o período de graduação me indicou o caminho da pesquisa e esteve aberto a me apoiar nas temáticas que escolhi.

Aos professores do programa Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Estadual de Londrina que se reinventaram da melhor maneira possível para continuarem ministrando suas aulas com qualidade de maneira remota em decorrência da pandemia de COVID-19.

Aos colegas que fizeram e fazem parte do grupo de pesquisa “Formação Humana, Subjetividades, e Processos Psicossociais em Políticas Públicas”, em especial a Cláudia com quem compartilho caminhadas profissionais, Anyelle que é exemplo de doçura e decisão, Jéssica companheira de turma e de angústias no processo de escrita. Márcia Tokita e Maria Fernanda Durello que tão atenciosamente contribuíram com a construção dessa pesquisa.

Um agradecimento muito grande pelas cinco colaboradoras que foram entrevistadas (Grata, Responsável, Ativa, Trajetória e Comprometida), sem vocês essa pesquisa não seria possível. Me emocionei, aprendi e me inspirei com as suas histórias de vida. Espero que esta dissertação faça jus a tudo que vocês construíram no SUAS.

Agradeço à minha amiga de longa data Mariana Lima com quem compartilho valores decorrentes de nossas vivências em conjunto e individuais, nossas conversas me direcionaram para pensar a temática desta dissertação.

Aos meus pais, Denise e Wagner, que são meus companheiros de jornada e melhores amigos. Sempre me orientando, apoiando e amparando as minhas decisões. Por ter vocês me sinto segura para seguir meus sonhos.

Agradeço ao meu marido Mario Cesar Ito, por ter me permitido acompanhar seu percurso no mestrado, e por ser meu maior apoiador e incentivador, seja com palavras

carinhosas, ouvindo meus desabafos, com um almoço ou jantar deliciosos quando chego do trabalho ou estou escrevendo a dissertação. Seja vendo minha apresentação de qualificação do mestrado na nossa semana de licença-casamento. Te amo!

De certa forma, nossas histórias constroem nossos mundos. Nossas histórias são nosso mundo. Quando nossas histórias se transformam, nosso mundo se transforma, nossas posturas se transformam. Ao contarmos nos afetamos e afetamos o outro. Quem escuta uma história, e se deixa tocar por ela, se transforma (Silva, 2014, p. 93).

SOUSA, Dandara Peraro De. **Experiências de vida como elemento formador de assistentes sociais do SUAS**. 2022. 151 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

RESUMO

Nesta dissertação, buscamos olhar para a formação profissional para além do atual movimento tecnicista pautado em objetivos de transformação da natureza com fins predeterminados. Ao enxergarmos como um processo contínuo e inacabado que envolve elementos dos estudos formais e também do histórico de vida, voltamos nosso olhar para as experiências cotidianas e o significado singular destas. Tivemos por objetivo geral compreender como as experiências de vida de assistentes sociais trabalhadoras do SUAS influenciaram a formação e atuação profissional das mesmas. Para tanto, realizamos uma exploração dos conceitos de formação e experiência para melhor definir o escopo da pesquisa e descrevemos as experiências de vida relatadas pelas entrevistadas. Nesse processo, buscamos dar ênfase às histórias de vida para além dos conteúdos teóricos. Por este motivo, o referencial esteve presente como um pano de fundo como sustentação da discussão sobre as temáticas trazidas pelas entrevistadas. Enquanto metodologia, realizamos uma pesquisa fenomenológica-empírica amparados em trabalhos como os de Giorgi & Sousa (2010); Feijoo & Goto, (2016); Goto, Costa & Schievano (2019). Como estratégia de pesquisa utilizamos a redução fenomenológica, que tem por enfoque o fenômeno e a essência das experiências vividas pelas pessoas. Uma entrevista aberta com apenas uma pergunta promotora do assunto foi o instrumento de pesquisa de forma a dar liberdade para as participantes trazerem o que consideravam de mais importante dentro da temática. O campo de estudo foi o SUAS (Sistema Único de Assistência Social). Colaboraram com a pesquisa cinco profissionais que atuam na Assistência Social na região de Londrina desde o início de sua formalização enquanto política pública. O procedimento de coleta de dados contou com quatro etapas: estabelecimento do sentido geral das entrevistas; divisão de unidades de significado; transformação das unidades de significado em expressões de caráter psicológico e por fim a identificação dos constituintes essenciais da experiência, que são os sentidos invariantes das entrevistas, que apareceram e foram destaque nas falas de todas as participantes. Como resultado, encontramos três constituintes denominados de: a) incômodo com a desigualdade social; b) compromisso com a formação, profissão e mudança da realidade social desigual e c) disponibilidade e abertura para as experiências relacionadas à construção da própria carreira e do SUAS. Através dos relatos foi possível observar que as entrevistadas foram protagonistas da história de construção e formalização do Sistema Único de Assistência Social na cidade de Londrina. Foi elencada a importância do papel de familiares, colegas e gestão no processo formativo, assim como alguns desafios enfrentados ao se trabalhar em políticas públicas. Quanto às categorias, o sentimento de incômodo encontra-se correlacionado com uma postura de empatia e autoconhecimento; o compromisso com a formação, trouxe um debate sobre os estudos formais, as características dos trabalhadores que atualmente ainda se deparam com estereótipos da caridade e feminilização da profissão além de um breve histórico da profissão de Serviço Social. Por fim, o constituinte da disponibilidade e abertura nos mostrou que todas as entrevistadas se aventuraram na construção da sua própria formação dentro das possibilidades que lhes eram apresentadas, sendo que a perspectiva da garantia de direitos configurou-se como um motivador para a atuação no SUAS. Como conclusão, os três elementos – incômodo, compromisso e disponibilidade - fizeram parte do histórico de vida das assistentes sociais e possibilitaram ações de desenvolvimento de projeto existencial que

englobou a construção da formação profissional individual e ao mesmo tempo da Assistência Social como política pública a nível municipal, estadual e federal. Consideramos que a realização da pesquisa com profissionais que já estão há mais de vinte e cinco anos na profissão trouxe um olhar em retrospecto para a retomada das experiências de vida e correlação com a formação profissional.

Palavras-chave: psicologia; políticas públicas; SUAS; vivências; pesquisa fenomenológica-empírica.

SOUSA, Dandara Peraro De. **Life experiences as a formation element for social workers at SUAS**. 2022. 151 p. Dissertation (Master's in Psychology) - State University of Londrina, Londrina, 2022.

ABSTRACT

In this dissertation, we seek to look at professional formation beyond the current technicist movement based on objectives of transforming nature with predetermined ends. We see it as a continuous and unfinished process that involves elements of formal studies and also the life history, we turn our gaze to everyday experiences and their unique meaning. Our main objective was to understand how the life experiences of social workers who work at SUAS (Sistema Único de Assistência Social) influenced their formation and professional performance. To this purpose, we explored the concepts of formation and experience to better define the scope of the research and described the life experiences reported by the interviewees. In this process, we seek to emphasize life stories beyond theoretical content. For this reason, the theoretical reference was presented as a background to support the discussion on the themes which were brought up by the interviewees. As a methodology, we carried out a phenomenological-empirical research supported by works such as those by Giorgi & Sousa (2010); Feijoo & Goto, (2016); Goto, Costa & Schievano (2019). As a research strategy, we used the phenomenological reduction, which focuses on the phenomenon and the essence of people's experiences. An open interview with only one question promoting the subject was the research instrument in order to give freedom to the participants to bring what they considered most important within the theme. The field of study was SUAS, five professionals who work in social assistance in the region of Londrina collaborated with the research. The data collection procedure had four stages: establishment of the general meaning of the interviews; division of meaning units; transformation of the units of meaning into expressions of a psychological character and, finally, the identification of the essential constituents of the experience, which are the invariant meanings of the interviews, which appeared and were highlighted in the speeches of all the participants. As a result, we found three constituents called: a) discomfort with social inequality; b) commitment to education, profession and changing the unequal social reality and c) availability and openness to experiences related to the construction of one's own career and the SUAS. Through the reports it was possible to observe that the interviewees were protagonists of the history of construction and formalization of the SUAS in the city of Londrina. The importance of the role of family members, colleagues and management in the formation process was listed, as well as some challenges faced when working on public policies. As for the categories, the feeling of discomfort is correlated with an attitude of empathy and self-knowledge; the commitment to formation, brought a debate on formal studies, the characteristics of workers who currently still face stereotypes of charity and feminization of the profession, as well as a brief history of the social work profession. Finally, the constituent of availability and openness showed us that all the interviewees ventured into the construction of their own formation within the possibilities that were presented to them, and the perspective of guaranteeing rights was configured as a motivator for acting in the SUAS. In conclusion, the three elements - discomfort, commitment and availability - were part of the social workers' life history and enabled actions to develop an existential project that encompassed the construction of individual professional formation and, at the same time, social assistance as a public policy at municipal, state and federal levels. We consider that conducting the research with professionals who have been in the profession for more than twenty-five years has brought a retrospective look at the resumption of life experiences and correlation with professional

training.

Key words: psychology; public policy; SUAS (sistema único de assistência social); experiences; empirical-phenomenological research.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPC	Benefício de Prestação Continuada
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
NOB/SUAS	Norma Operacional Básica de Assistência Social
PNAS	Política Nacional de Assistência Social
SMAS	Secretaria Municipal de Assistência Social
SUAS	Sistema Único de Assistência Social

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CONCEITOS BASE DESTA PESQUISA: FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA	19
2.1	CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA A PESQUISA FENOMENOLÓGICA	24
2.2	EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIA PARA A FENOMENOLOGIA	32
3	PERCURSO METODOLÓGICO	39
3.1	COMO ESTRATÉGIA: DAR VOZ ÀS PARTICIPANTES.....	40
3.2	PERCURSO DE DESCOBERTAS	44
4	PERSONAGENS E CENÁRIO: HISTÓRIAS DE VIDA, UMA HISTÓRIA DE CONSTRUÇÃO	50
4.1	UM CENÁRIO DE CONSTRUÇÃO E DE PROTAGONISMO.....	53
4.2	GRATA: “VAI LÁ IRMÃ, É COM VOCÊ”	62
4.3	ATIVA: “QUANDO A BOCA NÃO FALA, O CORPO BERRA”	64
4.4	“TRAJETÓRIA, ASSISTENTE SOCIAL”	69
4.5	COMPROMETIDA: A PRODUÇÃO DO NOVO NA DESNATURALIZAÇÃO DE PRÁTICAS COTIDIANAS	74
4.6	RESPONSÁVEL: BASE DE ESCOLHAS	77
5	SIGNIFICADOS EM COMUM PARA A ATUAÇÃO NA ASSISTÊNCIA SOCIAL	81
5.1	INCÔMODO COM A DESIGUALDADE SOCIAL	81
5.2	COMPROMISSO COM FORMAÇÃO, PROFISSÃO E MUDANÇA	101
5.3	DISPONIBILIDADE E ABERTURA PARA A CONSTRUÇÃO	122
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
	REFERÊNCIAS	142

APÊNDICES	150
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	151

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo a compreensão sobre como experiências de vida influenciaram a formação e atuação profissional de trabalhadoras do SUAS (Sistema Único de Assistência Social). Tal pergunta está intimamente ligada ao meu percurso educacional, visto que, após a graduação em Psicologia, passei a me questionar sobre meu próprio processo formativo.

Naquele período, quando vi que havia cumprido todas as prerrogativas, tinha meu diploma e já não existiam mais disciplinas, professores, trabalhos, notas e grade de horários, encontrei-me presa na própria liberdade de ser uma profissional formada. Aos poucos, fui percebendo que cabia a mim construir meu caminho. Senti o peso da responsabilidade de descobrir o que eu queria construir para a minha vida. Não tinha mais tantos direcionamentos e prazos, ao mesmo tempo não estive desacompanhada, muitas conversas com amigos e familiares foram me proporcionando o material de construção da estrada.

Esse momento me despertou uma grande curiosidade sobre experiências, escolhas e atuação profissional. Busquei compreender um pouco mais sobre os processos de formação e eles me pareciam sempre rígidos: Quais matérias devem ser cursadas? Qual a carga horária? Qual título renderá? E em simultâneo eu via meu currículo me garantindo a possibilidade de participar de entrevistas de emprego em que eu era pedida para que descrevesse minhas experiências profissionais, ali recém-formada, no mesmo espaço que psicólogas que atuavam na área há mais de 15 anos.

Passei, então, a pensar nas minhas experiências de vida, nos momentos que haviam me conduzido a tal ocasião, aquelas pessoas, aqueles lugares e sentimentos que não garantiam nenhum documento, e que eu não poderia chamar de profissionais, mas que certamente me formaram. Nesse mesmo período, eu corrigia e compunha um texto que havia elaborado para uma iniciação científica na graduação. O processo de escrita veio para me

lembrar de um sentimento conhecido, uma satisfação de descobrir e conseguir produzir algo novo.

É a partir desse momento que esta pesquisa surge. O tema experiências de vida é central, pois remete à minha própria vida. Atualmente, é possível observar que, enquanto busco demonstrar as vivências de profissionais da Assistência Social, me constituo e me formo como psicóloga e pesquisadora. Como aponta Merleau-Ponty (1945/1996, p. 17): “o pensador pensa sempre a partir daquilo que ele é”.

Nesta investigação, sou instigada pelo que me era desconhecido, mas parto do que conhecia para mergulhar nas descobertas, pois depois de identificar meu tema de pesquisa (a correlação entre experiências de vida e formação profissional), faltava um campo para delimitar o espaço de estudo. Esse ponto de partida conhecido e de delimitação foi a Assistência Social, visto que durante a graduação havia participado de discussões e realizado iniciações científicas sobre o Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Como resultado deste percurso que cheguei à delimitação do problema desta pesquisa: como as experiências de vida influenciaram a formação e a atuação profissional de trabalhadoras do SUAS, em específico as assistentes sociais? A escolha dessa categoria profissional se deu, além de ser a mais representativa da política, por ter sido a primeira que oficialmente integrou e iniciou a construção da política de Assistência Social na região de Londrina-Paraná.

Para a construção do projeto, o referencial fenomenológico não se deu como um instrumento de obtenção de uma resposta final mas, principalmente, como uma representação de mim como pesquisadora, visto que é uma teoria que me chamava a atenção e estimulava para aprofundar os meus conhecimentos, assim como é uma forma de olhar o mundo que se mostra coerente com o que venho buscado: a possibilidade de deixar que as pessoas se apresentem sem anteriores teorizações, que exista espaço para se contar histórias.

No processo da pesquisa, foram encontradas algumas produções que remetem a correlação entre a Fenomenologia e experiências de vida. Souza, Barbieri e Gomes (2001), por exemplo, realizaram entrevistas com estudantes universitários de forma a identificar eventos marcantes história de vida dos participantes. Por sua vez, Brancatti e Rinaldi (2020), ao abordar a correlação entre a Fenomenologia e a história de vida e as suas contribuições para a formação acadêmica, se aproximam um pouco mais da temática dessa dissertação. Os autores defendem que o referencial fenomenológico pode contribuir para uma melhor compreensão da existência humana a partir do método que permite a identificação da memória histórica dos sujeitos.

Estudos como o de Flor e Goto (2015) e Silva e Gaspar (2020), tratam das contribuições da Fenomenologia para se pensar a formação dos assistentes sociais e psicólogos do SUAS, porém não trazem a temática sobre experiências de vida. Observamos, também, que existem diversas produções pensando a formação específica de assistentes sociais, entretanto, tais pesquisas são pautadas em perspectivas ético-políticas, instrumentos utilizados, funções e cargos exercidos, currículos universitários (Silva, Medeiros & Dutra, 2012; Pereira, Guimarães & Santos, 2020), porém, que não se concentram em trazer eventos vivenciados pelos profissionais anteriormente à sua educação formal na graduação.

Entendemos que este é o diferencial desta pesquisa, pois percebemos que o nosso objetivo contém elementos de produções já realizadas (como a temática das experiências, da formação profissional e do SUAS), mas não trazem como elemento central a vivência dos profissionais. Ao nos ampararmos no solo fértil das pesquisas já realizadas tivemos por pretensão avançar na temática sobre a formação profissional dando espaço para as experiências de vida que também se dão fora do espaço formal de educação, ou seja, aquilo que se passa no dia-a-dia.

Dessa forma, iniciamos essa dissertação a partir de nosso primeiro objetivo específico que foi a exploração do conceito de experiência sob a visão do referencial fenomenológico. Apresentamos que há uma diferença ao que se entende por “experiência” e por “vivência”. Para tanto, nos baseamos em traduções, significados e etimologias das palavras para, a partir disso, descrevermos de forma breve alguns conceitos como consciência e intencionalidade que também nos deram sustentação para a apresentação do percurso metodológico na terceira seção.

Na quarta seção, realizamos o nosso segundo objetivo específico da pesquisa que é a descrição das experiências de vida das trabalhadoras do SUAS. Descrevermos esse processo como o cenário da pesquisa e cada uma das cinco entrevistadas como personagens. Esta etapa é importante, pois ela nos deu base para conseguirmos realizar o terceiro objetivo específico de pesquisa que foi a correlação entre as experiências de vida e a atuação e formação profissional. Por fim, realizamos a análise dos dados encontrados, momento no qual descrevemos as experiências de vida individuais das participantes e buscamos correlacionar os significados em comum e as vivências psicológicas encontradas.



Menino do Mato

Manuel de Barros

Nosso conhecimento não era de estudar em livros.
Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos.
Seria um saber primordial?
Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor e não por sintaxe.
A gente queria o arpejo. O canto. O gorjeio das palavras.
Um dia tentamos até de fazer um cruzamento de árvores com passarinhos para obter gorjeios em nossas palavras.
Não obtivemos.
Estamos esperando até hoje.
Mas bem ficamos sabendo que é também das percepções primárias que nascem arpejos e canções e gorjeios.
Porém naquela altura a gente gostava mais das palavras desbocadas.
Tipo assim: Eu queria pegar na bunda do vento.
O pai disse que vento não tem bunda.
Pelo que ficamos frustrados.
Mas o pai apoiava a nossa maneira de desver o mundo que era a nossa maneira de sair do enfado.
A gente não gostava de explicar as imagens porque explicar afasta as falas da imaginação.
A gente gostava dos sentidos desarticulados como a conversa dos passarinhos no chão a comer pedaços de mosca.
Certas visões não significavam nada mas eram passeios verbais.
A gente sempre queria dar braço às borboletas.
A gente gostava bem das vadiagens com as palavras do que das prisões gramaticais.
Quando o menino disse que queria passar para as palavras suas peraltagens até os caracóis apoiaram.
A gente se encostava na tarde como se a tarde fosse um poste.
A gente gostava das palavras quando elas perturbavam os sentidos normais da fala.
Esses meninos faziam parte do arrebol como os passarinhos (Barros, 2010, pp. 450-451).

2 CONCEITOS BASE DESTA PESQUISA: FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA

De modo a compreender como as experiências de vida das trabalhadoras do SUAS (Sistema Único de Assistência Social) influenciam sua formação e atuação profissional, precisamos, em primeiro lugar, explorar os conceitos base desta pesquisa, que são formação e experiência, visto que estes possuem diversos significados e interpretações que podem indicar múltiplos caminhos de investigação.

Iniciamos nossa análise a partir do conceito de formação. Partimos da consideração de que a maior parte do processo de construção de conhecimento na contemporaneidade está diretamente atrelada à uma condição de utilidade o que aponta para a vinculação do estudo e da ciência a uma necessidade (do capital e/ou Estado) que precisa ser atendida pelo sujeito (Bondía, 2002).

Este pressuposto fortalece a concepção sobre a qual a formação do trabalhador se constrói exclusivamente em espaços formais de educação. De acordo com Bruno (2014), nesta modalidade, os padrões comportamentais são definidos para o melhor aprendizado de conteúdos historicamente sistematizados por leis. O ensino é baseado na reprodução de teorias, técnicas e conhecimentos fragmentados para futura aplicabilidade. Os maiores exemplos deste modelo são instituições como as escolas, faculdades e universidades.

Os espaços regulares são essenciais para a formação dos profissionais. Entretanto, mesmo que mais conhecidos e reconhecidos, não são o único elemento legítimo de constituição e produção social para o trabalho. Existem outras perspectivas de construção do saber que também são formadoras. Nesse contexto, consideramos que os acontecimentos, as relações e os espaços que foram percorridos pelas pessoas têm um papel muito importante para a maneira com que elas irão atuar profissionalmente.

Então, o que seria essa formação para além dos conteúdos formais? De acordo com o dicionário Aurélio (Ferreira, 2008), “formar” é um ato/efeito, é uma constituição de um caráter e/ou mentalidade. Bicudo (2003) vê um jogo de ideias na própria configuração da palavra quando ela apresenta uma correlação entre forma-ação. A partir deste pensamento, o agir traz um movimento ordenado a partir da cultura que tem uma concepção desejada de ser humano, ou seja:

Formação designa um processo do devir, em que o contorno da imagem, que persegue o modelo, se realiza. Mas é mais do que isso. Esse processo, porém, não se efetua de modo a atender a uma finalidade técnica a ele externa, mas brota do processo interno de constituição e de formação, permanecendo em constante evolução e aperfeiçoamentos (Bicudo, 2003, p.28).

Este devir faz parte da vida de todos. As ações que definem a forma são contínuas, passíveis de ocorrer em diversos campos e momentos, sendo estes previstos ou inesperados, constituindo acontecimentos da vida. Como afirma Batista (2002, pp. 136-137), a formação é:

. . . algo inacabado, lacunar, mas profundamente comprometido com uma maneira de olhar, explicar e intervir no mundo - vir-a-ser não é tributário da neutralidade, pelo contrário, revela uma posição, uma direção, enfim o lugar de onde se fala... Neste mundo cheio de sentidos, significados, símbolos, códigos, formação define-se como interdisciplinar, constituindo-se não mais a partir de territórios disciplinares que efetivam formações divididas e isoladas em suas fronteiras, mas sim como projeto que articula ética, estética, conhecimento, valores, reflexão, crítica, verdades relativas, intenções provisórias num dado momento histórico-social e com ele se compromete, seja para mantê-lo, seja para transformá-lo.

A autora nos explica que a formação não está contida exclusivamente em etapas do desenvolvimento, pois é um processo que perpassa a história de vida das pessoas. Por isso,

requer o “reconhecimento das trajetórias próprias dos homens e mulheres, bem como exige a contextualização histórica destas trajetórias...” (Batista, 2002, p. 136).

Seguindo esta concepção, nós nos propomos a tratar da temática de formação profissional para além do atual movimento tecnicista pautado em objetivos de transformação da natureza com fins predeterminados. Buscamos olhar para as pessoas a partir de suas vivências, ampliando o nosso campo de visão, pois como pontua Merleau-Ponty (1994, p.3, grifo nosso):

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é **construído sobre o mundo vivo**, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda.

Assim sendo, ao decorrer desta dissertação quando nos referimos a ideia de “formação” tratamos desse processo para além dos espaços formais e olhar a própria experiência de vida humana como um elemento formador em diversos aspectos, inclusive o profissional.

Isto posto, iniciaremos agora a delimitação sobre o conceito de experiência que utilizamos nesta pesquisa. Concordamos com Shwartz (2010) ao afirmar que o termo é muito utilizado corriqueiramente e tão amplo conceitualmente que pode se tornar vazio em significados. A partir desta pontuação consideramos necessário iniciamos com a descrição etimológica da palavra, ou seja, sua origem e evolução na língua portuguesa.

Amatuzzi (2007) apresenta que o termo deriva do verbo latino *periri*, mesma origem de palavras como “perigo” e “pirata”. De *periri* a palavra evoluiu com o decorrer do uso para “peritus” que traduzida para o português como “perito” significa alguém habilidoso ou

experimentado. Já o prefixo “ex” no latim trouxe a palavra *experientia* que traz o sentido de prova, ensaio, tentativa ou experiência adquirida.

De acordo com esta retomada, observa-se que, em português, experiência pode ter dois amplos significados. Um de teor mais objetivo como uma prova ou tentativa, e um significado de aspecto mais subjetivo relacionado com aquilo que permanece durante o acontecer da vida, em síntese:

O termo experiência, pela sua origem, significa o que foi retirado (*ex*) de uma prova ou provação (*-perientia*); um conhecimento adquirido no mundo da empiria, isto é, em contato sensorial com a realidade. **Experiência relaciona-se com o que se vê, com o que se toca ou sente, mais do que com o pensamento.** O que se deduz a partir do que se vê não é propriamente “experencial”, mas pensado. **Conhecimento experencial é o diretamente produzido pelo contato com o real** (Amatuzzi, 2007, p. 9, grifo nosso).

Em segundo lugar, devemos nos atentar para o fato de que a maior parte dos autores expoentes da Fenomenologia escreveram em alemão, nos aproximando de uma segunda parte de nossa análise sobre o conceito de experiência: a tradução. Como vimos anteriormente, em português, a palavra “experiência” provém e se desdobra em diferentes significados. No senso comum, como apontado por Palazuelos e Fonseca (2017), experiência pode ser entendida como um acúmulo de conhecimentos adquiridos durante a vida.

Já no idioma alemão, há pelo menos dois desdobramentos desse termo, que quando traduzidos para o português apenas como “experiência” podem confundir a compreensão do texto. Tais palavras alemãs são *Erfahrung* e *Erlebnis*¹. Ambos os termos dizem respeito ao devir. O primeiro, enquanto verbo, ‘*Erfahren*’ aponta para a conotação de ação de aprender, vir a saber, descobrir, experimentar; já o seu complemento – a palavra “*fahren*” – significa

¹ Em alemão os substantivos são sempre grafados com letra maiúscula (D’orsi, 2020).

viajar, ir (Amatuzzi, 2007; Palazuelos & Fonseca, 2017). Assim, a partir de uma experiência no aspecto cumulativo da mudança, de um aprendizado da prática da vida diária; é cognitivo, porém não é obtido por meio de livros e teorias. É uma experiência adquirida.

A diferenciação dos significados diz do aspecto histórico, vivo e, portanto, mutável dos idiomas. Gadamer (1999) em uma retomada sobre o conceito de *Erlebnis*, apresenta que mesmo no alemão o termo veio a se tornar linguajar comum apenas a partir da década 1970. Uma carta de Hegel é o mais antigo comprovante do termo. Nela, o filósofo fala sobre sua vivência – “*meine ganze Erlebnis*”.

Também Goethe, escritor alemão, utilizou a palavra em suas poesias escritas a partir de suas vivências. Nesse aspecto, Gadamer (1999) apresenta que o uso da palavra *Erlebnis* esteve intimamente relacionada com produções biográficas, principalmente ao que diz respeito aos artistas e poetas do século XIX, onde se considera que a obra é compreendida a partir da vida de seu autor.

O termo *Erlebnis* foi primeiramente traduzido para o espanhol por Ortega Y Gasset como “*vivencia*” (Amatuzzi, 2007). O termo apresenta um aspecto de novidade pois remete a uma ideia de processo. Trata-se de uma noção muito cara à Fenomenologia, pois diz de algo prévio a qualquer racionalização ou teorização, diz do efeito de um encontro, do que experienciamos no imediato, ou seja, do fluxo vivido.

Edmund Husserl, ao explicar o conceito de vivência na teoria fenomenológica, apresenta que “. . . ^{II}a própria consciência é uma complexão das vivências. Mas o mundo não é jamais uma vivência do ser pensante. Vivência é visar-ao-mundo, o próprio mundo é o objeto intencionado” (Husserl, 1901/2015, p. 332). Vê-se que essa passagem representa a não racionalização e teorização do vivido (*Erlebnisse*), entendimento determinante para o desenvolvimento do método, a redução fenomenológica.

^{II} Ao decorrer da dissertação os: { . . . } indicam supressão de texto; { . . . } indicação supressão de parágrafos; { ... } indicam pausa na fala das entrevistadas.

A partir de tal explicação chegamos, então, em um ponto central da Fenomenologia e que está diretamente ligada ao que se entende por ‘experiência’: o conceito de intencionalidade e consciência. A seguir, faremos uma breve explanação sobre tais termos imprescindíveis para o entendimento do conceito de *Erlebnis*, para nos aproximarmos de uma definição “experiências de vida” a ser tomada nesta pesquisa.

2.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA A PESQUISA FENOMENOLÓGICA

A Fenomenologia é uma ciência que descreve os fenômenos, ou seja, seu aparecer à consciência (Goto, 2008). Tanto para a Filosofia como para a Psicologia, consciência é um conceito de extrema importância. Sem nos demorarmos em sua definição, mas também sem negligenciarmos sua importância, o conceito de consciência teve seu destaque, para a ciência moderna, principalmente com a expressão: *cogito ergo sum*, que foi escrita por René Descartes a partir do seu método de dúvida radical.

De acordo com Levy (2010, p.96) “o objetivo de Descartes, sobretudo nas *Meditações Metafísicas*, é avaliar nossa pretensão a construir um conhecimento propriamente científico e determinar as condições unicamente sobre as quais essa pretensão pode ser considerada, de modo definitivo e incontestável, legítima”. Para isso seria necessária a certeza metafísica. Descartes preocupou-se, então, com o reconhecimento do conhecimento verdadeiro, sendo que o dualismo mente-corpo se torna a tese que permitiu ao filósofo realizar essa atividade.

No empreendimento dessa procura por uma certeza metafísica, Descartes iniciou sua busca por pelo menos uma crença infalível, utilizando a ferramenta da dúvida hiperbólica. Nessa etapa, criou diversos argumentos céticos para colocar em questão uma série de crenças. Para o filósofo, podemos ser enganados por nossos sentidos, por sonhos ou pelo o que Descartes chamou de “gênio maligno”, fazendo com que desacreditássemos inclusive de nossa própria existência. Entretanto, o ato de duvidar de todos esses aspectos possibilita

chegar à uma conclusão: para duvidar é necessário que exista um eu, sendo esta uma verdade incontestável: penso, logo, existo em latim *cogito ergo sum* (Buckinham et al, 2013). Nesse sentido,

Tendo em vista que a descoberta do cogito opera como uma prova da indubitabilidade, da existência e da consciência-de-si da *res cogitans*, esse laço indissolúvel entre pensar e ser é, portanto, característica de uma instância originária privilegiada. Esse privilégio remete à sua posição representacional fundante. Como condição da representação, pensar e ser complementam-se a partir da intuição que permite a tomada de consciência-de-si. (Zanette, 2017, p. 260)

Assim, o cogito cartesiano aponta para um espírito (mente) que faz o elo entre o que é interior e o que é exterior. Essa ligação permite a inspeção e descoberta do mundo exterior a partir de um mundo interior. Ou seja, “. . . o cogito é o resultado de uma experiência intuitiva que é interna e precisa, a qual expressa a unidade do ego” (Zanette, 2017, p. 270). Levy (2010) reforça que o dualismo desse pensar representado por uma substância mental separado de um corpo físico, ainda que intimamente ligados e em constante relação, não deve ser compreendida como uma tese acerca da natureza humana, mas como a possibilidade encontrada por Descartes de empreender o seu método para a obtenção de um conhecimento confiável.

O desenvolvimento e apresentação do método da dúvida radical teve um papel fundamental no desenvolvimento da filosofia moderna. Sendo para confirmar ou para contrapor tal entendimento, diversos autores construíram seu pensamento a partir do *cogito* descrito por Descartes que representou a confirmação da existência do sujeito pensante. Edmundo Husserl foi um destes (Abbagnano, 2007). Em 1929, o filósofo fez uma série de conferências no anfiteatro Descartes em Sorbonne, que posteriormente se torna uma obra chamada “Meditações Cartesianas (1931/2013). No trecho que segue, podemos observar a

importância e influência do pensamento do filósofo francês no desenvolvimento da Fenomenologia:

Por razões particulares, enche-me de alegria poder falar da Fenomenologia Transcendental neste lugar venerabilíssimo da ciência francesa. Porque o maior pensador francês, René Descartes, deu-lhe um novo impulso através das suas meditações. O estudo dessas meditações influenciou diretamente a transformação de uma Fenomenologia já em desenvolvimento numa forma nova de Filosofia Transcendental. Assim, quase se poderia denominar a Fenomenologia como um neocartesianismo, por mais que ela tenha de rejeitar quase no seu todo precisamente por causado desenvolvimento radical dos motivos cartesianos o bem conhecido teor doutrinário da filosofia cartesiana (Husserl, 1931/2013, p. 39).

Podemos compreender que ambos os filósofos tiveram por objetivo encontrar um método científico que pudesse revolucionar e solucionar falhas da produção de conhecimento de suas respectivas contemporaneidades. Se Descartes adota o dualismo corpo-alma para sustentar sua teoria (Levy, 2010), Husserl encontra no vivido (*Erlebniss*) o amparo para a origem da Fenomenologia, é um vivido original, ou seja, intencional que não pode abster-se de dados sensíveis (Tourinho, 2013).

Para Husserl, o principal ponto de divergência com Descartes em relação a concepção de consciência é a impossibilidade de separação sujeito-objeto. Isto é, não existem duas instâncias separadas – o objeto e a percepção/representação deste – mas uma corrente de vivências intencionais, sendo este, o “a priori da correlação universal” (Fernandes, 2010). São dois polos, “noese” que são os atos que visam (ex: ver, ouvir, pensar, lembrar) – e, “noema” – a coisa visada, um sentido constituído da vivência intencional (Goto, 2008; Barreta, 2010). Tais elementos serão melhor explicados ao decorrer desta seção, conforme avançamos nos conceitos base.

Sendo assim, pode-se conceber que a consciência é ação, pois ela está sempre direcionada a alguma coisa, esta ideia de um direcionamento da consciência Husserl apreende a partir de um de seus professores, Franz Brentano (1838-1917). De acordo com sua teoria, a consciência é intencional, pois sempre é consciência de algo, “ele entendia que o fenômeno mental continha como característica exclusivamente sua um objeto dentro de si mesmo e, exemplificava, afirmando que no ódio, sempre algo é odiado, no amor, amado” (Coelho Junior, 2002, p. 98).

Husserl, utiliza tal conceito e o amplia, expandindo sua concepção para além da psicologia da época, sendo que “a novidade consiste na introdução na análise da intencionalidade de uma distinção entre o que é vivenciado (*erlebt*) e o que aparece” (Barreta, 2010, p. 64). Rompendo de vez com teorias da representação que compreendiam o objeto como uma cópia mental de um objeto real e exterior (Scarpa, 2019). Assim, diferentemente da doutrina cartesiana em que se preconiza que nossa consciência é de nós mesmos e de nossas ideias, Husserl concebe que a consciência não é consciência de si, mas de alguma coisa, de um objeto (Solowski, 2012). Coelho Junior (2002, p. 98) explica:

Entre consciência e objeto não há mais um abismo intransponível, ou a necessidade de uma consciência que constitua seus objetos, ou ainda de objetos que constituam uma consciência, mas sim, uma intencionalidade, que é um movimento, se assim podemos descrever, entre uma consciência que só é, se aberta para os objetos, e objetos que se mostram, que se colocam enquanto intencionais à essa consciência.

Este ponto está ligado com o que se entende na Fenomenologia por percepção e sentido. Para uma melhor compreensão desta temática, Fernandes (2010) apresenta um exemplo do cotidiano: uma escrivanhinha. Ao vê-la não enxergamos apenas um objeto que está “fora” – coisa extensa, em sua existência nua – mas um objeto que apresenta uma finalidade específica, um uso que garante um significado para esse objeto. No caso da

escrivadinha, pode ser o de guardar coisas, escrever, prazer de se fazer algo que gosta. Este significado não é acoplado a um objeto, mas concomitantemente se percebe que no objeto já está presente seu significado.

Ainda que alguém nunca tenha entrado em contato com uma escrivadinha, ao vê-la não terá a percepção de um pedaço de madeira qualquer, mas será apenas uma “coisa” sem função, com uma finalidade que permanece indeterminada. Ainda assim, este objeto não é insignificante e isolado, pois está contido numa rede de conexão instrumental. Em resumo, não existe primeiro o objeto percebido para depois atribuímos a ele um significado, mas ambos, objeto e significado, aparecem à consciência. Retornamos aqui ao “*a priori* da correlação universal”, na qual sujeito e objeto são inseparáveis, sendo uma condição humana.

Nesse aspecto, como descrito por Aranha e Martins (2009), a consciência é doadora de sentido; é um emaranhado de significações que envolvem os objetos percebidos. É como a pessoa vê o mundo, ou seja, o sentido é sempre particularizado e remete à totalidade humana. O ser-humano só pode dar sentido porque é consciente do mundo à sua volta. A consciência não é encerrada em si mesma, mas está aberta ao mundo (Coelho Junior, 2002).

Husserl escreve, nesse aspecto, sobre uma publicidade da consciência, ou seja, não estamos encerrados em nossa subjetividade, mas a mente – consciência – e o mundo são conexos entre si. Quando se age, se age no mundo, se manifesta publicamente, o que impossibilita a visão de um ser isolado. Para a Fenomenologia, há um sentido público do pensamento, raciocínio e percepção (Sokolowski, 2012). Não há razão para dualismos como dentro/fora ou psíquico/físico pois não há nada externo à consciência para depois ser apropriado. Fernandes (2010, p. 40) explica:

O experimentado na experiência da vida, o vivenciado em todas e em cada uma das vivências não se dá nunca como objeto, mas se dá sempre como mundo. Mundo é ali

onde se pode viver. Num objeto não se pode viver. O mundo é sempre mundo da vida.

E a vida é sempre vida no mundo (Fernandes, 2010, p. 40)

De acordo com o que vimos até o momento a concepção de consciência se distingue da compreensão psicológica, em que haveria um “estar na consciência” como um recipiente em que o que se percebe adentra à consciência e que seria possível formar uma estrutura da personalidade a partir desta (Goto, 2008). Em resumo:

Para a Fenomenologia, toda consciência é intencional, o que significa que não há pura consciência, separada do mundo, pois toda consciência visa ao mundo. Do mesmo modo não há objeto em si, independente da consciência que o percebe. Portanto o objeto é um fenômeno (etimologicamente “algo que aparece”) para uma consciência (Aranha & Martins, 2009, p. 390)

Antes de retornarmos para a definição do nosso conceito-base para esta pesquisa (a saber, a experiência de vida), gostaríamos de apresentar mais um ponto importante para avançarmos. Schutz (1979, p. 57) afirma que “dentro de cada consciência pessoal, o pensamento é sensivelmente contínuo e mutável e, como tal, comparável a um rio ou corrente”. Podemos dizer de um fluxo de vivências. A partir desta ideia, gostaríamos de explanar sobre como é possível que ocorra a ‘intencionalidade’, ou seja, como é possível a vivência consciente “chegar” até um objeto. Esta temática está relacionada com o método de investigação da Fenomenologia conhecido como a redução fenomenológica.

A partir desse processo metodológico Husserl visava criar uma forma para que o investigador dirigisse sua atenção para os fenômenos conscientes, ou seja, para esse fluxo de vivências. Cerbone (2012, p. 39) explica:

Em vez de uma alteração no fluxo da experiência^{III}, a mudança principal anunciada pela execução da redução é uma mudança na atenção por parte daquele que experiencia. Quando executo a redução, não atendo mais aos objetos mundanos de minha experiência, nem me pergunto sobre os fundamentos causais dessa experiência; em vez disso, foco minha atenção na experiência desses objetos mundanos. Presto atenção à apresentação do mundo ao meu redor (e de mim mesmo), em vez do que é apresentado. A redução é, assim, um tipo de reflexão ...

De forma a compreender melhor a questão nos valemos de um exemplo cotidiano, desta vez descrito por Cerbone (2012). O autor pede que imaginemos a quinta sinfonia de Beethoven, como um exemplo de uma vivência seria necessário ouvir, pelo menos, as quatro primeiras notas da abertura. Há um modo e um padrão de se ouvir a música, pois as notas devem seguir uma ordem, a primeira, segunda, terceira, quarta, assim por diante. Caso ouvíssemos todas de uma vez, ou fora da ordem não seria a vivência de ouvir tal sinfonia. Esse aspecto é identificado por Husserl como um aspecto fundamental da vivência: a “sucessividade”.

Primeiro se ouve uma nota, ela se encerra e inicia outra, entretanto, a nota passada não poderia ser completamente esquecida para se formar a melodia. Na filosofia de Husserl, é necessária uma “retenção” das notas anteriores.

Isso significa que elas [as notas] ainda são experienciadas em um sentido, não como continuando a soar, mas como tendo recém-soado, ou seja, elas são experienciadas como evanescendo no passado ... Enquanto cada nota é ouvida, a cada novo “agora”, os pontos-do-agora da experiência são retidos como tendo sido experienciados (e como tendo sido experienciados nessa ordem) (Cerbone, 2012, pp.42-43).

^{III} Leia-se vivências (*Erlebnis*), por ser uma citação direta preferimos manter a terminologia “experiência”, considerando que se trata de condições inerentes às possibilidades de tradução para o português.

Além da retenção das notas passadas, é necessária uma “protenção” das notas futuras. Principalmente se a pessoa conhece a sinfonia as notas que estão por vir fazem parte da experiência. Se as três primeiras notas forem tocadas corretamente estaremos preparados para a quarta nota, se esta última não for também tocada corretamente haverá uma interrupção na experiência, a partir de um choque momentâneo.

O tempo tem papel fundamental nesse fluxo, visto que, conforme as notas vão se sucedendo, sendo retidas e aguardadas há uma “síntese” de todas elas. A música é formada pela harmonia entre estas várias experiências, é uma rede de relações. Ao final a pessoa não diz que ouviu várias notas, mas uma melodia. A quarta característica fundamental da experiência é que seja uma estrutura “horizontal”, ou seja, existem notas que já foram tocadas e notas que virão a ser tocadas. “Os vários momentos do tempo são completamente “sintetizados” como substituindo uma ordem imutável que é irreversível e irrefreável: nossa experiência consciente está sempre “fluindo”; o tempo está sempre “escorrendo” (Cerbone, 2012, p. 45).

Em resumo, para a Fenomenologia husserliana, o fluxo de vivências possui uma estrutura vista como: retencional-protensional, sintético-horizontal. Fica mais claro aqui, o que apresentamos no início desta seção como sendo “noese”, síntese dos vários momentos da vivência e que garantem seu sentido: “... constitui para nós de maneira contínua e unificada, embora multiplamente composta, o mundo de coisas em sua constante aparição” (Husserl, 1913/2006, p.211)

A importância do noema-noese é a compreensão de que não existe a pretensão de separar o vivido empírico da sua “ideia” como essência, ou seja, não existe a representação mental de um objeto real. De acordo com Schutz (1979, p. 59)

Como todas as cogitações devido ao seu caráter intencional, são “consciência de” alguma coisa, sempre haverá duas maneiras de descrevê-las: a primeira, a noemática,

se ocupa do *cogitatum*, isto é, do objeto intencional de um determinado pensando nosso, conforme aparece nele, por exemplo, como uma certeza, possível ou presumivelmente um objeto existente, ou como um objeto presente, passado ou futuro; a segunda a noética, se ocupa dos atos de cogitação, do próprio vivenciar (noese) e de suas modificações, como por exemplo a percepção, a retenção, a lembrança, etc., e seus diferentes níveis de clareza e explicação. Cada noese específica tem seu correlato noemático específico.

Ao findar este último conceito que consideramos essenciais para a compreensão desta dissertação, caminhamos na próxima subseção de forma a apresentar de forma específica como trabalhamos com a ideia de experiência de vida das profissionais do SUAS entrevistadas.

2.2 EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIA PARA A FENOMENOLOGIA

Vimos na seção anterior uma breve explanação sobre importantes termos para a Fenomenologia, pudemos entender o princípio básico da consciência intencional. Esse entendimento é essencial para a definição de vivência que Husserl apresenta na sua quinta investigação lógica, na qual o autor conceitua as vivências a partir de três definições de consciência.

Na primeira conceituação, o filósofo se propõe a diferenciar o sentido empreendido pelo senso comum de vivência e o sentido fenomenológico. Diz de uma consciência como uma unidade de vivências de um indivíduo psíquico, ou dito de outro modo, certos conteúdos são elementos integrantes de uma unidade de consciência. Husserl (1901/2015) explica que a consciência não tem em si os acontecimentos, mas possui atos correspondentes da percepção, julgamento, apreensão que são somados com o conteúdo material. Sobre vivência, nesse primeiro entendimento de consciência, podemos entender:

São vivências ou conteúdos de consciência as percepções, as representações da fantasia e as representações de imagem, os atos do pensamento conceitual, as suposições e dúvidas, as alegrias e as dores, as esperanças e temores, os desejos e as volições, e as coisas semelhantes, tal como têm lugar na nossa consciência. E, com estas vivências na sua totalidade e plenitude concreta, as partes e momentos abstratos que as compõem são também vividos, as partes e momentos abstratos são conteúdos de consciência reais (Husserl, 1901/2015, p. 296).

De acordo com o autor, um exemplo para este entendimento seria: “vivencie guerras”. Tratam-se de acontecimentos externos conectados por atos da consciência (percepção, juízos...). Nesse caso, a pessoa pode ter passado por tais momentos sem ter se dado conta do que aconteceu. Em síntese:

Vivenciar os acontecimentos externos significa: Ter certos atos de percepção, de cognição (seja como for que se determinem), e outros semelhantes, dirigidos para estes acontecimentos. Esse “ter” oferece-nos desde o início um exemplo para o tipo totalmente diferente de vivenciar que está em questão no sentido fenomenológico. Ele quer dizer apenas que certos conteúdos são elementos integrantes de uma unidade de consciência na corrente de consciência fenomenologicamente unitária de um eu empírico. Este é, ele próprio, um todo real, que se compõe realmente de múltiplas partes, e cada uma destas partes é “vivenciada”. Neste sentido, aquilo que o eu ou a consciência vivencia é precisamente sua vivência. Entre o conteúdo vivenciado ou consciente e a própria vivência não há qualquer diferença. Por exemplo, o que é sentido não é nada diferente da sensação (Husserl, 1901/2015, p. 300).

Nessa concepção, o eu empírico acima citado “. . . é tal como o eu alheio, e qualquer eu o é tal como qualquer coisa física, com uma casa ou árvore etc.” (Husserl, 1901/2015, p. 300). Aí reside a distinção entre a conceituação de vivência do senso comum e da

Fenomenologia. A primeira diz do eu empírico, de um sentido psicológico-descritivo, de uma percepção interna, já a segunda diz de um eu fenomenologicamente reduzido que “não é, portanto nada de peculiar, que pairasse sobre as múltiplas vivências, mas é simplesmente idêntico à própria unidade de ligação destas vivências” (Husserl, 1901/2015, pp.301-302). Ao prosseguimento da explicação sobre as outras definições de consciência será possível compreender melhor esta questão, visto que deste ponto em diante se trata de vivências no sentido entendido como fenomenológico.

A segunda conceituação de consciência diz de um “ser consciente”, ou seja, de uma percepção interna das vivências. Para evitar más compreensões de caráter interno e externo, que iriam contra o “a priori da correlação universal”, Husserl (1901/2015) propõe que não mais se utilize o termo “percepção interna”, mas sim, percepção adequada. O filósofo explica:

A evidência que comumente se atribui à percepção interna indica que ela é compreendida como uma percepção adequada, **que nada atribui interpretativamente aos seus objetos que não seja intuitivamente representado e que não esteja realmente dado na própria vivência perceptiva**; e, em vez disso, que precisamente represente e põe os objetos de um modo tão intuitivo quanto eles são, de fato, na e com a percepção (Husserl, 1901/2015, p. 303, grifo nosso).

Esta percepção está contida em uma temporalidade não do mundo material, mas de um tempo contínuo do fluxo da consciência. Assim sendo, a partir desta definição pode-se compreender que “o conceito de vivência alargou-se do “internamente percebido” – que está neste sentido, consciente – até o conceito do “eu fenomenológico” . . . (Husserl, 1901/2015, pp. 306-307), que não visa uma consciência interna para representar um objeto externo e real, mas que é unitário e contínuo.

Relembremos na seção anterior que a partir do da apreensão do conceito de intencionalidade que a Fenomenologia se desvincula totalmente da teoria representacional, indicando que não há separação entre sujeito e objeto. Esta informação se faz necessária neste momento, pois o terceiro e último conceito de consciência, empreendido nas “Investigações Lógicas” afirma que o objeto é visado, isto quer dizer, que visar tal objeto já é por si só a própria vivência. Neste momento:

Nos deparamos aqui com uma classe rigorosamente delimitada de vivências, que compreende em si tudo o que, num certo sentido pleno, caracteriza a existência psíquica, consciente. Um ser real que carecesse de tais vivências, que digamos, tivesse em si simples conteúdos do tipo das vivências sensoriais, sendo incapaz de interpretá-los objetivamente ou de representar objetos por meio delas – incapaz, com maior razão, de se referir em novos atos a objetos, de ajuizá-los, de sobre eles se alegrar ou detestá-los – a um tal ser ninguém poderia querer designar como um ser psíquico (Husserl, 1901/2015, p. 314).

Em “Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica” (1913/2006), Husserl deixa mais clara a distinção do vivido intencional do vivido em geral, o filósofo afirma que no fluxo de vividos além das vivências que têm a propriedade de serem consciência de outros objetos estão também presentes os dados sensíveis. Podemos agora conceber a noção de que assim como as vivências intencionais precisam da sua base, os dados sensíveis, uma vivência (*Ergebnis*) não se faz possível sem experiências (*Erfahrung*).

Sobre esta temática Tourinho (2013) explica, que a vivência intencional não pode prescindir dos dados sensíveis (também entendidos como materiais ou hiléticos), pois eles atuam como um suporte para a intencionalidade. Esses dados são, por exemplo, a cor ou o som. Husserl (1901/2015) apresenta que uma sensação consciente seria a frase “eu ouço”, já o objeto da percepção seria “eu ouço o chilrear dos pássaros”. Em resumo: “a doação de

sentido que se dá através dos atos intencionais da consciência não deriva dos dados sensíveis, porém, não começa sem eles” (Tourinho, 2013, p. 36).

Esse fluxo de vivências só é possível porque temos um corpo que possibilita a percepção dos dados sensíveis, assim como a imaginação, recordação (ou seja, os atos), assim como é pelo corpo que se dá a doação de sentido. Não existe experiência sem corpo, pois a corporeidade se atualiza na existência humana, de acordo com Merleau-Ponty (1945/1996, p. 212):

. . . nosso corpo não é um objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio. Por vezes forma-se um novo nó de significações: nossos movimentos antigos integram-se a uma nova entidade motora, os primeiros dados da visão a uma nova entidade sensorial, repentinamente nossos poderes naturais vão ao encontro de uma significação mais rica que até então estava apenas indicada em nosso campo perceptivo ou prático, só se anunciava em nossa experiência por uma certa falta, e cujo advento reorganiza subitamente nosso equilíbrio e preenche nossa expectativa cega.

Novamente chegamos em uma temática em que a riqueza linguística possibilita uma ampla gama de significações. Em alemão o que se traduz por “corpo” em português possui dois significados: *Körper* e *Leib*. O primeiro diz do corpo biomédico, de mecanismos do corpo físico e fisiológico. Já o segundo remete ao corpo como vivido, portador de vontades e vivências a partir dos dados da consciência. *Körper* é carne, enquanto *Leib* é enredo (Santos, 2014; Missaggia, 2017). Em outros termos:

Körper diz respeito aos aspectos estritamente materiais e físicos do corpo, daquilo que ele tem em comum com todos os objetos do mundo, abstraindo, portanto, da sua conexão com uma consciência. *Leib*, por outro lado, é o corpo enquanto algo vivo,

animado por uma “alma” e que envolve todos os aspectos psicológicos da consciência (Missaggia, 2017, p. 803).

Quando abordamos as experiências de vida nesta dissertação as compreendemos como momentos vivenciados a partir de pessoas na sua integralidade, corpos vivos que atribuem significados ao que lhes acontece. Entendemos, a partir do que foi explicado por Husserl (1901/2015), que a vivência, não pode prescindir de uma experiência, ao mesmo tempo que convoca a sua significação, a partir da intencionalidade que é própria da condição humana.

Nesta pesquisa, consideramos, portanto, que seria equivocado dizer que tratamos apenas dos aspectos vivenciados na sua qualidade de vivência, visto que a experiência faz parte desse vivenciar. Por esse motivo e para efeitos desta dissertação, quando escrevemos experiências de vida, estamos dizendo destes aspectos que passam pelas experiências cotidianas (*Erfahrung*) e contém a significação dada pelas participantes da pesquisa, sendo, portanto, vivências (*Erlebnis*). Conhecer tal experiência de vida, concebida como vivências das trabalhadoras do SUAS é possível a partir do método fenomenológico, que será melhor desenvolvido na próxima seção.



Uma xícara de chá

Um mestre japonês durante a Era Meiji (1868-1912) recebeu um professor universitário que veio inquirir sobre o zen. Este iniciou um longo discurso sobre seus estudos formais. Havia lido e se debruçado sobre os grandes tratados budistas e falava acerca deles com desenvoltura.

O mestre zen, enquanto isso, serviu o chá. Encheu completamente a xícara de seu visitante, e continuou a enchê-la, derramando chá pela borda.

O professor, vendo o excesso se derramando, não pôde mais se conter e disse:

- Está muito cheio. Não cabe mais chá!

- Assim como esta xícara – disse o mestre -, você está cheio de suas próprias opiniões e especulações. Como posso eu lhe demonstrar o Zen sem você primeiro esvaziar sua xícara?

(COEN, 2015, p. 73).

3 PERCURSO METOLÓGICO

A pequena história acima escrita se trata de um *koan*, conhecidos por serem pequenos diálogos, ditados ou anedotas muito utilizados na cultura oriental, em especial no budismo zen, para explicar, analisar e interpretar uma questão em específico (Heine & Wright, 2000). Não queremos adentrar na temática do estudo zen, mas consideramos uma clara anedota sobre o percurso metodológico que tivemos por pretensão seguir neste trabalho: esvaziar “nossa xícara” para que as próprias profissionais pudessem trazer sua história de vida e contribuir para a pesquisa científica.

Assim sendo, nós realizamos uma pesquisa fenomenológica-empírica (Giorgi & Sousa, 2010; Feijoo & Goto, 2016; Goto, Costa & Schievano, 2019), que tem por objetivo a identificação e discussão das vivências psicológicas das experiências vividas, a partir de entrevistas, para compreendermos como as experiências de vida influenciaram a formação e atuação profissional de trabalhadoras do SUAS.

Consideramos essencial, então, que o tipo de pesquisa utilizada nesse percurso levasse em consideração a historicidade, dinamicidade e subjetividade das participantes. Dessa forma, consideramos a pesquisa qualitativa como o percurso mais coerente a seguir, pois esta . . . responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p.21).

Sobre as entrevistadas, partimos do princípio de que por terem sido as pessoas que vivenciaram a experiência, elas têm a possibilidade de compartilhar ou não suas histórias, assim como têm a abertura de contar da forma que lhes é mais confortável. Nesse sentido, Moreira (2004) aponta que o método permite a quem está pesquisando não enxergar objetos

da pesquisa que trouxeram alguma verdade rigorosa, mas sim, sujeitos-colaboradores que possibilitam o aprendizado com quem já vivenciou o tema estudado.

3.1 COMO ESTRATÉGIA: DAR VOZ ÀS PARTICIPANTES

Neste enquadre, a estratégia de pesquisa utilizada foi a redução fenomenológica. Creswell (2013) apresenta que, sinteticamente, o foco do método está no fenômeno e na essência das experiências vividas pelas pessoas. A partir de Merleau-Ponty (1945/1996), entendemos “essência” como aquilo que é inerente ao fenômeno e que se passa na existência no mundo prévio à reflexão. Dessa forma, nossa busca pela essência se deu propriamente no significado da experiência de vida das participantes da pesquisa.

Entende-se que a redução é a base da construção da Fenomenologia, visto que Husserl desde o início do seu pensamento indicava uma crise das ciências da época que consideravam positivismo como o único modelo aceitável para a produção do conhecimento. Este modo de produzir conhecimento é fundamentado nas ciências naturais – como a Física e a Química -, as concepções matemáticas antecedem a observação e a experimentação. Tais ideias precisam ser claras e simples, funcionando como um instrumento privilegiado de análise, uma lógica de investigação e um modelo de representação da estrutura da matéria. Ou seja, nessa perspectiva, o rigor científico se funda no rigor das medições, conhecer significa quantificar. E o que não é passível desse processo é considerado como irrelevante cientificamente, ou seja, a construção de leis tem por função prever, agir e dominar a natureza (Santos, 2008).

Um dos componentes do modelo positivista é a concepção psicologista de construção do conhecimento. Nela se entende que a Psicologia deveria oferecer uma fundamentação teórica para a construção de uma técnica lógica, isto é, o ato de conhecer é um acontecimento psíquico. Entretanto, para Husserl o erro dessa forma de aquisição de conhecimento é

fundamentar a lógica a partir de leis causais da natureza. De acordo com Tourinho (2013, p. 38)

Husserl deixa-nos claro que, ao identificar as leis do conteúdo do ato com as leis que regulam o processo psicológico, os psicologistas acabam por fazer com que a verdade que constitui o conteúdo do ato dependa diretamente do processo psíquico, isto é, da constituição da natureza humana, o que inevitavelmente nos levaria a afirmar que tal verdade não existiria, se não existisse essa constituição.

A Fenomenologia se funda, então, com o intuito de “atingir uma visão intelectual sobre os modos de conhecimento ... bem como sobre as doações de sentido e validades objetivas que, como tais modos de conhecimento, por essência se constituem” (Husserl, 1901/2015, p.01). Isto significa que as ciências naturais possuem seu campo de atuação. Entretanto, este campo não deve se estender para além de suas possibilidades, como para a Filosofia e Psicologia, que têm por base o estudo da consciência. Faz-se necessária, então, uma atitude antinatural, sair dessa posição de pesquisador que domina a natureza. Missaggia (2017, p. 802) aponta que “a redução envolve a suspensão de juízo sobre a existência dos objetos do mundo e a atitude de passar a atenção dos objetos de nossa experiência para o modo como eles são experienciados”.

Como vimos anteriormente, Husserl vai desenvolver a partir do conceito de intencionalidade a sua concepção de consciência, que é um fluxo de vivências. Para o filósofo, uma forma de se chegar às vivências intencionais nesse fluxo onde também se dão dados não-intencionais, é a redução fenomenológica, possibilidade de sair da posição natural empreendida pelo positivismo e chegar à essência daquilo que se mostra: o fenômeno. Nas palavras do autor:

Em vez, portanto, de viver ingenuamente na experiência e de investigar teoricamente aquilo que se experimenta, a natureza transcendente, efetuamos a redução

fenomenológica. Noutras palavras: em vez de efetuar de modo ingênuo os atos de competência da consciência constituinte da natureza com suas teses transcendentais, e de nos deixar determinar a sempre novas teses transcendentais pelas motivações neles contidas -, nós colocamos todas essas teses “fora de ação”, não compartilhamos delas; dirigimos nosso olhar que apreende e investiga teoricamente para a consciência pura em seu próprio absoluto. Isso, portanto, é o que resta como resíduo fenomenológico que se buscava, e resta, embora tenhamos “posto” o mundo inteiro, com todas as coisas, os seres vivos, os homens, inclusive nos mesmos, “fora de circuito”. Não perdemos propriamente nada, mas ganhamos todo o ser absoluto, o qual, corretamente entendido, abriga todas as transcendências mundanas, as “constitui” em si (Husserl, 1913/2006, p. 117).

É importante destacar que por não se dar de forma canônica e por estar em constante construção, há uma variedade de modos para se conduzir a metodologia fenomenológica, sendo o ponto de convergência a postura do pesquisador voltada para a descrição dos fenômenos evitando o ímpeto de partir dos conhecimentos prévios.

Em nosso posicionamento perante a realização da pesquisa consideramos essencial a realização da redução fenomenológica, ao mesmo tempo, compreendemos que ao chegar nos resultados da pesquisa, deve-se assumir seu posicionamento no mundo saindo do “parênteses” – posição de suspensão dos julgamentos e teorias – e dialogar de forma a se colocar criticamente diante do que foi produzido “na medida em que neste momento da pesquisa, talvez mais que em qualquer outro, os vários significados emergentes, bem como a atitude subjetiva do pesquisador, terão múltiplos contornos, que incluem contornos políticos e ideológicos sempre” (Moreira, 2004, p. 455).

Para estudar a experiência de vida como formação profissional o campo escolhido foi o Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Essa decisão foi baseada em contato anterior

da pesquisadora com a política pública por ocasião de outras pesquisas realizadas no campo da Assistência Social (Silva, Sousa & Andrade, 2019).

Como instrumento de pesquisa utilizamos uma entrevista aberta que teve por função realizar uma descrição minuciosa do fenômeno que está sendo estudando a partir da postura de redução fenomenológica. Em cada entrevista, houve uma única pergunta promotora do início da conversa com o seguinte conteúdo: “Conte-me tão detalhadamente quanto possível como suas experiências de vida influenciaram suas escolhas, formação e atuação profissional”, de modo a possibilitar que as colaboradoras pudessem se expressar aos seus modos, fazendo com que pesquisadora pudesse “captar o sentido ou o significado da vivência para a pessoa em determinadas situações, por ela experienciadas em seu existir cotidiano” (Forghieri, 1993, p. 59).

Como critério de inclusão de participantes foram convidadas profissionais que atuam na Assistência Social na região de Londrina desde seu início de sua formalização enquanto política pública. Este critério foi considerado a partir de um prévio conhecimento da atuação enfática das profissionais na história de desenvolvimento do SUAS na região. Como critério de exclusão consideramos exclusivamente profissionais da área do Serviço Social, visto que outras áreas de saber foram incluídas no SUAS posteriormente. Entrevistamos profissionais que tiveram disponibilidade para participar da entrevista e concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (em apêndice).

Convidamos as trabalhadoras por mensagens telefônicas, a partir da rede de relações da pesquisadora. Como outro procedimento de contato e seleção de participantes, a partir das primeiras entrevistadas houve a indicação de outras trabalhadoras para contato para verificação de interesse e disponibilidade para serem entrevistadas. Devido à pandemia de COVID-19, as entrevistas foram realizadas exclusivamente na modalidade online por vídeo conferências e tiveram uma hora de duração, em média.

Foram convidadas oito assistentes sociais e cinco colaboraram em participar da pesquisa, estas com idades entre 49 e 57 anos, formadas em Serviço Social pela Universidade Estadual de Londrina e atuantes, desde o fim da década de 1980 e começo da década de 1990, na prefeitura do município de Londrina - Paraná. Nesse aspecto, um adendo que se faz importante. Este não é um texto propriamente construído com finalidade biográfica, ainda que utilizemos suas histórias particulares. Como aponta Giorgi e Souza (2010, p.89) sobre as particularidades pessoais: “. . . o papel que desempenham é na especificação do significado psicológico sobre o tema de estudo e não no esclarecimento de eventuais aspectos da vida da pessoa”. Ou seja, o que está em jogo é a descrição das experiências para construção de um conhecimento geral, a partir de sentidos individuais e coletivos.

3.2 PERCURSO DE DESCOBERTAS

Os dados coletados foram analisados a partir do método fenomenológico de investigação em Psicologia proposto por Giorgi e Sousa (2010) e complementado por Feijoo & Goto, (2016) e Goto, Costa & Schievano (2019). Esta escolha se deu porque o método fenomenológico possui muitas possibilidades de análise, a maioria delas provindas da Filosofia. A partir de tal método foi adotada uma estrutura de análise de dados construída especificamente para pesquisas em Psicologia priorizando os sentidos das falas dos sujeitos-colaboradores, onde se faz possível encontrar a síntese psicológica do fenômeno estudado.

Nesse procedimento de análise de dados, o percurso foi composto de quatro etapas em que se manteve a postura de redução fenomenológica da pesquisadora. A primeira etapa consistiu no estabelecimento do sentido geral, isto é: após a transcrição completa das entrevistas a pesquisadora leu o conteúdo com o objetivo único de apreender o sentido geral da transcrição, o sentido da experiência investigada em sua amplitude. Não houve foco e tampouco construção de hipóteses prévias às entrevistas.

Ao encontrar o sentido geral de cada entrevista, na realização da primeira etapa de análise de dados, vimos também uma forma de apresentar nossas participantes neste texto, pois entendemos que as identificar por números, ou apenas letras, seria incoerente em um espaço onde buscamos nos distanciar da dicotomia sujeito-objeto. Assim, como forma de nomeação, passaremos a nos referir às participantes a partir do sentido geral que se manifestou em cada uma das entrevistas:

- a) O sentido que emergiu com mais ênfase na primeira entrevista foi sobre a gratidão tanto em relação à família, amigos, estudos e trabalho. Sendo assim, daqui em diante nossa primeira entrevistada será referida como: **Grata**.
- b) Na segunda entrevista, o sentido principal foi a responsabilidade. Tanto de forma explícita como de maneira mais velada, onde foi possível encontrar na leitura atenta, esse sentido permeou toda a conversa sobre as experiências de vida. Por isso ela será referida como: **Responsável**.
- c) Na terceira entrevista o sentido que mais ficou evidente foi a ação. Desde sua infância a participante agiu a partir de seus incômodos e entendimentos sobre uma vida de direitos garantidos. Dessa forma ela será referida como: **Ativa**.
- d) **Trajetória**, será como vamos nos referir sobre a quarta entrevistada. Esse sentido manifestou-se durante a primeira análise, visto que a participante esteve aberta para diferentes percursos durante sua vivência profissional, e demonstrou grande disponibilidade durante a entrevista em rememorar e revisitar seus caminhos percorridos.
- e) Por fim, vamos nos referir à quinta entrevistada como: **Comprometida**. Tal sentido foi observado ao decorrer de toda a conversa e demonstra como a participante vem caminhando na sua formação e atuação profissional.

Na segunda etapa, foi realizada a divisão das unidades de significado: após a leitura e uma apreensão do sentido geral das entrevistas foi retomada a leitura das entrevistas com o objetivo prático de dividi-las em partes menores para a obtenção das unidades de significado, entendidos como os sentidos das ideias ou temas que aparecem na fala dos sujeitos-colaboradores (Siani, Correia & Las Casas, 2016). Para isso foram feitas novas leituras das entrevistas impressas em papel e, em cores diferentes, sendo grifados os trechos de acordo o significado encontrado. De acordo com Andrade & Holanda (2010, p.266), “esse passo é necessário, pois não se pode analisar um texto inteiro simultaneamente, devendo-se separá-lo em unidades significativas, que emergem sempre que se percebe uma mudança psicologicamente sensível de significado da situação para o sujeito”.

As unidades de significado (US) que encontramos ao decorrer da segunda etapa foram: a) Saúde; b) Evento de história de vida memorável; c) Vivências com familiares e amigos; d) Vivências de trabalho; e) Formação acadêmica como grande direcionamento; f) Assistência Social como direito; g) Processos de trabalho; h) Situação atual da Assistência Social; i) Coletivo de profissionais; j) Histórico de construção da política de Assistência Social; k) Revisão da própria história.

Para uma melhor organização e visualização dos conteúdos encontrados nos grifos das entrevistas impressas, foi criada uma tabela no *Word* com 5 colunas, uma para cada entrevistada e 11 linhas uma para cada unidade de significado encontrada. Então, os conteúdos de cada unidade de significado foram copiados em seu espaço determinado, de forma a agrupar cada trecho em seu significado correspondente. Esta atividade permitiu uma observação por cores de quais conteúdos foram mais trazidos por cada entrevistada, o que auxiliou a continuação do processo de análise de dados.

Ainda que, ao decorrer da pesquisa, seja possível identificar as 11 unidades de significado acima descritas, salientamos que estes são os primeiros conteúdos que

encontramos no processo para se chegar ao sentido geral das entrevistas. Ou seja, trata-se da descrição passo-a-passo do processo de se chegar ao sentido geral na quarta etapa.

A terceira etapa consistiu na transformação das unidades de significado descritas acima em expressões de caráter psicológico: a pesquisadora buscou um aprofundamento do significado das descrições dos sujeitos-colaboradores. Os sentidos foram retirados em relação ao tema de estudo e não à vida pessoal das participantes, como se daria em um acompanhamento psicológico, ou seja, foram investigadas as experiências e não os indivíduos (Giorgi & Sousa, 2010). Para isso criou-se uma segunda tabela, agora mais sintética, apenas com alguns trechos de exemplos e expressões da Psicologia que foram sendo identificados durante novas leituras. Esse procedimento possibilitou uma compreensão mais aprofundada.

Nesta etapa as vivências das participantes se tornaram mais claras e pudemos perceber aspectos importantes como: a importância do contexto e exemplo familiar, empatia, (des)construção de identidades. Tais elementos possibilitaram nosso avanço para a quarta etapa, os sentidos invariantes das entrevistas.

No quarto momento, realizou-se a descrição da estrutura geral de significados psicológicos, com o objetivo de se aproximar da experiência vivida pelos sujeito-colaboradores a partir da síntese das unidades de significado elencadas nas etapas anteriores. Foi criada uma terceira tabela com apenas algumas palavras para organização, nesta etapa, chegamos aos sentidos invariantes que pertencem às unidades de significado, sendo estes três elementos entendidos como os constituintes essenciais da experiência. São eles:

- a) o incômodo com a desigualdade social;
- b) compromisso com a formação, profissão e mudança da realidade social desigual;
- c) disponibilidade e abertura para as experiências relacionadas à construção da própria carreira e do SUAS.

Corroborando com o processo metodológico descrito por Goto, Costa e Schievano (2019), acrescentamos um quinto passo de análise das entrevistas, de forma que para além de realizar uma análise hermenêutica, realizamos também um estudo sobre as vivências psicológicas das experiências de vida das trabalhadoras encontradas a partir da estrutura geral dos significados encontrados nas etapas anteriores.

Os elementos encontrados na quarta e quinta etapa da análise de dados foram desenvolvidos na quinta seção da dissertação, pois consideramos que para contextualizarmos os resultados encontrados se fez importante, em um momento anterior, apresentamos as cinco participantes e também mostramos o cenário e pano de fundo a partir do qual foi possível as vivências das entrevistadas: o Sistema Único de Assistência Social (SUAS).



Identidade

Nilvania Gomes

Quem é aquela senhora com 80 anos de história?
Vestida de transformações, dona de olhar tão confiante
Ela vislumbra liberdade, encerra lutas na memória
Traz resiliência na bagagem e o atributo de ser atuante.
Sua postura política e protagonismo, apontam tendências
De aprimoramento, de comprometimento, de ação
E ela reconhece perspectivas, vê além das aparências,
Contribui para o empoderamento e democratiza a participação.
Em seu futuro existem inúmeros desafios:
Empregar teoria, reflexão, ética e dialética, decifrar o social
Em seu discurso há poesia, há realidade e crítica;
Uma nova ordem societária, é seu objetivo profissional.
Ela é a profissão de homens e de mulheres
Uma profissão análoga à Constituição Federal
Profissão que se reinventa, que assiste, que orienta
Digníssima senhora é o Serviço Social (Gomes, 2016^{IV}).

^{IV} Poesia criada por Nilvania Gomes, vencedora do concurso de poesia do 4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais em 2016.

4 PERSONAGENS E CENÁRIO: HISTÓRIAS DE VIDA, UMA HISTÓRIA DE CONSTRUÇÃO

Realizar uma pesquisa em que seu objetivo consiste em compreender como as experiências de vida influenciaram a formação e atuação profissional implica em mergulhar nas lembranças das participantes e encontrar o sentido das experiências vivenciadas, sabendo que essas experiências não são isoladas, mas acontecem em um momento histórico, em um espaço físico e compartilhado por outras pessoas.

A isto denominamos “cenário” que dentro dessa pesquisa se refere ao contexto de trabalho das colaboradoras, que teve destaque em todas as entrevistas realizadas, e que apresenta sua relevância também por ser considerado por Eugene Fink (2011), como um dos fenômenos fundamentais da existência humana. Para o autor, o trabalho seria a própria possibilidade de constituição da história do ser. Isto porque o ser humano, conhecedor de sua transitoriedade, possui carências como: fome, sede, abrigo, vestimenta, dentre outros. Tais necessidades são supridas pela capacidade inventiva das ações humanas que transformam a natureza e possibilitam o suprimento destas.

Esta produção humana traz uma certa sensação de poder, visto que a partir destas transformações, os indivíduos se diferenciam dos outros animais, ultrapassando a simples satisfação de necessidades naturais e própria possibilidade de liberdade, ao mesmo tempo que transforma o estado selvagem da natureza em paisagem cultural. Nesse sentido, o trabalho traz para o ser-humano a superação do “estado selvagem” onde não existe uma historicidade. De acordo com o exemplo do autor no livro Fenômenos Fundamentais da Existência Humana (Fink,2011) uma árvore pode passar centenas de anos na natureza, porém ao ser derrubada por uma tempestade ela simplesmente apodrece.

Este cenário que apresentaremos na pesquisa representa, também, um aspecto muito importante no referencial fenomenológico: a facticidade do mundo. Este conceito nos remete

ao entendimento de que somos livres dentro de um contexto, ou seja, somos circunscritos por fatos que não dependem da nossa escolha, “o “caráter estrutural e teleológico” da “vida em si” refere-se ao “caráter intencional” da vida, isto é, mostra que ela vive sempre em possibilidades, em situações, dadas em um mundo” (Leite, 2019, p.185). Nascemos de determinados progenitores em data e local específicos e mesmo que não queiramos morreremos, a vida é permeada por inúmeras e constantes estruturas já dadas. Ou seja, a vida humana é constituída em um mundo prévio. Nas palavras de Ramos (2009, p. 58):

. . .uma vez que o sujeito se enraíza na natureza e mantém com ela uma relação umbilical (mais precisamente, ele “nasce” na e pela natureza), simplesmente não é possível descrevê-lo como aquele que constitui o mundo. O mundo já está lá, antes de nós, e permanecemos ligados a ele por uma doxa originária.

Nesse sentido, nos sustentamos na premissa fenomenológica de que assim como não há separação entre ser humano e sua consciência, como explicado na seção dois, não há separação entre ser humano e mundo, o que há é o ser-no-mundo (Rosmaninho, 2015).

Ainda que Husserl tenha desenvolvido a questão do mundo da vida (*Lebenswelt*) principalmente em suas últimas obras, esta temática foi retomada por Merleau-Ponty com maior centralidade em sua obra (Moreira, 2010). Já na introdução de sua tese “Fenomenologia da Percepção” (1945/1996), o autor apresenta a noção sobre as dimensões da história, que ocorre em um fluxo contínuo, e estão carregadas de sentidos prévios ao nascimento do indivíduo. Ele nos diz que:

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na interseção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é, portanto, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam uma unidade pela retomada de

minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha (Merleau-Ponty, 1945/1996, p. 18).

Uma das formas de se rememorar, elaborar e transmitir essas experiências é o que chamamos de narrativas, elemento que teve uma grande importância nesta pesquisa pois, através delas, foi possível visualizar a relação entre um tempo histórico e de histórias de vida, para então buscarmos os aspectos psicológicos das vivências. Como aponta Delory-Momberger (2012 citado em Silva, 2015, p. 249):

. . . não há vida humana sem narrativa, pois as pessoas vivem suas vidas, contando-as, tanto para si mesmas como para os outros. Não há vida sem narrativa porque não há humanidade sem história. E a história é contada a partir das narrativas, pois são elas que visibilizam as experiências vividas.

Levando em consideração a facticidade do mundo, consideramos importante dedicar uma subseção à apresentação do SUAS (Sistema Único de Assistência Social) que apareceu como cenário das histórias de vida e formação profissional das participantes, como nos aponta a entrevistada Grata:

. . . eu falo de mim, mas assim, eu falo de um coletivo de profissionais que assim como eu tem uma história muito parecida, no âmbito profissional né, assim, cada um tem uma história de vida, como chega nisso tudo, mas de um coletivo de pessoas que o compromisso, a vontade de ver acontecer era maior que tudo (Grata).

Esta vontade de acontecer relatada na entrevista está relacionada com o momento histórico no qual se deu a formação e a carreira profissional das trabalhadoras. Durante suas falas, esse contexto apareceu como cenário de suas vivências, assim como ganhou relevância de personagem próprio. A análise das entrevistas trouxe uma imagem onde se entrelaçam cinco histórias de vida nos seus elementos comuns, tendo como mediador um sexto elemento:

a história da própria política de Assistência Social, como indicam os trechos de falas das participantes:

Acho que passamos por diferentes fases na construção da política pública de Assistência Social (Responsável).

O gostoso dessa história e dessa trajetória da política de Assistência Social, que se mistura com a nossa trajetória profissional, é essa construção coletiva. . . . então assim, você está nesse fluxo de construção e acreditar, acho que acima de tudo é isso, na afirmação daquilo que coloca a Constituição Federal no campo dos direitos e que nenhum desses direitos pode retroceder (Comprometida).

Tornou-se notória a conexão essencial entre as vivências das colaboradoras com seu mundo circundante, nos mostrando que ao mesmo tempo em que se formam histórias particulares, se forma em simultâneo uma história social.

Assim sendo, abordaremos na próxima subseção um pouco deste cenário a partir da sua condição de personagem central das narrativas, e em seguida apresentaremos as histórias de vida narradas pelas colaboradoras.

4.1 UM CENÁRIO DE CONSTRUÇÃO E DE PROTAGONISMO

A história de construção da Assistência Social do Brasil pode ser dividida em quatro períodos que se inicia entre o final do século XIX e começo do século XX. Este primeiro momento tem como principal característica a caridade cristã. No decorrer do século XX, passa a caracterizar-se por ações filantrópicas de perfil higienista, majoritariamente voltadas às crianças. No governo militar, o foco na infância permaneceu com políticas centralizadoras voltadas principalmente aos menores abandonados pelos seus responsáveis legais. O quarto período de construção, trouxe uma grande mudança no que se entende por Assistência Social, pois ela foi enquadrada como um dos tripés da seguridade social, juntamente com a

Previdência e a Saúde. Ou seja, a partir da Constituição de 1988, as normativas apresentam a Assistência Social não mais como caridade, mas como direito (Alves, 2002).

A colaboradora Responsável diz que na sua jornada esteve contida a importância dessa contextualização nos espaços onde esteve.

... qual é o significado de uma política pública? Por que foi implantado uma política pública? Por que ela foi conquistada? Por que a Constituição de 1988 é considerada como uma Constituição cidadã, dos direitos das pessoas, dos cidadãos e cidadãs e de que as situações enfrentadas não são culpa dos indivíduos, mas que os indivíduos são pessoas e famílias que vivem em uma sociedade, em um sistema socioeconômico, cujo sistema não proporciona acesso e que produz pobreza, desigualdades? Isso é também extremamente importante, a gente desmistificar essas questões (Responsável).

Como nos apresenta a colaboradora Ativa, esse processo de construção de uma Constituição cidadã, de uma nova possibilidade de vida, principalmente após o período militar, não foi apenas de uma categoria ou de profissionais graduados, mas uma conquista da população e esteve muito presente em seu contexto familiar, sendo que esta luta fez parte de suas experiências de vida desde a infância.

E eu cresci com a minha mãe fazendo bandeira, a gente indo para a rua. Naquela perspectiva que a gente precisava viver, o povo brasileiro precisava viver uma condição de vida melhor... isso, sabe é lógico que eu não entendia direito o que estava acontecendo, mas sabia que a família estava lutando para que tivéssemos, não só nós, mas que as pessoas e as famílias tivessem condição de vida... E aí eu lembro da minha mãe explicar que a gente tinha que mudar isso e todo brasileiro devia ter direito à saúde, direito à casa, direito à vida digna... Então, esse olhar, que na realidade a gente não entendia muito, mas foi contribuindo para essa visão de que as pessoas precisam ter direitos, as pessoas precisam ter acesso aos direitos, porque

não bastou a Constituição. Por exemplo, tem investimento na política de Assistência Social pelo menos uns 12 anos, que começou a ter financiamento, então era uma luta que eu lembro. Não basta ter direitos, tem que ter acesso aos direitos (Ativa).

A fala acima remete à questão a qual a formalização da Constituição de 1988 não foi suficiente para efetivamente mudar o modo como as ações da Assistência Social vinham sendo desenvolvidas. Isso porque ainda se fazia presente uma herança clientelista e assistencialista muito forte (Romagnoli, 2016). Grata relembra que esse período foi vivenciado com grande expectativa:

Durante a faculdade, então ontem eu estava me recordando né, porque a Assistência, então a gente estava ali, a participação, o CA [centro acadêmico], a gente fazia e estudando com alguns professores que estavam retornando do mestrado, do doutorado e fazendo um começo das políticas públicas em 1988. Eu entro na faculdade em 1989. Todas aquelas conquistas em 1990 e 1991, e o pessoal da Assistência nada né, só que a Assistência estava lá na Constituição no tripé da seguridade com a saúde. E a previdência entrou, e a Assistência entrou, e a gente ficou: “e aí como é que vai ser isso?”. E aquele movimento no Brasil e a gente acompanhava pela universidade (Grata).

Ainda que houvesse uma previsão legal na Constituição de 1988, foi apenas no ano de 1993, a partir da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), que se firma uma maior concretude ao ideal que foi implantado pela Constituição Federal, pois a lei apresentou objetivos, diretrizes, formas de gestão, e reafirmou a Assistência Social como política pública que deveria ser financiada pelo poder público e contar com a participação popular.

No início desse mesmo ano de 1993, pela primeira vez na história da cidade de Londrina-PR foi implantada a Secretaria Municipal de Ação Social. Até essa data, as atividades desse campo estavam diretamente vinculadas no município à saúde e educação,

pertencendo à secretaria de Saúde Coletiva e Promoção Social (Souza, 2006). Lopes (1999) resgata que o resultado da criação da secretaria foi um processo que havia se iniciado há anos, tendo forte atuação dos profissionais assistentes sociais, de entidades da categoria e da Universidade Estadual de Londrina. A importância dessa conquista se tratou da delimitação do campo de atuação da Assistência Social, como um órgão técnico-político com uma estrutura jurídico e administrativa junto à prefeitura. Neste período, as entrevistadas estavam prestes a se formar na universidade ou eram recém-formadas. A colaboradora Trajetória relembra desta época afirmando que foi:

. . . muito importante a gente conseguir delimitar qual é o campo de atuação da Assistência Social, porque tudo o que ninguém fazia, a Assistência Social que tinha que assumir, tinha que assumir pela lacuna dos outros, e assim, Londrina viveu uma efervescência nesse período. A gente tinha uma ligação muito forte com a universidade, na época que a secretaria [municipal de Ação Social] estava começando e também coisas muito importantes acontecendo, por exemplo a secretaria foi implantada no mesmo ano da aprovação da LOAS, ou seja, a discussão da lei estava acontecendo e a secretaria no seu primeiro ano de existência, isso tudo foi trazendo também protagonismo para quem estava na secretaria (Trajetória).

Exceto por Responsável (que era assistente social concursada desde 1987), o ano de 1995 foi um marco na história profissional de nossas colaboradoras, visto o concurso em que quatro delas entram oficialmente na prefeitura de Londrina. Grata já vinha trabalhando para o município como contrato temporário por dois anos; Trajetória estava como temporária há três meses; Ativa estava na prefeitura na condição de celetista e passou a integrar o quadro de funcionárias como estatutária e, por fim, Comprometida passou a atuar na prefeitura de Londrina pela primeira vez como profissional formada.

Para além da abertura de vagas para profissionais concursados o ano de 1995 também foi importante na história da cidade, pois se realizou a primeira Conferência Municipal de Assistência Social e eleito o primeiro conselho municipal da Assistência Social (Lopes, 1999). Sobre esse período a entrevistada Responsável diz:

Então foi todo um processo de organização mesmo dessa política pública, de organização de benefícios e serviços, de processos democráticos e participativos na política de Assistência Social , então, o conselho municipal de Assistência Social de Londrina foi criado em 1995, se não me engano, foi a primeira cidade do Paraná a criar o Conselho, e posteriormente também, conquistando a participação de usuários e usuárias como integrantes do Conselho municipal de Assistência Social, então assim, peguei um processo junto com toda uma equipe, que era pequena, mas do processo inicial mesmo de implantação (Responsável).

A partir da fala acima é possível identificar uma temática que foi muito presente em todas as entrevistas: o sentido de construção a partir de um coletivo de profissionais muito dispostos e implicados na construção da política pública, o que foi fundamental, visto que era muito forte na época uma resistência daqueles que realizavam ações filantrópicas na cidade, gerando uma contradição entre o entendimento da Assistência Social como direito *versus* filantropia (Alves, 2002). A participante Ativa disse sobre como essa atuação em conjunto proporcionou experiências para a sua formação profissional:

Também eu sempre tive o privilégio de trabalhar com pessoas que além de atuarem no SUAS também militou no SUAS, construindo, propondo, procurando contribuir para a construção dessa política que estava... apesar de que ainda é frágil, mas naquele momento era mais ainda, né. Nessa perspectiva de fortalecer, essas amigas, assim, muitas estão se aposentando agora, mas elas foram fundamentais também nesse processo de formação da minha vida profissional (Ativa).

Esta fala acima remete à uma noção que ficou também muito clara na retomada histórica que as profissionais entrevistadas trouxeram em seus relatos e as posteriores revisões bibliográficas (como, por exemplo, Lopes, 1999; Alves, 2002; Souza, 2006): o entendimento de que a construção não se deu de forma imediata. A colaboradora Grata comenta que foi um longo percurso até a efetivação na prática de trabalho diária da delimitação do espaço da Assistência Social:

Para a educação era o ensino e a escola, a saúde era né... a saúde a unidade básica, o serviço prestado na alta, na média. A gente não tinha... então a ponto das outras políticas olharem: o que eles vão fazer agora se eles não vão cuidar de creche? Mas foi quando a gente pôde começar a então, construir os nossos serviços. O campo da política, o que são os serviços, o que é nosso..., mas isso também foram lutas que a gente foi travando dentro da própria prefeitura de Londrina para ter esse outro olhar, instituir a política toda com o olhar da garantia de direitos, visando a garantia de direitos, e não da forma clientelista. Eu me lembro o primeiro serviço da secretaria chamava "Centro de Atendimento à População" e ele foi colocado exatamente no mesmo lugar onde um senhor que estava lá na prefeitura, que foi colocado pelo prefeito, que chamava "Porta da Esperança", então a gente foi ocupar o mesmo lugar, nós fomos ocupar o mesmo lugar do clientelismo. Imagina nas relações. Se o espaço era o espaço do clientelismo, do populismo deste tipo de relação, você imagina a relação como era. E nós fomos começar ali (Grata).

Podemos dizer que ainda hoje não é um processo terminado, mesmo após tantas conquistas que vêm sendo descritas nesse breve recorte histórico, ainda é necessária a contínua construção da Assistência Social como um direito constitucionalmente garantido. Sobre este processo Ativa diz:

. . . e as vezes você tem que falar uma vez, duas vezes, eu falo que eu arranco paciência das minhas entranhas, né para retomar toda vez que isso aparece, porque isso faz parte da proteção também da outra pessoa, do outro serviço, como é visto o nosso trabalho e também as famílias que usam o serviço... eu falo para os meus companheiros, a gente não pode perder a paciência porque a gente não pode deixar de responder, e nem responder de forma agressiva, apesar de que de vez em quando vem de uma forma bem agressiva, mas a gente tem que ter essa paciência (Ativa).

Souza (2006) apresenta que, entre os anos de 1997-2000, a gestão municipal não teve por foco a visão da Assistência Social como um direito da população. A partir do ano de 2001, houve uma retomada de trabalhos mais específicos em políticas públicas sendo que, em 2002, ocorreu uma alteração da legislação municipal buscando maior aproximação com as prerrogativas da LOAS. A secretaria responsável por essa área passa a ser denominada Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) e seus principais objetivos remetem ao enfrentamento da pobreza, articulação com a rede e geração de renda e capacitação profissional. Neste mesmo ano, são contratados mais funcionários e se busca maior desenvolvimento e capacitações (Almeida, 2006).

Em 2003, oito Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) são implementados na cidade de forma a promover a descentralização dos serviços ofertados à população e inserção nos territórios (Aragão, 2009). O que é interessante de pontuar sobre esse período é que antes mesmo dessa formalização o coletivo de profissionais do município já caminhava de forma ordenada para a consolidação de uma política nacional, como foi destacado pela profissional Trajetória:

E assim a nossa vivência de construção a gente começou a discutir CRAS aqui ... a gente começou a analisar o que está em determinado território, a ação comunitária funcionava assim: você tinha uma identificação no CAP que era o Centro de

Atendimento à População de quais os bairros de onde vinha maior número de famílias em procura de atendimento, isso definia quais bairros estavam demandando mais assistência, portanto alguns bairros que precisavam ter atendimento lá. E aí nós começamos a ter atendimento descentralizado, e chegou um momento em que a gente pensou, "bom, então nós vamos ter que ter Centros Regionais de Assistência Social", a sigla é CRAS [Centro de Referência de Assistência Social] também ... E começamos a discutir quem estava lá naqueles lugares, interessante, a gente começava a falar, bom então lá nos temos um assistente social, temos um motorista que já atende, aí que surgiu a ideia de fazer o CRAS em Londrina, nós implantamos os CRAS dessa forma, e depois essas experiências todas nós pudemos levar para a discussão nacional quando a gente teve a oportunidade de fazer, participar da elaboração da política, e foi muito legal porque outros municípios tinham pensado coisas parecidas e a gente se juntou lá em Brasília com coisas muito semelhantes em termos de ideia. Então foi bem, bem legal (Trajetória).

Em consonância com a Constituição de 1998 e com a LOAS, no mês de setembro de 2004 foi aprovada a Política Nacional de Assistência Social (PNAS) e como diretrizes prevê:

a) a descentralização político-administrativa; b) participação da população; c) primazia da responsabilidade do Estado na efetivação da política e d) centralidade da família (BRASIL, 2005). A partir desse processo, a Assistência Social foi estruturada efetivamente como política pública, materializada pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Nessa linha de atuação, em dezembro de 2004, o organograma da Secretaria de Assistência Social foi alterado, ampliando a estrutura de atuação, com foco principal o combate à pobreza (Jonas, 2006).

A fala da participante Comprometida demonstra uma síntese sobre como é uma amálgama a história de vida e história profissional das mulheres participantes dessa pesquisa e a história do SUAS:

Então, você olhar por dentro a construção da política e tendo participado, tendo atuado, tendo ido para a rua, tendo ido para câmara, tendo assinado lá para a câmara dos deputados, para o senado, para que a organização institucional da política fosse sedimentada nas bases em que se avançou até então, é muito gratificante. Então você não está de espectador, mas você dizer, se engajar em grupos que fizeram as discussões, da gente ter gente da nossa terra aqui que esteve no governo federal, que instituiu muito daquilo que está posto hoje ainda para a política de Assistência Social é um orgulho no sentido de que são pessoas da equipe, por exemplo, são vários colegas nossos que os documentos e as normativas que temos hoje que foram essas pessoas que escreveram. Então você não está falando de uma pessoa distante, de autor desconhecido, você está falando de alguém que você convive, que você conhece e que você conhece a prática profissional comprometida com uma mudança de realidade e que acredita que essa política pública tem um lugar e um papel a desempenhar no conjunto da sociedade e que ela é fundamental e que ela não pode perder espaço ... (Comprometida).

Nas próximas subseções, apresentaremos as personagens da pesquisa ao trazemos com mais ênfase suas histórias de vida. Entendemos que são conteúdos relevantes por se tratarem de exemplos importantes sobre o que definimos por vivências na segunda seção. Foram situações em que, na época de suas ocorrências, eram prévias à racionalização e teorias pré-estabelecidas, deram-se nos encontros a partir dos fluxos vividos e que, posteriormente, tiveram impacto sobre a visão de mundo e processo de tomada de decisão das participantes.

4.2 GRATA: “VAI LÁ IRMÃ, É COM VOCÊ”

Grata é uma mulher cis, branca, de 50 anos, heterossexual, casada e mãe de dois filhos. Terminou sua graduação em Serviço Social pela UEL (Universidade Estadual de Londrina) em 1992 e completou o mestrado pela mesma universidade em 2005. A entrevista fluiu de maneira muito leve e descontraída desde o início. Ao narrar a sua história de vida, falou com muito saudosismo e emoção. Contou que desde o convite para a colaboração na pesquisa começou a pensar sobre tudo o que vivenciou. Quando perguntada sobre a recordação de algum evento marcante, ela foi específica:

. . . o evento que me levou para o Serviço Social é: eu morava no caminho da estação ferroviária, então passava o trem da divisa do Mato Grosso com a capital, então a minha casa era muito abordada pelos trecheiros, hoje a gente fala pessoas em situação de rua... a minha casa era muito abordada por pessoas pedindo dinheiro, pedindo comida, para juntar para a passagem do trem, ou para [gestos] aguentar fazer a viagem de trem, minha casa ficava bem na esquina do caminho e a gente era muito abordado, eu fazia então esse olhar, ainda menina, porque que as pessoas pedem tanto dinheiro? Eu me considero... eu tinha tudo, meu pai tinha trabalho, então a gente vivia do trabalho dele, tudo muito simples, mas a gente tinha tudo protegido e garantido pelo trabalho do meu pai e as pessoas não tinham trabalho. Essas pessoas, foram as primeiras coisas que foram me chamando a atenção, aí depois começou a ter uma brincadeira na minha casa que quando alguém chamava eles falavam para mim assim: “vai lá irmã”. Eles acharam que eu ia ser freira com essa coisa da caridade, né. Eu era movida pela caridade segundo eles. “Vai lá irmã é com você”, eles diziam.

Conforme Grata foi contando sua história de vida, se tornou possível observar seu processo de desvinculação com a imagem que sua família tinha: a visão de pessoa caridosa e

que queria fazer o bem ao próximo, para uma profissional com uma visão mais ampla e sistemática das situações. Ela comenta:

. . . foi a universidade que traz para mim essa outra visão, esse outro olhar, na medida que a gente vai avançando em conhecimento, em visão de mundo para essa questão do direito e superação dessa visão clientelista, politqueira né, que eu vi muito. Acho que ressignificar e reconstruir tudo, sabe? Porque quando a minha irmã falava "vai lá, irmã que é com você" é lógico que era com olhar da caridade, da religião. O meu pai não era ligado nessas coisas não, mas a minha mãe fazia a gente ir na missa certinho. Então estava ligado à religiosidade da minha mãe. Acho que a universidade traz essa ressignificação, essa abertura.

Podemos considerar que a entrevistada teve a possibilidade durante o ensino superior e atuação profissional de conhecer novas perspectivas do Serviço Social e participar da construção e implementação da Assistência Social como política de Estado, onde existem normativas de orientação construídas a partir das conquistas da Constituição de 1988 e um corpo técnico de profissionais qualificados (Benelli & Costa-Rosa, 2012).

Através das falas de Grata, percebemos que quando era realizada a brincadeira “vai lá irmã, é com você”, estava implícito o entendimento de que a pessoa que questiona a desigualdade social estaria vinculada à uma ação caridosa. A desvinculação da ideia de caridade foi efetivada a partir da saída de Grata de seu núcleo familiar para experimentar a vida em outros espaços. Ela conta que após um período morando em Londrina-PR, município mais populoso que sua cidade natal, sem familiares, e tendo diversas outras experiências proporcionadas pela oportunidade de estudar em uma universidade pública, sua visão de mundo se transformou e houve um tensionamento na dinâmica familiar. Como ela aponta:

Fazer um olhar para o mundo de forma diferente, até porque eu fui criada num modelo bem daquela época ditatorial mesmo, meus pais eram maravilhosos, mas era

o limite que eles tinham... a gente sempre teve nossas diferenças na visão de mundo, porque cada um tem sua história, mas eu os amava demais, então eu parei de confrontar lá. Porque eu só ia visitá-los, eu só ia vê-los, então se eu continuasse nessa linha toda vez que eu ia confrontar eu ia criar uma situação muito complicada na minha relação com eles.

Sua saída desse núcleo para realizar a formação superior possibilitou o questionamento e reformulação dos modos vivenciados pela sua família. A partir de balanços realizados baseados na afetividade por seus membros (principalmente seus pais), Grata conseguiu realizar uma articulação que permitiu uma convivência focada nos pontos em comum e respeito pelas diferenças, o que foi muito evidente em todo o decorrer da entrevista e teve uma conclusão pautada tanto nas recordações familiares como na sua concepção do paradigma da Assistência Social como dever do Estado:

. . . falar da história também me fez lembrar todas essas oportunidades que eu tive, e quando uma família tem garantido os direitos protege, quando uma família tem garantido os direitos exerce a proteção, e consegue de fato impulsionar os seus filhos, enfim, mas se o Estado não garante isso, como essas famílias vão poder fazer isso? Então, você me fez pensar muito nisso também.

4.3 ATIVA: “QUANDO A BOCA NÃO FALA O CORPO BERRA”

Ativa é uma mulher cis, branca, de 50 anos, heterossexual, separada e mãe de dois filhos. Se formou em Serviço Social pela UEL em 1992 e completou o mestrado pela mesma universidade em 2009. Ao ouvir sua história de vida foi possível perceber que ela assumiu papel de agente e, dentro de suas possibilidades, buscou sempre atuar a partir de seu incômodo com desigualdades sociais. Durante a infância, a entrevistada observava sua família tendo uma posição política clara e enfática. Conta que teve um tio assistente social e,

apesar de ele trabalhar em uma perspectiva teórica diferente da que veio a assumir, gostava de ter um membro da família atuante na área. Outros tios também foram pessoas de referência que influenciaram as ações de sua mãe, que via em seus irmãos exemplos de atuação social.

Ativa morou na área rural até os 09 anos e durante a entrevista descreveu as ações da mãe como uma forte influência. Explicou que ela estudou até a 4ª série, mas buscava conhecimento e informações para ministrar aulas de alfabetização de crianças da região. Quando chegou à cidade buscou participar de conselhos, movimentos de greves e das “Diretas Já”.

A partir de tais exemplos, Ativa foi criando sua forma de atuar no mundo e se colocando como uma pessoa que busca soluções, ainda que a princípio de maneira não sistematizada, principalmente por ter começado a tomar atitudes que considerava necessárias desde muito jovem. Sobre tais vivências a entrevistada conta:

. . . um dia eu voltei para casa sem bolsa, sem mochila. Era uma bolsa que meu tio tinha me dado, era uma bolsa tira colo bonita e tinha outra menina também, eu era mais nova. E ela morava num lugar que não era asfaltado. Então os materiais dela chegavam todos sujos, todos bagunçados e eu não... eu passava pelo asfalto, vivia numa situação difícil, mas eu morava no asfalto. Daí ela levava muita bronca das coisas dela estarem sempre sujas, daí eu tirei e dei para ela a minha bolsa.

Este trecho demonstra sua postura de não apenas observar as desigualdades, mas tentar ser resolutiva para as questões que se colocavam nas suas experiências diárias. Tal forma de agir quando criança, na busca de conseguir contribuir para a melhoria de condições de vida de seus conhecidos ocorreu por outras vezes, e teve reflexos na sua futura atuação profissional:

No dia do meu batizado eu ganhei uma correntinha com uma pedrinha de Rubi, minha mãe nunca deixava eu usar, porque afinal de contas era uma joia, né ... e aí quando minha mãe me autorizou a usar, nos primeiros dias eu dei para uma menina que estudava comigo e era muito, muito pobre, e falei para ela vender e comprar comida. Depois de décadas eu encontrei essa menina morando em um território que eu fui atender... eu lembrei dela, a fisionomia não mudou muito e pelo nome eu identifiquei, eu sabia que era ela. Não sei se ela me reconheceu, mas também não toquei nesse assunto.

Durante a entrevista pudemos pensar um pouco sobre o significado dessa vivência e como tal acontecimento teve influência na sua forma de olhar e trabalhar na política de Assistência Social. Ao ser perguntada sobre como havia sido a sensação de ter reencontrado a colega a qual havia dado a correntinha Ativa respondeu:

Não foi uma sensação boa porque ela continuava na mesma situação, agora casada com filhos, o mesmo ar de tristeza, porque a gente sabe e agora mais ainda com a inserção da Psicologia no SUAS que as famílias precisam muito além de comida, de casa, de condições materiais. Precisa ressignificar a vida, precisa ter contato com a história dela, ver o que é possível mudar a partir dessa, de se reconhecer enquanto cidadão e ocupar esses espaços, utilizar os serviços. Então ela estava assim, morando em uma ocupação irregular, com crianças pequenas, e me deu assim... eu lamentei, eu falei assim: nossa, ela não saiu do mesmo contexto, o mesmo, ou até pior agora. Naquele momento eu achava que aquela correntinha que para minha mãe era extremamente importante poderia fazer a diferença na vida dela, talvez ela tenha se sentido especial, por ganhar uma correntinha, tudo, mas não produziu mudanças. Era a imaturidade de querer fazer alguma coisa, mas não saber o que fazer. E também eu tinha dez anos né, não dava para exigir que eu soubesse dessas coisas.

Neste trecho, a colaboradora disse sobre não ter tido uma sensação boa durante o reencontro. Tal aspecto sobre as sensações causadas a partir das vivências foi um ponto interessante nesta entrevista, pois como indicamos brevemente na seção teórica, as vivências são corpóreas, visto que elas se dão e são significadas a partir de um corpo “vivo” (Leib). Esta questão ficou muito clara nos momentos em que Ativa contou tanto sobre vivências de infância acima descritas, como algumas outras que ocorreram durante sua atuação no SUAS.

A partir dos conteúdos trazidos pela colaboradora na entrevista foi possível observar que a participante passou por situações complexas e fortes que a colocaram em contato com grandes desafios, tanto do ponto de vista de uma atividade prática de funções de trabalho da Assistência Social, como do ponto de vista simbólico e experiencial de uma pessoa que pela sua história de vida e profissão se deparou com situações limite e de vulnerabilidade social. Isso pode ser visto nos fragmentos de fala de Ativa que apontam para as sensações corpóreas durante algumas situações de trabalho:

Eu senti uma tontura que eu falo que rodou assim [gestos com o dedo indicador circulando no ar], a sorte que rodou 360 graus, voltou para o mesmo eixo, e sentei. Nossa eu passei muito mal...

Então a hora que eu encaminhei tudo eu passei a não dormir, ele não saía da minha cabeça, eu passei quatro dias sem dormir nada, o meu olho não conseguia mais ficar aberto de tanto que raspava, eu não tinha sono, não tinha. Aí fui para o médico...

. . . tem aquele ditado que diz que quando a boca não fala o corpo berra. Foi exatamente isso que aconteceu comigo.

Esta temática apareceu também em outras entrevistas de maneira mais secundária, onde as colaboradoras relataram doenças e internações hospitalares que foram correlacionadas com as situações experienciadas no trabalho. De forma geral, elas contaram que foram momentos em que puderam se deparar com a centralidade do trabalho em sua

rotina e que após as condições críticas de saúde, passaram a reavaliar a forma como vinham se dedicando às atividades profissionais.

Em específico no caso de Ativa, para promover a melhora de sua saúde, buscou ajuda de profissionais da área (como médico e psicóloga), o que de acordo com a participante foi possível desenvolver maior autoconhecimento e autocuidado para sua atuação profissional. Entretanto, há um adendo importante nessa questão. Tais experiências demonstram que o cuidado passa a ficar a cargo de uma ação individual, ainda que as situações desencadeadoras sejam vivenciadas em ambiente de trabalho.

Infelizmente não tem uma política pública de cuidado dos cuidadores, não tem uma política de atenção aos trabalhadores que lidam com tragédias, a gente tem que pagar isso particular para discutir situações de trabalho. Então assim, passa gestão, entra gestão, entra outra e saí de novo e fala disso, fala que tem que pensar uma proposta de cuidados com os trabalhadores, vira um problema pessoal e não institucional.

Ver essas tragédias, você vê assim, tem coisas que não é possível alguém sobreviver desse jeito, nossa, tem muita gente vivendo com muita dificuldade... sobrevivendo, não é nem vivendo, né. E aí passei com várias outras, mas assim, com controle emocional maior, não que a gente esquece: "ah trabalho, vou desligar a chavinha e vou pensar em outras coisas, não", mas não tem me paralisado...

As vivências pessoais e profissionais não são separadas e, tampouco podem ser compartimentadas em turnos de trabalho, dias úteis, ou períodos de férias. Não há, como apontado pela nossa colaboradora, um “desligar a chavinha”. Há um ser-humano único, completo, que passa por diversas experiências que trazem desafios, aprendizados, incômodos, conquistas...enfim a vida. Como apontado pela entrevistada, há ainda um percurso de

construção e desenvolvimento da política que possibilite para além do cuidado com os usuários do SUAS, o cuidado com aqueles que prestam os serviços.

4.4 “TRAJETÓRIA, ASSISTENTE SOCIAL”

Trajetória é uma mulher cis, branca, de 49 anos, heterossexual, em uma união estável não formalizada. Possui graduação e mestrado em Serviço Social pela UEL, finalizadas respectivamente em 1994 e 2004. Foi uma participante que demonstrou entusiasmo desde o início da entrevista. Ela trouxe diversas partes positivas do seu processo de formação e atuação profissional e momentos de dificuldade do seu percurso foram contados como oportunidades de aprendizado, por esse motivo foi uma entrevista leve e divertida, em que a colaboradora aproveitou para observar o seu próprio caminho. Como ela diz:

É gostoso reviver isso, estou antecipando minha aposentadoria já, fazendo uma biografia aqui com você.

Ai meu Deus do céu, mas acho tem algumas coisas que a gente... eu acho que a tua pesquisa é muito bacana porque a vida vai levando a gente para algumas coisas, então ver como uma coisa desencadeia a outra, né?

Trajetória nasceu em uma cidade do interior em que as oportunidades de estudo se estendiam até o segundo grau. Dessa forma, os pais tinham por objetivo possibilitá-la que estudasse em uma cidade maior para que pudesse adentrar em uma universidade. Restava, então, decidir qual curso seria escolhido.

Ela conta que a princípio pensou em cursos como Pedagogia e Psicologia, mas influenciada pela família prestou Medicina. Ao não passar no vestibular foi amadurecendo o questionamento sobre a graduação e estava decidida a se manter na área de biológicas, decidiu pelo curso de Fisioterapia. Conta que passou duas semanas no curso e então:

. . . desisti completamente no dia que eu fui lá na sala dos cadáveres para conhecer onde que é que a gente ia ter aula de anatomia . . . E uma das coisas que me chamou muito a atenção com a área lá da anatomia, onde eles deixam os cadáveres e tal, foi uma... foi um corpo, eu nem sei se é assim que fala né, mas... um cadáver que estava no tanque de bruços e eu vi o pé dele rachado, então eu fiquei imaginando a trajetória de vida daquela pessoa, daquele ser-humano para estar naquela condição depois de morto. Tudo isso me levando a refletir sobre o que para mim fazia diferença, o que me importava e onde eu poderia ter algum tipo de atuação que eu me identificasse. Aí eu analisei e falei: o Serviço Social vai ser essa...essa profissão. Naquela época era pouquíssimo conhecido, a gente tinha dificuldade até de explicar para a família o que o Serviço Social fazia. Mas começou a me chamar a atenção e falei vou fazer Serviço Social e comecei a conversar com algumas assistentes sociais, inclusive uma que trabalhava lá na minha cidade numa usina de álcool e açúcar, eu falei com ela sobre a experiência de ser assistente social e tal, e ela foi me explicando e eu fui me identificando com aquilo que era a proposta da profissão, sem conhecer muito, mas fazendo essas investigações fui me identificando e aí fiz o vestibular.

A participante conta que ainda assim, procurou outras possibilidades, prestou vestibular de Direito ao acompanhar os primos que vinham para Londrina e passou, cogitou realizar duas graduações em simultâneo, mas por prerrogativas da universidade não foi possível. Continuou no curso de Serviço Social e durante a graduação buscou estágios em empresas e fez seu trabalho de conclusão de curso voltado para o setor de prestação de serviços privados. A princípio considerou que entrar no setor público foi, nas suas palavras:

“um desvio de caminho”.

Entretanto após passar por diversos serviços e esferas de trabalho no SUAS, entrou para o Centro POP, serviço da Assistência Social que promove atendimento a pessoas em

situação de rua, ambiente que se relacionou com sua vivência na aula de anatomia ao ver os pés rachados do homem.

É, foi muito simbólico, por causa disso, é uma coisa... é uma relação, é muito muito intensa e importante que eu também faço, embora tenha trabalhado toda essa trajetória anterior eu acho que ir para o Centro POP, vamos supor, se eu tivesse terminado a minha carreira sem passar pelo Centro POP, talvez não tivesse feito tanto sentido eu ter escolhido Serviço Social, sabe? Foi muito interessante isso, e essa coisa de identificação foi muito boa. Não que seja fácil, é muito difícil trabalhar no Centro POP, é uma realidade muito, muito dura, que a gente se desgasta também pessoalmente, mas é um aprendizado diário, e uma forma diferente da gente encarar muitas coisas, e também se fortalecer para alguns desafios, é muito difícil mesmo.

O ponto de identificação descrito no trecho acima pela entrevistada apareceu em diversos momentos pois, como ela nos contou, ao entrar nas políticas públicas se interessou por participar de conselhos e as experiências tidas nesse espaço lhe geraram questionamentos que a conduziram a buscar o mestrado, para estudar mais sobre as temáticas de interesse e buscar respostas através da universidade. A partir do tema da sua pesquisa, Trajetória foi convidada a participar da esfera estadual da Assistência Social e posteriormente integrou, também, a esfera nacional.

A colaboradora nos diz que os períodos em que esteve em outras localidades aprendeu, desenvolveu os conhecimentos que vinha produzindo desde o mestrado e ao mesmo tempo foi altamente desafiada. Visto que havia muitas mudanças a serem realizadas para o amadurecimento e aplicação das políticas do SUAS, ao mesmo tempo em que havia também muita resistência de profissionais que já tinham sua forma de trabalhar e não queriam mudanças. Nesse período ela diz que seus colegas de trabalho eram como membros da família e seu tempo era quase que exclusivamente voltado ao trabalho. Ela conta que:

. . . o trabalho lá era muitíssimo intenso e a vida da gente era o trabalho, a gente estava lá sozinho, então quer dizer, ninguém estava com família lá, todo mundo... a equipe que foi para trabalhar junto nessa época, a gente fala que a equipe se tinha, nós tínhamos uns aos outros e só. E muita tensão, muita carga de trabalho...

Ainda que em serviços e esferas diferentes, conta uma experiência semelhante à Ativa, em que foi possível identificar situações do trabalho influenciando a saúde. Sobre esta época ela diz:

. . . eu acho que meu organismo, ele reagiu, né... e eu fui parar no hospital, e depois de um tempo eu comecei a refletir, eu falei: bom, então eu acho que eu não estou com condições de saúde para continuar aqui...

Após essa reflexão a colaboradora retornou à Londrina e assumiu atividades na esfera municipal, enquanto continuava seu tratamento de saúde. Foi possível observar em sua fala que a sua identificação com a profissão é muito forte e se tornou parte, inclusive, de uma identidade atribuída pela colaboradora a si mesma. Como pode ser observado nos trechos seguintes:

Eu escolhi ficar no Serviço Social e acho que fiz a escolha certa, porque eu já estava identificada.

. . . eu sou conselheira por natureza.

. . . eu estou falando mais da questão profissional porque a parte família, da influência familiar ela ficou lá atrás, porque depois que eu vim para cá como assistente social concursada essa passou a ser uma identidade minha, sabe? Eu aqui em Londrina eu passei a ser conhecida como a Trajetória^V assistente social, diferente lá na minha cidade de origem que eu era a Trajetória filha né... das pessoas que já tinham uma história lá, então era uma outra relação, eu continuo tendo vínculo com

^V Nome próprio alterado para nome fictício.

a cidade, com as pessoas, com a minha família. E lá é uma relação. E aqui o que me define praticamente é a minha vinculação profissional, então eu nem estaria aqui se não fosse isso, eu não seria uma pessoa que mora em Londrina se não fosse pelo fato de trabalhar aqui. Então isso, por isso que o foco é o trabalho mesmo.

É possível reconhecer na fala da entrevistada uma correlação entre a centralidade do trabalho e a construção de um conceito de identidade. Dizemos construção por ter sido possível observar condições que possibilitaram e favoreceram experiências para que Trajetória pudesse se identificar com um curso de graduação e posteriormente uma profissão. Ter uma família que a incentivou e teve recursos para que pudesse vivenciar momentos que a permitiram uma escolha a partir de um autoconhecimento construído através de suas experiências de vida.

Tal identificação abriu espaço para a construção de uma identidade, o afastamento da imagem de filha, atrelada à família e pessoas conhecidas, para uma identidade profissional, que se tornou majoritária, pois a entrevistada foi realizando escolhas focadas em sua carreira. Pode-se perceber que os espaços de “vida pessoal” se encolheram e cresceu a Trajetória: assistente social. Foi, inclusive, a partir do trabalho que a colaboradora conheceu seu marido. Como ela indica no trecho:

O meu marido está aqui fazendo positivo para mim que também nesse tempo a gente se encontrou. Foi por causa da minha trajetória profissional que eu, não sei se isso está na pesquisa, mas foi por causa da trajetória profissional que eu acabei encontrando com ele em uma das minhas viagens... ele está aqui fazendo coraçãozinho para mim.

Ter realizado a entrevista na modalidade remota possibilitou esse momento ao qual, não apenas a participante esteve presente, mas a entrada de seu marido que ao ouvir o que Trajetória dizia reagiu e mudou a direção da entrevista, a tirando de uma fala voltada

majoritariamente sobre processos de trabalho e a trouxe novamente para o objetivo da pesquisa, que são as experiências de vida. Poderíamos dizer que sua participação - com o “fazer positivo e fazer coraçãozinho” - mudou o fluxo que estava seguindo a entrevista e trouxe novamente o foco para as experiências pessoais.

Outro ponto interessante desse momento é o exemplo de como as relações interpessoais provocam a mudança do caminho que já estava sendo trilhado para a abertura de novas possibilidades. Uma assistente social focada em sua profissão encontra um relacionamento com uma pessoa que não é da área e posteriormente esse novo percurso é representado no momento da entrevista com a mudança de fluxo da temática.

Temos um indicativo, ao que se refere ao objetivo geral da pesquisa (compreender como as experiências de vida das trabalhadoras influenciam sua formação e atuação profissional) que a vida se trata de uma costura constante, um tecer com fios, as vezes frágeis as vezes firmes, que produzem teias, não apenas uma experiência de vida influenciando uma formação profissional, como se fosse possível tal separação para além de um objetivo didático, mas um emaranhado de vivências em constante conexão.

4.5 Comprometida: A Produção do Novo na Desnaturalização de Práticas Cotidianas

Comprometida é uma mulher cis, branca, de 49 anos, heterossexual, casada e mãe. Graduada no ano de 1994, mestre em 2006 em Serviço Social pela UEL, e doutora pela mesma instituição em 2017. Apesar de não ter um exemplo específico de vivências que motivaram sua formação como profissional do SUAS, como ocorreu com as entrevistadas Grata, Ativa e Trajetória, desde o início da entrevista Comprometida demonstrou clareza da correlação das experiências de vida com a sua atuação profissional, como ela aponta:

. . . a minha história de vida tem essa relação de envolvimento com questões coletivas, de relação com pessoas, tanto na história de vida da minha família quanto

na minha formação, na constituição da minha identidade. Sempre participei de espaços de vivência coletiva também, então com certeza todo esse processo meu de formação quanto pessoa influenciou a escolha...

A entrevistada conta que a princípio teve por objetivo cursar Psicologia, mas como o curso era em período integral não seria possível conciliar os estudos com o trabalho. Foi, então, que encontrou o Serviço Social, se tornando uma nova opção de graduação. Seus primeiros contatos com a profissão foram ao acompanhar a mãe em atividades sociais, promovidas pela igreja católica, que também contavam com a presença de profissionais assistentes sociais. Sobre o momento de escolha do curso ela disse:

. . . pensei que seria uma forma de associar um pouco toda essa minha experiência que eu tinha em atuação com pessoas, coordenava grupos de adolescentes, tinha uma trajetória na igreja, essa experiência poderia contribuir para a escolha do Serviço Social.

Com a graduação e a partir de sua atuação em contextos sociais como profissional formada e concursada, sua forma de lidar com as questões que se apresentavam foram se alterando, dado que ela passou a ter uma visão diferente das situações.

Então, o Serviço Social talvez tenha um pouco essa característica, de fazer uma leitura macro de contexto de realidade socioeconômica, de como esse movimento interfere nesse modo de vida, das relações estabelecidas, então acho que o início do curso abre alguns horizontes nessa perspectiva, que não é uma ação individualizada, não é porque o assistente social é alguém bom ou gosta de caridade, mas que tem possibilidades de fazer leituras da realidade social e dentro de uma política pública ou da sua ação profissional ... A Graduação é uma forma de instrumentalizar, nos colocar em outro patamar, com reflexões mais profundas, de nos indagar ... Essa base do curso te instrumentaliza para uma atuação profissional, posso dizer que, a

Comprometida^{VI} que era antes da graduação, da leitura que eu tinha mesmo pela atuação da minha mãe, ou pelo que eu via dos outros profissionais, a formação abriu um caminho de entendimento, de conhecimento, de aprofundamento que me fez transformar meu agir profissional dali para frente.

A formação acadêmica se mostrou muito importante na história da colaboradora. Ela se graduou em 1994, e foi construindo seu caminho profissional voltado para as especificidades de crianças e adolescentes, passou também por especialização na área de *marketing* e recursos humanos e em 1995 entrou na prefeitura por meio do concurso público.

Passou por volta de três anos trabalhando com serviço de Ação Social (hoje similar ao CRAS, de acordo com a colaboradora). Nesse espaço fazia atividades no território, conhecia as demandas da população, entrava em contato com as lideranças comunitárias. Após esse período assumiu cargo de chefia voltado para sua área mais específica, a infância e adolescência.

Desde então vem prosseguindo em seus estudos formais. Atualmente tem o grau de doutora e é professora universitária. Nesse espaço, ela relata que preza muito pela formação dos novos profissionais, tanto que vem assumindo a função de supervisora de estágio, como conta no seguinte trecho:

É, eu acho que você ser supervisor de estágio, por exemplo, implica aquela lógica da formação, como você faz uma associação em teoria e prática, as vezes alguns discursos que você observa que assim "a teoria é uma coisa, a prática é outra", então é um desafio de você envolver esse aluno e trazer de uma forma que ele consiga identificar o conhecimento que ele tá adquirindo e a implicação que ele tem na prática, que é uma coisa integrada e de forma alguma desassociada, e é encantador isso, ser desafiado ou ser questionado, eu acho que isso é uma coisa que é

^{VI} Alteração do nome próprio para nome utilizado nesta pesquisa.

estimulante... a gente tem uma tendência a buscar as vezes naturalizar as coisas, aquele processo de trabalho, a leitura, e ai receber o estudante que está em contato direto com a produção de conhecimento e você fazer com que as coisas se integrem é bem desafiante, e eu sou uma pessoa que gosta de desafios e conhecimentos novos, então é muito bom.

Tal ação diz de uma profissional comprometida com a mudança da realidade social, que não apenas visa cumprir com atividades pré-estabelecidas, mas produzir junto ao território novos olhares e novas formas de atuar. Entendemos que essa atitude demanda uma disposição em agir frente às desigualdades, fator que trataremos na próxima seção.

4.6 RESPONSÁVEL: BASE DE ESCOLHAS

Responsável é uma mulher cis, amarela, de 57 anos, heterossexual, casada e mãe. Em 1984, terminou sua graduação em Serviço Social pela UEL além de possuir mestrado pela mesma universidade finalizado em 2005. Foi muito disposta a participar da entrevista e demonstrou muita propriedade sobre os processos de trabalho e sobre a política de Assistência Social. Porém, apresentou poucas conexões com sua história de vida. Comentou que nunca havia parado para pensar nessa temática, ao mesmo tempo trouxe um ponto importante, sobre a visão do ser-humano, ao perguntarmos:

Você já tinha pensado sobre isso, sobre como suas experiências pessoais influenciaram sua formação como profissional do SUAS? (entrevistadora).

A colaboradora, prontamente, respondeu:

Eu acho que não dá para separar, nós somos um todo e as experiências que vão dando a base, proporcionando as reflexões para a atuação na sua vida de maneira geral. Mas parar pra pensar qual foi essa relação, nunca parei pra pensar... Até hoje eu estava pensando nisso: Será que minha escolha pela profissão teve alguma base?

Aí me recordei que quando escolhi a profissão não tinha noção do que seria ela, falar: olha, foi uma escolha consciente com base naquilo que eu acreditava ... então quando você fala sobre qual a minha vivência pessoal me deu base para fazer a escolha consciente da minha profissão, naquele momento não.

Como aponta Augras (1986), o ser-humano se apresenta por três elementos: o primeiro é a natureza sob seu corpo biológico. O segundo, a história, sendo a partir dela que existe a possibilidade de a pessoa construir e manusear a natureza e a si própria. E, por fim, o terceiro elemento: o existencial, onde considerando-se que o homem é existência e é nela que se atribui significação à natureza e história, podendo através da percepção transformar e construir o mundo, isto é, sendo “suporte da natureza e autor da história, o homem fundamenta-se na consciência de si e do mundo” (Augras, 1986, p.19).

Esta explicação é importante, pois abarca o primeiro ponto da fala de Responsável: a impossibilidade de segmentação da vida humana, mesmo que a apresentemos por elementos segmentados “experiências de vida e experiências profissionais”, não há efetivamente uma separação entre as vivências. Porém, consideramos que existem espaços diferentes, em que o ser-humano cria conexões entre eles, formando um único elemento.

Como apontado nas entrevistas anteriores houveram situações, as quais denominamos de vivências, que influenciaram a percepção das colaboradoras em outros momentos e locais. Responsável conta um percurso um pouco diferente, diz que a princípio queria ser professora, pensou também na área de artes, mas quando tinha entre 17 e 18 anos, uma colega disse sobre uma nova profissão que estava se organizando, o curso de Serviço Social.

Ainda que na época não tenha sido uma escolha consciente, durante a entrevista foi possível observar que foi coerente com a forma que Responsável enxergava o mundo. Como fica claro no seguinte trecho:

Voltando para a sua pergunta da retrospectiva, eu vejo que fiz a escolha, sem querer, acertada porque todas as situações que eu venho presenciando ao longo da minha vida de injustiças sociais, de desigualdades sociais, das desigualdades de oportunidades, da situação de pobreza, são situações que me incomodaram e me incomodam muito e que me indignam muito, então ter essa compreensão e essa possibilidade de estar em uma política pública que tenha a responsabilidade de proporcionar a proteção social, por meio da segurança socioassistenciais, com essa compreensão de que as pessoas e as famílias precisam ser protegidas, que isso é responsabilidade do Estado, trabalhar nessa perspectiva do direito, pra mim é muito importante, e foi muito importante na minha trajetória profissional.

O ponto que teve destaque na fala da participante sobre o incômodo com a desigualdade social é extremamente importante para a nossa pesquisa, visto que este foi um elemento que apareceu em todas as entrevistas como base das escolhas e formação profissional, e a partir da análise de dados foi possível observá-lo como um constituinte essencial da experiência. Na próxima seção daremos foco para esta temática.



Poema do aviso final

Torquato Neto

É preciso que haja alguma coisa
alimentando o meu povo;
uma vontade
uma certeza
uma qualquer esperança.
É preciso que alguma coisa atraia a vida
ou tudo será posto de lado
e na procura da vida
a morte virá na frente
e abrirá caminhos.
É preciso que haja algum respeito,
ao menos um esboço
ou a dignidade humana se afirmará
a machadadas (Neto, 2017, p. 44).

5 SIGNIFICADOS EM COMUM PARA A ATUAÇÃO NA ASSISTÊNCIA SOCIAL

Na seção anterior apresentamos as histórias de vida das cinco colaboradoras e o cenário de trabalho e construção do SUAS em Londrina/PR. A partir deste momento, voltamos nossa atenção para os aspectos em comum encontrados nas entrevistas, denominados de constituintes essenciais da experiência, que nesta pesquisa são:

- a) o incômodo com a desigualdade social;
- b) compromisso com a formação, profissão e mudança da realidade social desigual;
- c) disponibilidade e abertura para as experiências relacionadas à construção da própria carreira e do SUAS.

As próximas três subseções fazem parte da nossa análise de dados onde não trazemos mais as vivências das colaboradoras como a descrição das histórias de vida particulares, mas como significados comuns que apareceram em todas as entrevistas (em algumas de forma mais enfática e em outras de forma mais singela) e que nos possibilitam a apropriação do nosso problema (etapa 4 e 5 do procedimento de pesquisa) relativo à compreensão sobre como as experiências de vida influenciaram a formação e a atuação profissional de trabalhadoras do SUAS.

5.1 INCÔMODO COM A DESIGUALDADE SOCIAL

O primeiro constituinte identificado foi o incômodo com a desigualdade social. Pudemos observar que as cinco participantes tiveram vivências em que voltaram seu olhar para as condições de vida de outras pessoas e, ao observarem uma diferença de possibilidades, muitas vezes de condições básicas de sobrevivência, foi despertado nelas um sentimento de incômodo com tais circunstâncias.

Como descrito na seção anterior, Responsável relata a coerência da escolha da profissão ao dizer sobre seu incômodo e a sua possibilidade de atuar frente à desigualdade

social. Trajetória tomou sua decisão sobre o curso de Serviço Social ao refletir sobre o percurso de vivências de outra pessoa na aula de anatomia. E as colaboradoras Comprometida, Grata e Ativa relatam pensar sobre o contexto de vida da população nos trechos:

. . . a realidade de vida que as pessoas em situação de pobreza ou marginalidade viviam na época (Comprometida).

. . . então eu tinha esse olhar, porque a gente ia brincar na casa dos amigos que as vezes não tinha móvel dentro de casa, estudava junto a gente era tudo amigo, tudo junto e olhava aquelas pessoas pedindo, pedindo, pedindo, quer dizer a gente não precisava pedir, meu olhar era esse. Por que a gente não precisava pedir? (Grata).

. . . eu tinha aquele incômodo de ver pessoas com tanta dificuldade, pessoas... hoje a gente fala vítimas de violência, a gente nem usava esse termo, mas de crianças que estudavam comigo que eram marcadas, que eram humilhadas na escola, que eram vítimas de bullying, que os professores faltavam bater, aquilo para mim provocava um sofrimento (Ativa).

Este incômodo demonstrado pelas participantes nos levou à consideração de que elas estiveram voltadas às experiências de outras pessoas com um olhar atento. Correlacionamos tal vivência psicológica com duas temáticas teóricas: em primeiro lugar a fenomenologia das relações descrita por Martin Buber, e em segundo a noção de empatia proposta por Edith Stein.

De acordo com Buber (1923/2009 p.13) “toda vida atual é encontro”, ou seja, a relação interpessoal é ontológica, faz parte da constituição do que é ser humano. Este encontro pode se dar de duas distintas formas que são indispensáveis para a existência: as relações Eu-Isso e Eu-Tu.

As relações Eu-Isso fazem parte de um mundo coerente e organizado no espaço-tempo, em que é possível entender as outras pessoas a partir de uma visão sujeito-objeto. Neste aspecto, há um Eu-egocêntrico que concentra suas atitudes em obter um conhecimento de forma a transformar, se impor e controlar o ambiente, ou seja, o sujeito da experiência no sentido *Erfahren* (como explicado na seção dois), em que há um acúmulo de aprendizados técnicos para uma posterior utilização (a experiência de coisas).

Grata, mesmo que muito jovem e sem ainda realmente compreender de forma aprofundada as relações que se estabeleciam em sua cidade conta que já tinha uma visão crítica voltada para essa dupla possibilidade de contato entre as pessoas. O trecho a seguir representa um momento da entrevista na qual demonstra, na nossa visão, um exemplo da relação Eu-Isso:

Aí ficava uma história na minha cidade que o médico trocava consulta por maço de prego, porque ele tinha uma fazenda, e qualquer coisa que fosse para a fazenda dele ele topava em troca da consulta. Então imagina as pessoas tinham que fazer essa relação clientelista né (Grata).

Podemos observar que o médico da cidade obteve um conhecimento para atuar em sua profissão. Através de uma formação acadêmica ele passou por experiências que lhe garantiram o acúmulo de conhecimentos técnicos para utilizar e transformar o mundo (neste caso: a saúde das pessoas), demonstrando a relação Eu-Isso, ao empregar seu saber sobre o corpo do outro (sujeito-objeto).

Esta relação ainda é intensificada pelo contexto em que estavam inseridos, visto que, pela fala da colaboradora, não havia a demonstração de uma disponibilidade para a mudança da forma de convívio estabelecido, mas um aceite das condições que provocava a manutenção desse funcionamento em que se fazia indispensável uma troca técnica (nesse caso: consulta por pregos).

As relações Eu-Isso não são necessariamente ruins ou devem ser eliminadas. Em sua função - o acúmulo de conhecimentos e a transformação da natureza -, são essenciais para nossa vida em um mundo material. Através delas, são desenvolvidas melhores condições de moradias, remédios, produção de alimentos, dentre outros. Ao mesmo tempo, Buber (1923/2009) afirma que mesmo sendo imprescindível essa forma de atuar para a nossa existência em um mundo concreto, a vida

. . . não se limita somente às atividades que têm algo por objeto. Eu percebo alguma coisa. Eu experimento alguma coisa, ou represento alguma coisa, eu quero alguma coisa, ou sinto alguma coisa, eu penso em alguma coisa. A vida do ser humano não consiste unicamente nisto ou em algo semelhante (Buber, 1923/2009, p.04).

A base da existência deve se constituir e ser sustentada por relações Eu-Tu, que demonstram o contato de reciprocidade, onde há uma coparticipação dialogal. “Quem diz Tu não possui coisa alguma, não possui nada. Ele permanece em relação” (Buber, 1923/2009, p. 5). Essa relação pressupõe uma resposta, pois para o autor, se existe diálogo há uma escuta e deve também existir um retorno. Dessa forma, entra em jogo a atitude para atuar com o outro de forma responsável.

Ao realizarmos a análise sobre as vivências psicológicas das entrevistadas em relação ao incômodo com a desigualdade social observamos que as falas trouxeram conteúdos que nos remeteram à visão “Eu-Tu”, pois indicam aspectos de reciprocidade, da visão das outras pessoas como iguais e de ação. Como exemplo destacamos o seguinte trecho:

. . . *a teoria me ajudou a entender aquelas insatisfações que eu tinha diante daquela realidade, não era normal para mim. As pessoas não poderiam sofrer tanto, tinha que ter alguém que cuidasse e protegia, eu não tinha aquela visão que tem que ser o Estado, tem que ser o poder público, mas eu não achava justo as pessoas passarem tanta dificuldade e não ter suporte (Ativa).*

Por esta fala, podemos observar a participante dizendo de condições que fazem parte de um mundo das coisas, de condições materiais que podem ser transformadas nos remetendo à uma relação “Eu-Isso”. Ao mesmo tempo a insatisfação, o olhar para o sofrimento do outro nos aponta para um posicionamento de respeito e coparticipação, presente na relação “Eu-Tu”, expondo o entrelaçamento das duas formas de atuação descritas por Buber (1923/2009).

Essa constante integração entre as relações pôde ser observada também em outras situações, como o relato de Trajetória em que demonstra um convívio de trabalho e conhecimentos técnicos (relação Eu-Isso), sem a imposição de soluções prévias, mas sim partindo do pressuposto da potencialidade dos usuários do SUAS de identificarem suas demandas e saberem o que lhes é benéfico e construindo uma rede de proteção (relação Eu-Tu).

A zona rural... é tudo mais difícil, porque não tem acessos facilitados. Então assim, as possibilidades de inserção das pessoas, das famílias, são reduzidas, são muito reduzidas, né. Mas também era uma coisa muito legal o trabalho em rede, porque nesses lugares as referências da Saúde, da Assistência, da Educação, ficavam muito fortes. Então era muito interessante também, como que essa representação do público, do Estado, ficava fortalecida nesses lugares e fica muito evidente o trabalho integrado. Bem interessante, todas as dificuldades colocadas, mas acho que isso é um ponto importante do trabalho da zona rural... e a comunidade também, as lideranças comunitárias fazem mapeamentos, identificações, então quando você chegava lá para atender eles já traziam algumas solicitações. "Olha, tem uma família que o pessoal está precisando de uma visita". Então assim essa identificação comunitária, essa rede social comunitária que se formava lá era muito forte e muito importante. . . . a gente acaba tendo presente essa dimensão mais coletiva para levar, por mais difícil que fosse (Trajetória).

Ainda que exista uma constante interação entre as relações Eu-Isso/Eu-Tu, esta fala da colaboradora nos remete à consideração de que em alguns contextos as condições básicas de sobrevivência são tão precárias que se mostra com mais ênfase a necessidade material do que pode ser obtido. No exemplo acima, a população faz uma lista de solicitações e demanda do serviço que estas sejam atendidas, demonstrando uma relação que caracterizamos como objetual.

Vemos que a saída dessa postura deve partir dos profissionais, a partir de um posicionamento de não unicamente conceder o que lhes é demandado, o que poderia gerar uma relação de dependência. Isto é, consideramos que os trabalhadores do SUAS devem levar em consideração as necessidades materiais, conceder o que é direito dos usuários e ao mesmo tempo trabalhar com a população a construção de fortalecimento da entrada de um outro tipo de relação, como dito por Trajetória, pautado no coletivo e na construção de redes comunitárias onde exista efetivamente uma reciprocidade e não apenas o trabalhador que oferece seu saber técnico por si só.

Observamos que esta postura está de acordo com os objetivos do trabalho no SUAS onde se visa: “Estabelecer uma relação horizontal/dialógica entre profissionais e usuários do Serviço, baseada no respeito, na problematização e na igualdade de saber entre técnicos e usuários” (Brasil, 2012, p.99). Na nossa análise, vemos os saberes técnicos como representantes da relação Eu-Isso e o respeito e problematização, representados pelas relações Eu-Tu. Nesse aspecto concordamos com White (1994, p. 229) ao afirmar que:

Até certo ponto, quase todos nós fomos formados nessa perspectiva de peritos e podemos facilmente cair na armadilha de acreditar que possuímos “verdades” que estão acima de outros conhecimentos. Quando isso ocorre, perdemos de vista o fato de que estas afirmações “verdadeiras” estão determinando, na realidade, certas normas, segundo as quais as pessoas deveriam viver suas vidas. No contexto da prática, é

importante encontrar o modo de ajudar os participantes a pôr esses conhecimentos de perito entre parênteses. Suponho que isto adiciona autenticidade ao autoconhecimento dos participantes. Não quero dizer com isto que possamos viver uma vida sem a mediação dos conhecimentos adquiridos, mas é importante que não pretendamos determinar a vida dos outros em virtude de tais conhecimentos^{VII}.

Nesse sentido, observamos que a necessidade de obtenção de questões materiais na forma de uma relação Eu-Isso por ser o início de contato entre população e Assistência Social. Entretanto, dependendo das ações e condições de ação dos profissionais não se finda neste objetivo, mas perpassa o olhar para o outro que é capaz de se organizar e de promover o autocuidado, a partir de uma rede socioassistencial que lhe é direito.

Esta dupla forma de relações acima descrita (as relações Eu-Isso e Eu-Tu), não se trata de uma dualidade de constituição do ser, que é único, mas uma dupla possibilidade de existência, se tratando de distintas formas de agir no mundo. “O Isso é a crisálida, o Tu a borboleta. Porém, não como se fossem sempre estados que se alternam nitidamente, mas, amiúde, são processos que se entrelaçam confusamente numa profunda dualidade” (Buber, 1923/2009, p.20).

Ainda que Buber tenha escrito sua obra sobre a fenomenologia das relações em momento posterior ao desenvolvimento por Edith Stein da sua tese sobre empatia, consideramos que o atuar a partir do olhar atento ao outro como pessoa (Tu) é essencial para a constituição de uma vivência empática. Em comum eles buscaram desenvolver trabalhos que tratassem do processo de constituir-se como pessoa. Segundo Mahfound (2005, p.53),

^{VII} Trecho original: “Hasta cierto punto, caso todos nosotros fuimos formados en esas perspectivas expertas y podemos caer fácilmente en la trampa de creer que poseemos "verdades" que están por encima de otros conocimientos. Cuando ocurre esto, perdemos de vista el echo de que esas afirmaciones "verdaderas" están determinando, en realizad, ciertas normas según las cuales las personas deberían vivir sus vidas. En el contexto de la práctica es importante encontrar el modo de ayudar a los participantes a poner esos conocimientos expertos entre paréntesis. Supongo que esto agrega autenticidad al autoconocimiento de los participantes. Con esto no estoy diciendo que podamos vivir una vida sin la mediación de los conocimientos adquiridos, pero es importante que no pretendamos determinar la vida de los demás en virtud de tales conocimientos”.

“tanto Stein quanto Buber colocam sua contribuição filosófica como possibilidade de crítica e de enfrentamento dos grandes temas culturais e políticos de seu tempo, identificando elementos nucleares para que o homem seja homem”.

Em sua obra inicial (tese de doutorado publicada em 1916), Edith Stein se utiliza da recém-criada metodologia fenomenológica para descrever a essência da empatia, entendida por ela como ontológica. Ainda que tenha permanecido leal ao pensamento de seu orientador Edmund Husserl, Stein foi além das temáticas elaboradas por ele e apresentou ideias próprias que, ao nosso ver, permanecem atuais para se refletir sobre temas contemporâneos.

Consideramos o ponto de partida de sua tese muito coerente com o que Buber descreveu como relação Eu-Tu, pois a filósofa parte do entendimento de que a empatia só é possível quando existe o reconhecimento do outro como semelhante e possuidor de valores. Ela apresenta que “a experiência para a qual o conhecimento de experiências alheias aponta é chamada de empatia (Stein, 1916/1989, p. 19)^{VIII}”. Assim, ela implica o reconhecimento de sua presença, ou seja, “a empatia garante o reconhecimento do outro como alter ego, isto é, como outro eu” (Costa, 2019, p.106).

Este olhar para a experiência alheia não é uma simples percepção externa, um “sentir com”, uma representação, imitação ou inferência (Stein, 1916/1989). Mas realmente “trata-se da experiência ou do provar/sentir (*fühlen*) que faz penetrar na (ein) compreensão daquilo a que essa experiência remete, ou seja, a experiência (vivência) alheia” (Savian Filho, 2014, p.33). A vivência pessoal é individual e intrasferível, ao mesmo tempo ela tem um caráter de co-originariedade, pois eu não vivencio o ato originário da vivência de outra pessoa, mas consigo compreender o conteúdo desta.

O sujeito da vivência empatizada não é o mesmo que vivencia a empatia. . . . E enquanto eu vivo a alegria do outro, eu não sinto a alegria originária. . . . Em minha

^{VIII} Tradução nossa. Trecho original: “And the experience to which the knowledge of foreign experience points is called empathy”.

vivência não originária eu me sinto, por assim dizer, conduzida por uma vivência originária não vivenciada por mim, mas que ainda está lá manifestando-se em minha vivência não originária (Stein, 1916/1989, pp. 10-11)^{IX}.

A partir de tal compreensão, a filósofa apresenta a empatia como uma vivência *sui generis*, ou seja, muito singular e original que ocorre na relação intersubjetiva onde para além de um perceber há um envolvimento entre indivíduos (Stein, 1916/1989), diferenciando, assim, as relações entre pessoas e entre pessoas e objetos. A empatia se dá cotidianamente, pois estamos inseridos em um ambiente social, em constante interação, partilhando vidas em comum e, portanto, em contínuo contato com vivências alheias (Costa, 2019).

Ao analisarmos as entrevistas realizadas, pudemos observar esta temática, visto que as vivências relatadas pelas participantes trazem esse aspecto do reconhecimento da presença e necessidades do outro e de elementos do cotidiano. O contato com familiares, amigos e pessoas desconhecidas as colocaram em encontros com outras histórias de vida que trouxeram diferentes significados, dentre eles, o incômodo.

Somos formados e constituídos como pessoas a partir desta constante interação com os outros. Conhecer aquele que é diferente proporciona também o autoconhecimento sendo que “pela empatia com estruturas pessoais de composições diferentes, tornamo-nos claros sobre o que não somos, o que somos mais ou menos do que outros (Stein, 1916/1989, p.116)^X”. Esse processo pode ser exemplificado pela fala da colaboradora Ativa:

. . . e eu sempre achei importante, um acesso a conhecimento de nós mesmos, um autoconhecimento que facilita tanto a vida, a gente economiza tanto tempo em vez de ficar quebrando a cabeça sozinha (Ativa).

^{IX} Tradução nossa. Trecho original: “The subject of the empathized experience, however, is not the subject empathizing, but another. . . . And while I’m living in the other’s joy, I do not feel primordial joy. . . . In my non-primordial experience I feel, as it were, led by a primordial one not experienced by me but still there, manifesting itself in my non-primordial experience”.

^X Tradução nossa. Trecho original: “By empathy with different composed personal structures we became clear on what we are not, what we are more or less than others”.

Ainda de acordo com Stein (1916/1989), o autoconhecimento também possibilita a aquisição de novos valores e de autoavaliação, pois podemos nos comparar em relação aos outros. Como afirma Stein (1916/1989, p.116)^{XI}, “... no ato de preferência ou desprezo, os valores muitas vezes se tornam dados que permanecem despercebidos em si mesmos, aprendemos a nos avaliar corretamente...”

Podemos correlacionar tal processo de constituição pessoal com um trecho da entrevista da colaboradora Comprometida sobre uma situação vivenciada em ambiente de trabalho:

Acho que assim, a gente é tanto provocado pelas pessoas e quanto a gente provoca (Comprometida).

Entendemos este “provocar” como exemplo da produção do autoconhecimento e autoavaliação a partir da vivência empática descrita por Edith Stein a este processo de estar em contato com as diferenças e articulação com aquilo que se concorda, discorda, o que se pode aprender e construir.

Pela entrevista, pudemos perceber que Comprometida visa uma atuação pautada nesse desenvolvimento em conjunto. A profissional diz que no seu percurso no SUAS foi criando uma forma de construir um espaço com os usuários pensando em todas as possibilidades daquele contexto, como explica:

Aí eu tentava estabelecer uma outra relação, eu lembro também que as pessoas faziam fila por conta do benefício e um dia eu reuni essas pessoas e dizendo: vamos lá, sabe como eu me sinto? Uma grande cesta básica ambulante e eu queria dizer que o assistente social não é só isso. Isso é uma das questões importantes para a vida de vocês que é o acesso ao benefício, no entanto, nós temos a condição de apoiá-los em outras questões da vida, nas relações, do convívio. E aí eu fui provocando eles nesse

^{XI} Tradução nossa. Trecho original: “Since, in the act of preference, or disregard, values often came to givenness that remain unnoticed in themselves, we learn to assess ourselves correctly...”.

sentido e comecei a criar alguns grupos, alguns coletivos de pessoas e discutir com eles, e eu criei um planejamento na época que era assim, chamava: Leitura da realidade discussão sobre participação “a pobreza, ela é natural?” ... Então isso foi muito gratificante para mim. Ao longo do tempo as pessoas estabelecerem nesse atendimento particularizado, não ir só “quero agendar o benefício”. Eles agendavam para conversar com o assistente social, porque era uma forma de falar das questões cotidianas da vida e a gente auxiliá-los em como prover recursos internos que pudesse fazer uma leitura daquilo, e das coisas e de como enfrentar determinadas questões... (Comprometida).

Este elemento apontado pela entrevistada sobre o entendimento multidimensional das necessidades humanas é extremamente importante no trabalho do SUAS pois, pelos relatos obtidos nessa pesquisa, foi possível perceber que as ações nos serviços em que as colaboradoras trabalharam não se tratavam exclusivamente de conceder benefícios (como pode ser a concepção daqueles que não conhecem suficientemente a política), sendo esta uma atividade que é parte de um processo maior. A colaboradora Responsável aponta que quando experienciamos situações nas quais nos encontramos isolados de um contexto macro há um campo de possibilidades mais restrito. Por isso, a importância do contato com o comunitário:

. . . a perspectiva coletiva, parte da compreensão de que o enfrentamento e a superação de várias questões que são trazidas e vivenciadas pela população, são enfrentamentos que devem ser coletivos, a sua superação acaba não se dando de forma individual. De forma individual você vai proteger a família de alguma forma, algum serviço ou algum programa, enfim são situações que não são peculiares a uma, nem duas, ou três famílias, são situações que acabam sendo vivenciadas por dezenas, centenas, e milhões e milhões de pessoas, vamos dizer assim (Responsável).

Entende-se que a possibilidade de mudanças de vida ao que se refere à desigualdade social deve ser vista em suas diversas facetas, como podemos perceber nos objetivos da Assistência Social previstos na LOAS a qual afirma que se deve buscar promover a:

. . . a proteção social, que visa à garantia da vida, à redução de danos e à prevenção da incidência de riscos. . . . a vigilância socioassistencial, que visa a analisar territorialmente a capacidade protetiva das famílias e nela a ocorrência de vulnerabilidades, de ameaças, de vitimizações e danos; a defesa de direitos, que visa a garantir o pleno acesso aos direitos no conjunto das provisões socioassistenciais (Brasil, 1993, p.1)

De acordo com Codes (2008), as situações de pobreza em que se encontram as pessoas, são decorrentes de uma ampla gama de uma complexa teia de fatores que interagem entre si e se potencializam para dificultar sua superação, é consenso entre estudiosos o fato de que não se trata da obtenção de materiais para o bem-estar, mas sim a possibilidade de usufruir uma vida dentro de referências de qualidade de vida. Para aqueles que não atingem esses níveis de referência: “Em suas manifestações subjetivas, o fenômeno provoca nas pessoas sentimentos de impotência diante de seus destinos, de falta de esperança, de vulnerabilidade, de insegurança e de falta de poder político” (Codes, 2008, p. 24).

Tal modo de atuação nos serviços do SUAS nos remete ao que Martin Buber (1923/2009) explica sobre a necessidade de, quando em relação com outra pessoa, estar disponível para a resposta e para oferecer tal resposta se faz necessário o autoconhecimento. Como aponta Cruz (2018, p. 46):

. . . a ideia de empatia de Edith Stein exige a plena consciência e a plena aceitação de si mesmo. Somente assim o outro deixará de ser apenas um instrumento para mim, e se tornará alguém semelhante a mim em dignidade, com qualidades e defeitos assim como eu, mesmo sendo diferente de mim.

Isto é, consideramos que para o trabalho em uma política pública é necessário estar atento ao outro, às suas necessidades e às formas como se pode (ou não) atender as demandas dos usuários. Esta forma de relação coloca em jogo os valores, ideias, condições dos próprios profissionais e da política. Entendemos como imprescindível ter como ponto de partida a confiança na potencialidade do usuário dos serviços que não é um instrumento de trabalho, mas um coparticipante.

Esta visão foi marcante com as cinco colaboradoras, principalmente pelo momento em que nos encontramos em pandemia pela COVID-19 a qual agravou os desafios que profissionais das políticas públicas já vinham enfrentando. Foi possível observar a importância que as assistentes sociais dão para o responder aos usuários, questão que, de acordo com a nossa interpretação decorre, dentre outros fatores, de uma visão empática que se relaciona com o incômodo com a desigualdade social.

Diante desse contexto atual, Responsável diz sobre uma relação com uma usuária do SUAS com o olhar atento e abertura para uma relação respeitosa, como podemos observar no trecho a seguir:

Nesse período da pandemia, em que a gente já vinha com uma crise desde 2018 de aumento na demanda por atendimento, com a pandemia isso se intensificou, me lembro de uma situação de uma família que eu atendi, conversei com ela sobre a situação de vida, como estava nesse período de pandemia, e ela era também atendida pela Proteção Social Especial, perguntei se ela tinha conversado com as outras profissionais sobre a situação enfrentada e ela me disse que ficou com vergonha de conversar. Eu retomei com ela toda a situação vivenciada, que não era um caso de uma, duas ou três famílias, que era todo um contexto da pandemia, e mesmo antes da pandemia que isso estava somado a um contexto de uma estrutura socioeconômica, que não oferece oportunidades de forma igualitária para todo mundo, enfim, então

uma coisa é em 1993, outra é em 2001, mas ainda em 2020 a gente se depara com essas situações (Responsável).

O fato de a usuária do SUAS ter ficado com vergonha de contar sua situação nos remete à uma noção de individualidade muito presente e forte em um contexto capitalista neoliberal que vivenciamos. Neste cenário, as pessoas são moldadas a crer que cabe a si como pessoas individuais se prepararem, trabalharem e darem conta dos desafios diários e caso não consigam é remetida à uma noção de incapacidade e insuficiência pessoal.

Esta noção vem sendo construída no Brasil, pelo menos, desde os anos 1990, época em que o governo federal passou a atuar de forma a compartilhar os valores de um modelo neoliberal pautado em ações como: privatização de empresas; desregulamentação do sistema financeiro; influência de um sistema globalizado onde se abre o país para a entrada de conglomerados multinacionais; e diminuição do Estado, sendo que o governo passa a ter pouca intervenção no mercado de trabalho e transfere serviços públicos para o setor privado. Como apontado por Silva e Alexandre (2019), nesse contexto, o Estado passa a atuar como um “guarda noturno”, pois vem a exercer a função de defender a propriedade privada e conter aqueles que demonstram insatisfação com as medidas vigentes.

É por isso que, do outro lado da mínima intervenção estatal, tem-se a defesa da liberdade individual que, atrelada ao livre mercado, julga o indivíduo enquanto responsável por suas ações e consequências decorrentes destas, incluindo as falhas pessoais e profissionais. Esses tipos de liberdade (individual e de mercado) são consideradas como imprescindíveis para a fundamentação do Estado neoliberal, porque entende-se que há uma relação inversamente proporcional entre a interferência estatal e a liberdade individual (Silva & Alexandre, 2019, p. 8)

Nesse sentido, trabalhar em um sistema de políticas públicas como o SUAS (que é direito dos cidadãos, dever do Estado e não contributivo) vai, muitas vezes, na contramão das

ações empregadas pelas gestões governamentais que (re)produzem ações voltadas para o modelo meritocrático neoliberal.

De acordo com as colaboradoras apesar de manterem o olhar atento para as possibilidades de atuação e cocriação com os usuários, as condições de ação têm se tornado cada vez mais restritas no atual cenário político e econômico. Como apontado pelas entrevistadas Ativa e Comprometida:

Porque agora, em especial na pandemia, né, a gente se concentrou muito na concessão de benefícios, e toma muito tempo porque a gente tem que alimentar um monte de sistemas, e a relação com o território acaba sendo prejudicada. Não é que não tenha, mas que a gente utiliza do nosso tempo, da nossa carga horária, grande parte para fazer trabalhos burocráticos, administrativos (Ativa).

. . . hoje nesse contexto de pandemia jamais teremos o impacto que isso causa na saúde mental das pessoas, jamais teremos a curto prazo, como seria necessário, uma atenção de saúde mental que atenda de forma particularizada e individualizada a cada pessoa, então se a gente não pensar junto enquanto políticas públicas quais são as estratégias da Educação, da Assistência Social, da Saúde, Cultura, do Esporte, de como promover as condições de vida desse povo que seja mais saudável, mais lúdico, criativo, e tal, as pessoas vão entrar em sofrimento, vão buscar alternativas rápidas, seja na área do medicamento, do adoecimento, até outras situações mais graves até, aqui em Londrina a situação do suicídio, como tem aumentado, que é a realidade das pessoas não darem conta (Comprometida).

Um ponto importante salientado nas entrevistas é que o momento de pandemia intensificou situações e dificuldades que já vinham sendo enfrentadas pelas políticas públicas. Em nota técnica, a coalizão Direitos Valem Mais (2020) informa que o orçamento da Assistência Social teve uma redução de 57% entre 2014 e 2020 e que o valor atual é

insuficiente até mesmo para a manutenção dos serviços já em andamento. Tal redução dos financiamentos foi executada, principalmente, pela emenda constitucional 95 - conhecida como Teto de Gastos - aprovada no governo Temer em 2016. Como explica Trajetória:

A emenda constitucional 95, ela condena literalmente todas as ofertas públicas que precisem de algum tipo de participação da esfera federal no financiamento e isso é muito, muito, muito desesperador, sabe? Porque a emenda ela justamente congela, o que é chamado de despesa primária, que são as despesas para as políticas públicas, ela não mexe nos juros, na dívida, não mexe em nada que diz respeito à questão econômica, ela mexe somente na área social. E a gente vai sofrendo o processo de desfinanciamento, os municípios têm uma capacidade de arrecadação tributária muito limitada pela distribuição dos tributos brasileiros, então a gente precisa que os municípios recebam de outras esferas de governo que arrecadam mais e isso está se esvaziando cada dia que passa Então como é que você consegue manter um sistema público sem financiá-lo. Então assim, essa é a perversidade, você vai minguando, porque você vai acabando com os meios de ele se manter. Então as políticas, elas estão sofrendo muito e a tendência que está se a gente não tiver uma reviravolta de retomada de algumas questões na esfera federal, nós corremos risco sim de inviabilizar aquilo que a Constituição Federal tão duramente contemplou. Então é muito preocupante e é algo que deixa a gente com muita angústia, muita tristeza. . . . A pandemia trouxe. . . . o tanto de gente que veio em busca de benefício, ou seja, veio em busca de sobrevivência. Imagina o tanto que isso vai refletir o ano que vem? Vai ter situações bem piores, porque se você não tem garantia de financiamento, e tem o agravamento da desproteção, para onde nós vamos correr? É duro. Pensar estratégias (Trajetória).

O agravamento da situação a partir da pandemia, relatado pelas colaboradoras fica evidente no relatório “Impactos sociais da pandemia na cidade de Londrina: uma análise de 12 meses” produzido pela Secretaria Municipal de Assistência Social em 2021. O documento informa que a situação pandêmica e as respostas insuficientes dos sistemas de proteção social para o acesso à renda e oportunidades trouxeram uma alteração nas estratégias de sobrevivência da população que passou a buscar com urgência benefícios assistenciais e proteção.

Apenas durante o período de março de 2020 a março de 2021, foram inseridas na política do município 9.153 famílias consumando um total de 19.932 novos usuários da Assistência Social. Em março de 2020, antes da chegada do vírus ao Brasil já havia 126.637 pessoas no cadastro municipal para atendimento na política. Ainda que as pessoas tenham recorrido ao Estado neste momento de crise e que uma quantidade delas tenha recebido o Auxílio Emergencial, o acesso à programas de transferência de renda teve uma estagnação, como aponta o relatório:

Destacamos que nos meses de julho, agosto, outubro, novembro e dezembro de 2020 não houve novas concessões [do programa bolsa família^{XII}], mesmo diante das dificuldades acarretadas pela pandemia, o que provocou o aumento da demanda por outros benefícios assistenciais. . . . Outro benefício federal que durante um ano de pandemia apresentou certa estagnação nas concessões foi o Benefício de Prestação Continuada – BPC^{XIII}. . . . O INSS não realiza novas concessões desde julho/2019 (SMAS Londrina, 2021, pp. 20-21).

De acordo com o documento apenas 32% da verba dos benefícios do BPC concedidos nesse período foi proveniente da esfera federal, o restante ficou a cargo do próprio município.

^{XII} Bolsa família é um programa de transferência de renda instituído em 2003 que atende pessoas em situação de pobreza e extrema pobreza, com renda individual de até 89,00 reais mensais (Brasil,2021).

^{XIII} BPC é o Benefício de Prestação Continuada, destinado à idosos com mais de 65 anos e pessoas com deficiência com renda familiar inferior a ¼ do salário mínimo (Paraná, 2021).

Dentre os outros benefícios assistenciais mencionados na citação acima entram, por exemplo, o “Kit COVID” contendo cesta básica com produtos alimentícios e/ou de higiene concedidos a partir de recursos municipais e doações de empresas e comunidade.

Houve a inclusão de um benefício eventual denominado “Auxílio funerário” que arca com um determinado valor de despesas funerárias para pessoas que já eram usuárias dos serviços da Assistência Social. Do total de pessoas que faleceram e foi acionado este auxílio, 13% foi por COVID e 47% por condições prévias “possivelmente devido ao fato de que durante a pandemia o Sistema Único de Saúde ficou sobrecarregado com os atendimentos de Covid-19 e muitas unidades de saúde restringiram o atendimento apenas para casos emergenciais e gestantes, suspendendo consultas e exames pré-agendados e cirurgias eletivas” (SMAS, 2021, p.27).

Os dados dos impactos sociais da pandemia, em especial sobre o desenvolvimento do “Auxílio Funerário”, corroboram com uma visão nacional apontada por Bardi et al. (2021) em que o cenário e as atitudes dos últimos governos federais os vinculam à caracterização da chamada “necropolítica”. O termo foi empregado inicialmente por Achille Mbembe (2018). A partir de uma análise sobre como as consequências da escravidão e do colonialismo estão presentes nas ações políticas contemporâneas, o autor afirma que estas passam a exercer a expressão máxima da soberania que se mostra “na capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é “descartável” e quem não é” (Mbembe, 2018, p. 20).

Esse processo é possível ser visualizado nas atividades do atual presidente, Jair Bolsonaro ao que se refere à COVID-19 que tem se mostrado:

. . . por diversas vezes, contrário às recomendações da OMS [Organização Mundial da Saúde] e do próprio MS [Ministério da Saúde], especialmente em relação ao distanciamento social, que está associado à diminuição das atividades econômicas, evidenciando a postura do seu governo - e de parte do empresariado brasileiro – de

desprezo pela vida em detrimento do lucro. Revela-se, assim, uma discussão, aberta e sem constrangimentos, sobre quais e quantas vidas são “aceitáveis” sacrificar para manter a economia funcionando (Bardi et al., 2021, p.499).

Ao mesmo tempo, o que nos chamou a atenção a partir das falas das colaboradoras é que apesar dos tantos obstáculos, como os acima citados, e sentimentos de tristeza, angústia, preocupação, desconsideração, indignação e sofrimento há um desejo pelo movimento, pela ação que nos remete à um compromisso com a manutenção e construção dos direitos da população, como exemplifica a fala de Grata:

É entristecedor ver a situação das políticas sociais hoje. . . . Então é muito triste, mas também motivador para a gente pensar outras estratégias, outras formas mesmo, para a gente começar de novo Olha, eu posso parecer Alice no país das maravilhas. Nossa, não. Tem dia que a gente sai assim, tem semanas... Ainda bem que somos duas lá juntas, uma chora uma semana, outra semana é a outra que chora e assim vai. Nesse momento o que está ameaçado é manter. Ameaça é acabar com o que tem, então nós vamos brigar pelo o que tem E se a briga nossa é hoje para manter, amanhã um passo para trás, no outro é um pra frente, e assim nós vamos construir. A construção foi assim, não foram só ganhos (Grata).

As colaboradoras relatam algumas estratégias de enfrentamento que vêm realizando perante a situação atual como a participação em comissões, escrita de documentos como cartas abertas e referências técnicas, buscas pela criação de momentos de diálogo e debate nos espaços comunitários e tentativa de explicação sobre as políticas públicas para familiares e conhecidos leigos sobre o SUAS. Demonstram, assim, que conseguem transformar o incômodo com as situações atuais em estratégias de ações coletivas, atitude que consideramos essenciais para o enfrentamento da dura condição que se vivencia no país.

Outro aspecto importante que esteve presente nas entrevistas e que se conecta com a temática da empatia e a construção do autoconhecimento é a própria escolha da profissão. Foi possível perceber que a preferência pelo curso de Serviço Social pelas colaboradoras esteve presente uma adequação aos seus próprios valores, à possibilidade de mudanças das condições sociais que as causavam (e ainda causam) incômodo.

Dessa forma, partir dos elementos acima descritos consideramos que a compreensão sobre como as experiências de vida das trabalhadoras do SUAS influenciaram a sua formação e atuação profissional perpassa a forma como elas estiveram presentes nas relações, como puderam olhar para as outras pessoas como iguais e que deveriam ter as mesmas condições de vida. Tal forma de se relacionar abriu espaço para um autoconhecimento e uma autoavaliação que as propiciou a escolha pelo trabalho nas políticas públicas. Isso pode ser visto, por exemplo, na fala de Grata:

Então quando eu falo que escolhi o Serviço Social meio sem saber direito o que era, mas por aquele incômodo que eu tinha, acho que era a consciência incomodada, inconformada, inconformista dos meus porquês, mas eu fui ter outra abertura na universidade, de mundo de construção. . . . Eu era de outro mundo, a gente era de outro mundo as relações outras, mas acho que era incomodada, acho que sou até hoje. Graças a Deus (Grata).

Percebemos que os estudos formais, ainda que não tenham sido o foco da pesquisa em primeiro momento, foi uma temática presente nas entrevistas e esteve correlacionado com as possibilidades de atuação no SUAS. Nesse sentido, a seguir, caminhamos para o segundo constituinte essencial da experiência que aponta para a relação entre o compromisso (da formação e da profissão) com a mudança de uma realidade social considerada como desigual.

5.2 COMPROMISSO COM A FORMAÇÃO, PROFISSÃO E MUDANÇA

Ao decorrer do texto vem sendo possível identificar atitudes das colaboradoras a partir dos incômodos com a desigualdade que demonstram o compromisso com a mudança da realidade social. Tais ações envolveram desde vivências da infância, que foram construindo elementos para a escolha do curso de Serviço Social, até atividades das participantes na rotina de trabalho do SUAS (como descritas nas seções 4 e 5.1).

A partir das entrevistas foi possível observar que o compromisso, segundo constituinte essencial da experiência, atuou como uma ligação entre as vivências e os estudos formais (graduação, especialização, mestrado e doutorado), campo que teve um papel fundamental na instrumentalização e ressignificação das experiências de vida e práticas de trabalho das colaboradoras. Quanto a este ponto, a constituição profissional é trazida na fala das participantes ao rememorarem a escolha pelo curso de Serviço Social:

E depois quando eu escolho o Serviço Social eles [familiares] diziam para mim: “e não é que era o caminho dela mesmo?” (Grata).

Eu tenho certeza que fiz uma escolha sem querer, mas coerente e uma escolha certa, porque, eu digo ao pessoal, eu estou me aposentando porque eu acho que temos que viver as várias fases da vida, mas eu não estava desesperada para me aposentar. Até porque eu acredito muito no nosso trabalho e na política de Assistência Social, acredito muito no trabalho que a gente desenvolve com os usuários e usuárias acredito muitos nos usuários e usuárias, e entendo que ainda temos um longo caminho para percorrer, ainda mais agora, sobretudo nesse período de perdas de direitos, nesse contexto tem direitos que já estavam garantidos que a gente, de uma hora para a outra, está perdendo esses direitos. (Responsável)

. . . então eu não tive dúvida nenhuma de fazer escolha [pelo curso de Serviço Social]

. . . . eu nunca me vi trabalhando com outra coisa, sempre me vi como assistente

social, e sempre acreditei na potencialidade da política pública que teve todo um processo de construção muito importante, porque não saiu da cabeça de um governante, saiu da categoria dos trabalhadores, dos movimentos sociais (Ativa).

Eu escolhi ficar no Serviço Social e acho que fiz a escolha certa porque eu já estava identificada com a proposta e continuei... (Trajetória).

Sempre participei de espaços de vivência coletiva também, então com certeza todo esse processo meu de formação quanto pessoa influenciou a escolha, que não foi a primeira escolha no vestibular, mas a escolha de eu continuar no curso, de eu me formar, tudo isso eu entendo que teve influência sim (Comprometida).

Historicamente, a entrada e permanência no ensino superior é um desafio para muitos estudantes, visto que este é um espaço marcado pelo elitismo, vagas insuficientes e raros incentivos e condições adequadas (como, por exemplo, moradias estudantis, restaurantes universitários e bolsas de qualidade) (Ganan & Pinezi, 2021). Dentro deste contexto, algumas falas demonstraram a importância da possibilidade de ter o apoio e suporte financeiro familiar para a continuação dos estudos:

. . . uma discussão lá na minha casa era que os meus pais tinham a intenção de me mandar estudar em outra cidade, porque não queriam que eu parasse no segundo grau e aí comecei a pensar então: já que eu vou buscar os estudos em outro lugar o que eu gostaria de fazer. E também tinha uma influência de uma expectativa dos meus pais da área da Medicina, olha só que coisa doida... (Trajetória).

E os dois estudaram muito pouco [se referindo aos pais], somos três filhos e eles deram a oportunidade para a gente ir para a universidade, eu sou a segunda filha, então a primeira abriu as portas, puxou a fila e eu vim depois. Eu vim para Londrina muito sem opção de onde estudar, fica a 250 km daqui, sem opção assim... eu

passaria numa estadual e eles me ajudariam a me manter, mas era o que tinha, não dava para fazer escola particular, estudei sempre em escola pública... (Grata).

Nota-se que não apenas as experiências de vida, foram importantes para a escolha e desenvolvimento da formação em Serviço Social. Encontramos nas falas a presença de questões materiais que exerceram grande influência nesse processo. Grata, por exemplo, conta que ter tido condições financeiras de frequentar o ensino superior foi o divisor para sair de ações baseadas na caridade e religiosidade para ações técnicas, como ela descreve:

A educação é para mim o divisor de águas e acho que é na vida das pessoas o acesso à educação, a garantia desse acesso, é... pode ser um divisor de águas. . . . é aí que eu coloco que a universidade, a oportunidade que eu tive, que me ofereceram para poder estudar, a universidade fez a total diferença (Grata).

Observando as palavras utilizadas pelas participantes sobre a graduação, percebe-se que as vivências prévias conduziram à escolha do curso. Entendemos ser em decorrência da articulação de tais experiências com a educação formal e da prática profissional diária que elas se constituíram concretamente como assistentes sociais capacitadas para atuar nas políticas públicas. Isso pode ser visto nos trechos que seguem:

... para mim [a formação] começou ainda antes de vir para a universidade, mas a universidade foi o divisor mesmo, sabe? foi a universidade que traz para mim essa outra visão, esse outro olhar, na medida que a gente vai avançando em conhecimento, em visão de mundo para essa questão do direito e superação dessa visão clientelista, politiqueira, né que eu vi muito (Grata).

Me encontrei na profissão e é um curso que me deu bases para muitas compreensões sobre a história, sobre o cotidiano de vida das pessoas, qual a relação da vivência atual das pessoas com toda sua história, que isso tem a ver com a estrutura socioeconômica. (Responsável).

... a teoria me ajudou a entender aquelas insatisfações que eu tinha diante daquela realidade, não era normal para mim... (Ativa).

Comecei, ainda assim, tateando as ideias e ainda muito imatura para compreender porque tem algumas abordagens no curso de Serviço Social que são muito profundas, e a gente muito novo né, fazendo estudos tão interessantes sem uma base, né... (Trajetória)

. . . hoje eu acho que assim você conversando agora, a experiência que eu tinha de liderança comunitária dentro da igreja que eu participava, com certeza me ajudou e subsidiou um pouco aí, mas foi fundamental assim a minha formação na universidade foi o grande direcionamento, porque lá a gente tinha as temáticas que se trabalhava, a gente tinha uma formação que indicava isso, eu tive que além disso recorrer aos meus estudos, então a minha formação profissional que foi o grande direcionamento da minha ação profissional, complementada com aquilo que me foi oferecido dentro da estrutura da política da Assistência Social. Da experiência da minha vida pessoal é muito mais carisma, o modo de tratar, como você as vezes se coloca diante das pessoas, então são questões assim que se coloca nas relações de modo geral. Mas, por que seria importante eu me relacionar com as lideranças, que espaços buscar? A análise das condições de vida que as pessoas tinham, as razões que levavam a isso, fortalecê-las para uma articulação coletiva para que elas pudessem reivindicar também direitos e trabalhar a formação política delas e tudo isso foi a graduação que me possibilitou essa análise (Comprometida).

Como visto acima, a educação formal foi um agente transformador e capacitador para que elas tivessem recursos a partir de bases teóricas e práticas científicas para atuar na área. Cabe destacar que o curso de Serviço Social é composto de quatro anos de estudos em meio período e possui disciplinas particulares da profissão e de áreas afins. Conta com uma carga

horária obrigatória de estágios supervisionados por um profissional atuante no campo e o supervisor acadêmico e, segundo o Colegiado de Serviço Social da UEL, tem o objetivo de “... formar assistentes sociais capazes de intervir e construir conhecimentos numa perspectiva crítico-científica, considerando as demandas decorrentes da dinâmica da sociedade, do Estado e do próprio Serviço Social” (2019, p.01).

Comprometida aponta para a possibilidade de saída de uma leitura restrita a partir das vivências cotidianas para uma análise embasada e qualificada para decisões sociais. A fala abaixo descreve a importância da graduação para a atuação em Serviço Social:

. . . . por exemplo, uma leitura macro que é: Qual o papel do Estado? Agir ou deixar de agir e que implicações que isso tem para as relações que são estabelecidas na sociedade, então a influência de um sistema econômico excludente, essa leitura macro, que eu chamo, ela abre a visão de um campo bem restrito que a gente tem a vida cotidiana, então você com base em um referencial teórico analisa determinados aspectos com maior profundidade. Essa base do curso te instrumentaliza para uma atuação profissional (Comprometida).

Outro ponto que foi marcante nas entrevistas e se tornou um constituinte essencial da experiência foi a leitura de que todas tiveram um olhar compromissado com a continuidade da formação profissional. Como é possível ver nos diferentes relatos, elas não pararam de se desenvolver profissionalmente com a obtenção do diploma acadêmico, mas sabendo das fronteiras que todo curso superior possui e que o profissional está em constante construção, buscaram o aperfeiçoamento dentro de suas necessidades. Ademais, apesar de todas possuírem pelo menos o nível de mestrado, foi possível observar que a busca pelo constante aprendizado não esteve vinculada apenas com a obtenção de títulos, como também a partir do cotidiano de trabalho e desafios enfrentados.

Na entrevista com Ativa este ponto apareceu a partir de um questionamento realizado à entrevistada:

Você está me contando bastante de um altruísmo, de dar, de possibilitar o que tinha naquele momento [se referindo às vivências com outras crianças descritas na seção 4.3], como que você foi criando esse pensamento de direitos e dos limites que tem a política também? (Pesquisadora).

Olha, eu nem acho que foi a graduação, mas foi a prática, e identificar que as famílias precisavam muito além do que as questões materiais, elas precisavam ter acesso à convivência, criar vínculos, fortalecer vínculos e para isso a gente tem que ter processos de trabalho, então a gente ter, a gente criar isso dentro dos serviços para poder atender de forma técnica e também de forma que essas pessoas se sintam partícipes dessas construções (Ativa).

A frase de Ativa demonstra o processo de formação continuada, em que a graduação não se torna um destino final da formação profissional, pelo contrário, ela atua como ponto de partida formal. Esse mesmo processo de construção realizado a partir das demandas profissionais foi descrito por todas as participantes:

. . . porque assim não tinha nada e a gente queria construir e nessa busca pela construção, cada uma de nós foi estudar né. Vai estudar isso ou estudar aquilo. . . . mas assim a gente ainda não tinha formação nenhuma da política de Assistência Social, porque estava em construção e nós fomos estudar, fazer mestrado muitos de nós, outros especialização, enfim... fomos, mas muito em busca da construção, então a nossa formação foi no chão da construção (Grata).

. . . eu sempre me apeguei muito na minha responsabilidade como servidora pública e como profissional, qual era a minha responsabilidade naquele setor ou serviço que eu ia começar a desempenhar (Responsável).

. . . . então eu fiquei conselheira durante um tempo e essa experiência foi muito forte para mim, e eu entrei na comissão de fundo, financiamento do conselho estadual, e a gente tinha embates muito complexos lá porque na época era o governo do Jaime Lerner e eles não disponibilizavam informações para o conselho, era tudo muito pouco transparente, e a gente tinha que arrumar estratégias como sociedade civil que a gente estava lá representando sociedade civil profissionais, né, estratégias para conseguir algumas informações, e a gente ia para ministério público, assembleia legislativa, então assim, foi trazendo uma vivência muito importante, até de como superar alguns obstáculos. . . . E me chamou a atenção para eu fazer uma pesquisa sobre isso. E eu falei: vou fazer um mestrado pesquisando o financiamento da Assistência Social no estado do Paraná, e fiz o teste passei, a prova do mestrado, apresentei o projeto e entrei, enquanto eu estava fazendo e então eu estava trabalhando e fazendo o mestrado (Trajetória).

Eu me lembro que eu fui recepcionada e me deram um catatau de material, passei uma semana lendo, entendendo a lógica de funcionamento e teve um outro processo, que a própria secretária municipal na época pediu que eu agendasse uma reunião, solicitasse a uma igreja o espaço, o salão que era para chamar todas as lideranças da região e que ela ia me apresentar para a comunidade. Eu lembro que ela foi e falou para todo mundo o que era a política de assistência social da época, quais eram os objetivos e me entregou para a comunidade dizendo "a Comprometida^{XIV} agora é assistente social de vocês, tudo que vocês precisarem, podem procurá-la" (Comprometida).

Há um elemento importante nos trechos acima que remete ao olhar das entrevistadas para o seu posicionamento frente ao trabalho, de reconhecer quando não tinham o

^{XIV} Nome próprio alterado.

conhecimento sobre o assunto e ir buscar uma continuidade de formação adequada e de representarem a população a partir de seus conhecimentos como assistentes sociais e profissionais celetistas da prefeitura.

De acordo com as colaboradoras, a busca por aperfeiçoamento profissional não foi uma decisão apenas individual. Entendem que o contexto da política pública de assistência social era propício para esta formação, principalmente no momento inicial em que se construía o SUAS e quatro delas estavam em seus anos iniciais de formadas:

. . . então foi dando segurança e também havia um momento que sentavam todos os que respondiam por essas áreas uma vez por semana para socializar um pouco a dinâmica, o processo, havia muita formação à época que nos dava embasamento, então isso ajudava, então não era um negócio solto lá e tudo por sua conta, era um processo bem bacana mesmo, desafiador e muito bom (Comprometida).

E a secretaria oferecia muito espaço de debate, de palestra, de seminários (Ativa).

Este espaço propiciado pela secretaria de assistência social se mostra de grande importância visto que, para além da construção individual das profissionais e do SUAS como um sistema de seguridade social, há também a construção da própria profissão. Nesse sentido, observamos um marcador social nas falas das entrevistadas que se liga com a formação, a religiosidade. A partir desta é possível correlacionar as vivências das colaboradoras da pesquisa e a história do Serviço Social como profissão.

Ao decorrer das falas das entrevistadas, vemos a saída das ações compromissadas com a mudança social do campo religioso e moral para um saber científico, teórico e instrumentalizado, buscando estabelecer seu lugar. Como apresentado na subseção 4.5 Comprometida iniciou seu interesse pelas ações sociais a partir das vivências no ambiente religioso de sua mãe, e com a graduação foi obtendo novos conhecimentos para atuar como

profissional ampliando seu campo de leitura das situações. Essa desvinculação do campo religioso também foi visível na fala de Grata:

Acho que ressignificar e reconstruir tudo, sabe? Porque quando a minha irmã falava "vai lá, irmã que é com você" é lógico que era com olhar da caridade, da religião. O meu pai não era ligado nessas coisas não, mas a minha mãe fazia a gente ir na missa certinho. Então estava ligado à religiosidade da minha mãe. Acho que a universidade traz essa ressignificação, essa abertura (Grata).

A história de construção e desenvolvimento do Serviço Social também demonstra esse percurso. Ainda que, como profissão, tenha uma orientação laica desde o início, a religião católica foi uma grande incentivadora das práticas sociais tendo inclusive uma vertente conhecida como “catolicismo social” (Martins, 2021). Este movimento foi iniciado por homens da elite para homens de classes populares e teve como objetivo a recristianização da população. Ademais, no mesmo período e em contexto entreguerras, sob diversos efeitos do aumento da industrialização, como urbanização e demandas de direitos trabalhistas, surge a necessidade de os Estados darem resposta às questões sociais (Rodrigues, Ferriz & Nascimento, 2011).

De acordo com Yamamoto (2010), as questões sociais são inerentes ao capitalismo, visto que é a partir da construção e organização deste sistema que se manifestam solicitações de cunho social, político e econômico que buscam no Estado o tratamento dessas demandas, que por sua vez, atua de forma fragmentária e parcializada. Como consequência desse modo de atuação, em primeiro lugar, observa-se a precarização dos serviços, ao se colocar a responsabilidade para níveis locais do governo que contam com menores possibilidades de organização e financiamento. Em segundo, verifica-se a privatização dos serviços, processo no qual as ações de cunho social se tornam mercadorias a serem oferecidas a um consumidor. A sociedade civil, a partir de ações filantrópicas ou voluntárias, se torna a principal

responsável pela oferta de tais serviços. Por essa razão, diz-se que este modelo de atuação gera uma “(re)filantropização” das questões sociais.

É nesse contexto, propositalmente deixado pelo Estado, que crescem as ações religiosas de cunho social. Ainda de acordo com Martins (2013, 2021), ao decorrer do século XIX, as ações envolviam a organização dos trabalhadores e educação popular voltada para o cuidado com crianças e orientação para as mulheres sobre seu papel de esposas e mães. Ou seja, no catolicismo social os homens assumiam responsabilidades voltadas ao sentido político e as mulheres atuavam a partir de suas experiências de obras de caridade que tinham como exemplo a vida das santas. É a partir das dificuldades das demandas sociais trazidas que o clero e os homens atuantes no catolicismo social passam a observar o poder organizativo e prático das mulheres para além da benevolência. Entende-se que

As mulheres das elites e das classes médias passaram a ser associadas às virtudes regeneradoras da ordem moral e social e a uma concepção natural de bondade, altruísmo e dedicação aos necessitados, valores presentes tanto nas ações de motivação caritativa quanto na organização racionalizada da filantropia, na definição e implementação das políticas assistenciais e na organização das profissões femininas criadas a partir da experiência heterogênea dos cuidados (Martins, 2013, p. 144).

A partir desse processo, de fomento da participação feminina em ações filantrópicas que visavam responder às questões sociais, que se deram as duas vertentes das atividades femininas: educação e assistência social. Estas ações demonstraram uma contradição, pois ao mesmo tempo em que as mulheres católicas realizavam atividades sociais de cunho conservador, de acordo com as prerrogativas morais da igreja e incentivando os “bons costumes” com papéis específicos de gênero, atuar no catolicismo social foi garantindo a ocupação de espaços de exposição de ideias que eram predominantemente masculinos e que não seriam possíveis por outras vias na época.

Assim, entende-se por que o Serviço Social se organizou como uma especialização a partir da experiência das escolas sociais católicas, afinal os doutrinadores e estudiosos do catolicismo social perceberam que não bastavam a caridade e a benevolência para enfrentar a questão social. Os problemas se mostravam complexos e requeriam conhecimento, método e técnica a fim de se proporem soluções. Não foi, portanto, coincidência que as escolas sociais, de educação familiar e doméstica criadas desde o fim do século XIX passaram a ser escolas de Serviço Social a partir da década de 1920 e modelos para as escolas católicas criadas no Brasil na década de 1930 (Martins, 2021, p. 196).

Esta vinculação religiosa se apresenta intimamente ligada com a predominância, até os dias atuais, de mulheres exercendo a profissão, como veremos mais à frente. É somente a partir da década de 1960 que o Serviço Social passa a ser uma profissão vinculada a espaços de ensino superior e são desenvolvidos movimentos para efetivamente cessar sua associação ao conservadorismo religioso. Na década de 1990, em um período já marcado pelo neoliberalismo, se regulamenta a profissão, se oficializa o projeto ético político, a partir da Lei nº 8.662/93, e se desenvolvem as diretrizes curriculares do curso (Rodrigues, Férriz, Nascimento, 2011). Em versão mais recente, tais diretrizes apontam que o profissional de Serviço Social deve atuar:

. . . nas expressões da questão social, formulando e implementando propostas de intervenção para seu enfrentamento, com capacidade de promover o exercício pleno da cidadania e a inserção criativa e propositiva dos usuários do Serviço Social no conjunto das relações sociais e no mercado de trabalho (Brasil, 2002, p. 01).

Como apresentado acima, levou-se mais de trinta anos para que as atividades da profissão deixassem de ter uma motivação majoritariamente moral e religiosa para adentrarem ao campo científico e de direitos. O aparato de leis foi fundamental para essa

mudança de posicionamento. Entretanto, ainda permanecem termos e alterações de legislação que mantêm brechas para imprecisões sobre o papel do Serviço Social trazendo como uma das consequências a ideia de que não seria necessária uma formação específica para a atuação neste campo (Felippe, 2013; 2018). Consideramos que estes elementos sobre o papel do profissional influenciam na manutenção, até os dias atuais, da conexão com o pensamento religioso.

De acordo com Silva (2020), em pesquisa realizada com estudantes de pós-graduação em Serviço Social na região de Londrina, 64% se declararam católicos, número menos expressivo do que no início da profissão, onde a doutrina católica era hegemônica ao que se referia às questões sociais. Nesse estudo também se constatou que 57% dos profissionais entrevistados correlacionam questões do trabalho à religião. Tal ação é motivada pelas dificuldades referentes à profissão em que o trabalhador por diversos momentos não consegue resolver os problemas com que se depara e recorre à religião, o que torna o fazer profissional problemático, visto que:

Os problemas sociais são entendidos enquanto situações provocadas por razões que estão fora do mundo profano e, portanto, as respostas deverão estar no plano sagrado. Fato que nos leva a afirmar que a sociedade brasileira não é secularizada, arriscaríamos escrever, nunca fomos uma sociedade secularizada, situação em que o Estado é pautado no direito racional e em uma burocracia especializada e profissional, contando com funcionários qualificados e admitidos conforme sua competência. Portanto, o que verificamos é que se os profissionais do Serviço Social que atuam na implementação das políticas sociais - geralmente admitidas por meio de concurso público ou por indicação - por vezes têm sua ação pautada em princípios que podem gerar situações que provoquem impasses e divergências entre o profissional e o

usuário, destoando do que está preconizado no Código de Ética. . . (Silva, 2020, p. 192).

Outro ponto observado nessa mesma pesquisa é que muitas pessoas ainda escolhem ingressar nesta graduação baseadas no paradigma assistencialista amparadas na caridade. Consideramos que esta não seria uma questão crítica se não fosse a “. . . a incipiente problematização – dentro e fora dos espaços acadêmicos – quanto a influência de valores e princípios religiosos nos indivíduos e nas esferas social, política, cultural e econômica e que repercutem na formação profissional” (Silva, 2020, p. 189).

Apontamos que, principalmente em um momento em que o conservadorismo vem avançando na esfera global, se faz imprescindível que a universidade tenha o papel de questionar e complexificar processos de trabalho que desviam de preceitos críticos, éticos e laicos. Isso ocorreu nas histórias das colaboradoras desta pesquisa, que apontaram ter uma base católica inicial, mas ampliaram seu campo de visão a partir da graduação e da constante busca de aprimoramento profissional que expandiu suas possibilidades de leitura das situações e pensamento crítico.

Como conclusão da análise sobre o marcador religioso, a partir da bibliografia e em comparação com as entrevistas realizadas, notamos semelhança do processo de desvinculação do Serviço Social com o contexto religioso, mas percebemos que o processo individual das colaboradoras se deu de forma mais enfática, pois vimos que a questão religiosa esteve presente como um dos elementos de escolha do curso, entretanto ele não perdurou como instrumento de atuação profissional (como demonstrado na pesquisa de Silva, 2020).

Tal comparação gerou um olhar sobre uma possível diferença do campo teórico (leis garantindo ações laicas e pensamento crítico) e a prática, onde profissionais ainda trazem para o campo religioso ações que deveriam ser baseadas em conhecimentos de cunho econômico-social. Observa-se que mesmo com um amplo caminho de conquistas, o Serviço

Social como um todo ainda precisa caminhar para garantir uma formação pautada não na assistência por benevolência, mas em direitos universais e garantidos constitucionalmente.

Este compromisso ético das entrevistadas dessa dissertação pode ser resumido através da fala de Responsável:

. . . então, por que toda essa minha militância? É pela compreensão de que as situações que nós vivenciamos e os enfrentamentos dessas questões se dão no campo coletivo, então por isso da minha inserção, do meu envolvimento e da minha participação em outras instâncias que pudessem possibilitar um enfrentamento coletivo de situações vivenciadas, de lutas por direitos (Responsável).

Um segundo marcador social que se apresentou na pesquisa e se relaciona ao compromisso com a formação é o gênero das participantes. Como apresentado na seção três, sobre o percurso metodológico, não delimitamos como critério de inclusão ou exclusão o gênero daqueles que seriam entrevistados. Entendemos que o fato de as colaboradoras da pesquisa serem mulheres está relacionado com a forte incidência histórica do sexo feminino no exercício do Serviço Social.

De acordo com a PROPLAN - Pró-reitoria de planejamento da UEL (2021), entre os anos de 2015-2019 se formaram 190 mulheres e 17 homens no curso de Serviço Social da universidade. Essa disparidade de gêneros está de acordo com o identificado na literatura (Felizali, 2018; Martins, Moroneze, Anhucci, 2020), como também nos dados coletados em 2004 a nível nacional pelo Conselho Federal de Serviço Social (CFESS, 2005) em que se constatou que apenas 3% dos assistentes sociais eram homens.

Cisne (2004) aponta que o caráter de “feminilização” da profissão gera diversas implicações como o desprestígio social e inferioridade, sendo que não é pelo fato de mais mulheres serem assistentes sociais que se dão tais efeitos, mas pela forma com que as questões de gênero se dão socialmente:

. . . a categoria profissional sofre as consequências das relações desiguais de gênero, inscritas no bojo da questão social, não só no tocante ao seu público usuário – majoritariamente feminino, – Mas também com relação à categoria em si. Portanto, perceber as determinações/implicações dessa “feminização” para o trabalho das Assistentes Sociais é fundamental para o avanço, reconhecimento e afirmação da profissão (Cisne, 2004, p. 169).

Observa-se, portanto, que conceito de gênero apresenta diversas complexidades, pois está associado a relações de poder. Dessa forma, se utilizar dessa palavra implica sair de uma predeterminação biológica que envolve o conceito “sexo” e adentrar em um campo cultural onde se entende que os papéis são construídos e podem ser problematizados e transformados (Gomes, 2018).

Também é importante considerar que “o gênero pode operar uma forma de colonialidade ao essencializar e invisibilizar a multiplicidade de práticas culturais e cosmovisões que produzem relações sociais diferenciadas, sobretudo, no contexto específico da América Latina” (Dimenstein et al., 2020, p.04). Ou seja, a análise histórica de gênero implica em reconhecer que a forma com que as relações se dão atualmente parte de raízes do modelo de colonização que nos foi imposto.

Gomes (2018), por exemplo, apresenta que diversos estudos indicam que povos originários e indígenas não se organizavam de forma hierárquica e rígida como se dá atualmente, mas contavam com “uma relativa igualdade, uma divisão de tarefas que não se assemelha ao que se convencionou chamar divisão sexual do trabalho, um respeito pela homossexualidade, identidades de gênero mais fluidas e não decorrentes do sexo. . .” (Gomes, 2018, p. 70). Tratam-se de características distintas do modelo colonial e eurocêntrico que se organiza “. . . em torno da produção do “outro” como inferior. . . .

mediante as relações hierarquizadas que cria e esconde essa criação com atribuições de natureza ou essência” (Gomes, 2018, p. 72).

Ainda que essa temática não tenha sido foco específico desta pesquisa, observamos que em alguns momentos ela permeou os conteúdos trazidos pelas entrevistadas ao que se refere ao lugar da mulher em nossa sociedade. Iniciamos esta análise a partir da pontuação de duas colaboradoras que citaram o trabalho de suas mães como professoras de educação básica, profissão também ligada historicamente ao cuidado e feminino.

Quando a gente morava na área rural, a minha mãe tem até a quarta série, mas ela dava aula de alfabetização. Ela tinha que ler, tinha que escrever, tinha que elaborar provas, ela tinha que buscar as coisas, buscar informação, buscar conhecimento, isso... eu não sei se não é instinto né, é processo construído, mas ela sempre foi lutadora (Ativa).

. . . então eu optei por fazer magistério também influenciada pela minha mãe que é professora agora aposentada, mas também pensando um pouquinho na trajetória dela, pensando também que eu poderia caminhar um pouquinho para o lado da Pedagogia e até a Psicologia porque eram abordagens que eram feitas no curso de magistério (Trajetória).

Grata também trouxe o contexto de vida e trabalho de sua mãe como parte de suas vivências, como ela descreve:

Minha família de imigrantes italianos, então dos netos do meu avô, de trabalhadores de roça, né, mas era patriarcal, trabalhador braçal e minha mãe empregada doméstica dos treze aos dezoito anos. Ela conta que para ela tirar férias ela estava tão cansada, porque as vezes ela trabalhava três anos numa casa. Ela não tinha férias não tinha nada, então ela estava tão cansada que ela pedia as contas, ela pedia

demissão. “Oh vou sair”, aí ela descansava um mês, dois meses, ela voltava a trabalhar. Porque ela não tinha férias, não tinha direito a nada (Grata).

As falas acima encontram-se diretamente relacionadas com a divisão social do trabalho que, de acordo com Hirata & Kergoat (2007, p. 599) decorre das relações sociais entre os sexos:

. . . mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.) Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher).

A partir dessa definição vemos as três profissões citadas pelas colaboradoras (assistentes sociais, professoras de ensino básico e empregada doméstica) como parte dos dois princípios da divisão social do trabalho. São funções exercidas majoritariamente por mulheres (CEFESS, 2005; Prá & Cegatti, 2016; Bond, 2019) e relacionadas ao feminino, que muitas vezes não têm seus direitos garantidos, não são remuneradas ou recebem menos pela mesma quantidade de tempo de atividade realizada em relação aos homens. Medeiros e Pinheiro (2018, p. 172) apontam que:

O tempo empregado no trabalho pago dos homens é superior ao empregado pelas mulheres. Há uma maior proporção de homens trabalhando e suas jornadas são, em média, maiores que as das mulheres. No trabalho não pago, porém, ocorre o inverso, com mais mulheres trabalhando, e estas trabalhando por mais horas por semana. A combinação dos dois tipos de trabalho faz com que o tempo médio de trabalho total

das mulheres seja superior ao dos homens. Em outras palavras, há um certo grau de divisão sexual dos tipos de trabalho realizados e nessa divisão muitos homens e mulheres acumulam duas jornadas, mas esse acúmulo é desproporcional e o resultado disso é que o tempo total de trabalho das mulheres é, em média, superior ao dos homens (41 horas para elas e 37,8, para eles).

A maior quantidade de horas trabalhadas pelas mulheres está relacionada com o que comumente se chama de “dupla jornada”, visto que a entrada para o mercado de trabalho levou à um acúmulo de tarefas, pois ficou nas mãos das mulheres continuarem exercendo funções de manutenção do lar, como limpeza, alimentação, cuidado de filhos e idosos, ao mesmo tempo que realizam jornadas de emprego fora de casa.

Destacamos a importância do compromisso com a formação profissional das entrevistadas. Entretanto, consideremos imprescindível destacar as vivências das colaboradoras para que as conquistas profissionais das assistentes sociais não sejam romantizadas ao não se levar em consideração as questões de gênero que enraízam as relações sociais. Tal questão ficou muito destacada em algumas falas de Ativa:

E fazendo pós-graduação, depois eu fui para o mestrado e aquela correria, trabalhar, mestrado e criança pequena, foi assim... eu fico pensando assim "eu não sei como eu aguentei", se fosse hoje eu não teria energia. Mas também sempre que possível, principalmente se fosse fim de semana, à noite, eu levava comigo, então assim... a minha filha de vez em quando ela cobra, ela diz que eu fui muito ausente, mas eu não tinha outra opção, eu precisava me aprimorar... eu arrumei outro emprego e fui tocando, do jeito que a coisa vinha a gente ia enfrentando, resolvendo. Mas não é fácil, as mulheres se sobrecarregam demais, ainda mais trabalhando, estudando... Já fez graduação? A concepção de muitos homens é: "Não, já estudou, não precisa de mais" (Ativa).

Contar com uma rede de familiares e amigos para ajudar a dar conta de cuidar dos filhos, até mesmo para trabalhar. Fui dar aula uma época e muitas vezes tinha que sair do município e contar com essa rede de apoio, era bem puxado e as crianças eram pequenas. Lógico, eu não me dedicava a estudar, participar de eventos na mesma proporção que eu participava antes de tê-los, acho que é um momento de vida que a gente precisa mesmo focar em outras coisas e é uma escolha difícil, foi uma escolha difícil para mim, né. "Nossa vou deixar de fazer um curso porque eu preciso ficar com meus filhos", duas coisas que sempre foram muito importantes, e mesmo tendo reduzido ainda tem meu sentimento de culpa por muitas vezes ter deixado para poder viajar para outro estado, para poder dar aula. Então são os traumas que a gente carrega durante a vida (Ativa).

Este cuidado para o papel da mulher na sociedade também é demonstrado no olhar que as assistentes sociais demonstram no trabalho com as usuárias do SUAS, como demonstra a fala de Comprometida:

À medida que uma pessoa vem e traz pra gente que ela não está dando conta da vida, não está dando conta do filho ou daquela convivência, e a gente devolve isso com: "Olha você é mãe, a responsabilidade é sua." Então isso gera o quê? A questão é que de fato existe um contexto que a culpa [a mulher] dessa situação que estamos vivenciando, e que ela não ter acesso a internet, de ela estar sozinha, não ter renda suficiente, dela não ter uma moradia... isso não é uma culpa dela, então assim, existe um contexto econômico social que precariza a condição de vida das pessoas, e a gente precisa tratar com um pouco mais de leveza algumas coisas e dar uma acolhida e uma escuta para essas pessoas... (Comprometida).

As duas falas acima demonstram um sentimento de culpa por parte das funções sociais demandadas pelas mulheres, ao mesmo tempo que apresenta diferenças importantes

das condições de vida de cada pessoa. As dificuldades apresentadas por Ativa como profissional formada, que teve uma rede de apoio e condições de exercer sua profissão, são diferentes das dificuldades do exemplo citado por Comprometida, em que a mulher não conta com condições mínimas de sobrevivência.

É a partir dessa proposta de não generalizar as condições que Gomes (2018) coloca além da visão decolonial, ao que se refere aos estudos sobre gênero, a indissociação com a raça, sendo que o gênero atua como “... uma categoria de análise capaz de desestabilizar o que é ser homem ou ser mulher apenas quando percebido não como uma categoria primária, secundarizando a raça, mas como categoria junto a ela produzida” (Gomes, 2018, p.69).

Nesse sentido, observamos a raça como o terceiro marcador que perpassou esta pesquisa, visto que mais uma vez sem termos delimitado como critério de escolha de participantes as características das entrevistadas estiveram de acordo com dados de pesquisa realizadas no âmbito nacional, na qual, de acordo com os dados do CFSS (2005), 72% das profissionais que responderam o questionário a nível nacional se declararam brancas, proporção também encontrada em nossa pesquisa (quatro entrevistadas se declararam brancas e uma amarela). Consideramos este um ponto relevante, pois os estereótipos ao que se refere ao gênero feminino não são os mesmos para todas as mulheres, visto que:

O imaginário de mulheres brancas – como os de fragilidade, domesticidade, maternidade, por exemplo – é produzido em oposição a imaginários sobre homens e mulheres negras e indígenas pela negação do gênero a estes últimos, o que levará ao fato de que isso está presente tanto no sentido de que se constitui a ideia do “gênero feminino” como ideal branco oposto ao de mulheres negras e indígenas como possuidoras apenas de sexo e, assim, como aquilo que “não se quer ser” ... (Gomes, 2018, p.76).

Quando olhamos para a comparação de dados sobre a orientação sexual, todas as colaboradoras desta pesquisa se declararam heterossexuais o que reflete o observado em nível nacional na qual 95% das profissionais deram a mesma resposta (CFESS, 2005).

Para uma melhor visualização desses dados, de modo sintético, trazemos abaixo uma tabela descritiva das participantes de nossa pesquisa:

Tabela 1:
Perfil das profissionais de Serviço Social entrevistadas em comparação com o perfil nacional.

	Grata	Responsável	Ativa	Trajetória	Comprometida	Dados CFESS (2005)
Idade	50 anos	57 anos	50 anos	49 anos	49 anos	38% - 35 a 44 anos 30% - 25 a 34 anos 25% - 45 -59 anos
Cor	Branca	Amarela	Branca	Branca	Branca	72,14% - Branca 20,32% – Negra 0,38% - Amarela
Gênero	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	97% - Feminino 3% - Masculino
Orientação sexual	Heterossexual	Heterossexual	Heterossexual	Heterossexual	Heterossexual	95% - Heterossexual 3% - Homossexual 2% - Bissexual
Estado Civil	Casada	Casada	Separada	União estável (não formalizada)	Casada	53% - Casada 47% Solteira
Tem filhos?	Sim, dois filhos	Sim	Sim, dois filhos	Não	Sim	56% - Sim 44% - Não
Formação/ Titulação:	Graduação: 1992 Mestrado: 2005	Graduação: 1984 Especialização 2001 Mestrado: 2005	Graduação: 1992 Mestrado: 2009	Graduação: 1994 Mestrado: 2004	Graduação: 1994 Mestrado: 2006 Doutorado: 2017	55% - Graduação 36% - Especialização 7% - Mestrado 1% Doutorado

A partir das informações acima pode-se notar que, de forma geral, as cinco colaboradoras desta pesquisa apresentaram características que seguem o que foi levantado

nacionalmente. A exceção encontra-se no item relativo à formação/titulação em que as entrevistadas têm maior grau de escolarização). Este dado, contudo, precisa ser observado com cautela, visto que a coleta de dados foi realizada em 2004, época em que elas também não possuíam o mestrado. Outro ponto que pode ter influenciado nesses dados é que pelo fato de serem pesquisadoras pode ter contribuído para que aceitassem colaborar com essa pesquisa, visto que entramos em contato com três outras mulheres que preferiram não participar da entrevista.

Em síntese, observamos a partir dos marcadores sociais que apareceram nessa pesquisa, um caminho a ainda ser percorrido ao que se refere às condições de formação visto que o perfil das assistentes sociais ainda não se difere muito do que era na década de 1930: mulheres, brancas, que possuem condições mínimas financeiras para aprimoramento profissional, heterossexuais, casadas e com filhos. Características que reforçam o estereótipo próprio da noção de feminilidade.

5.3 DISPONIBILIDADE E ABERTURA PARA A CONSTRUÇÃO

O terceiro e último constituinte essencial da experiência que identificamos nesta pesquisa foi a disponibilidade e abertura das colaboradoras para ações de construção de suas formações profissionais, assim como da política pública de Assistência Social. Entendemos esse constituinte a partir da noção de que o “. . . ser humano está sempre em movimento, apesar de se estabelecer no horizonte limitado das determinações e condicionamentos do mundo pode, ao mesmo tempo, se colocar em condição de abertura para as possibilidades do existir” (Ruas, 2019, p.07).

A partir dos relatos vimos que a disponibilidade e abertura formaram a base para o sentimento de incômodo e compromisso. Isto é, consideramos que, em um mundo permeado

pela tentativa de domínio dos sentimentos “negativos”^{xv}, é necessária uma disponibilidade de aceitar e conviver com todas as possibilidades que se mostram. Para todas as participantes seria uma alternativa não olhar para as condições sociais desiguais, abafar o incômodo e buscar conforto na alienação. Entretanto, não foi este o caminho escolhido. Como descrito nas subseções anteriores elas optaram pelo compromisso com a formação e mudança. Assim, observamos que é necessário estar disponível para que os incômodos que nos tocam sejam provocadores de ações.

Essa abertura à diferença, ao novo, é essencial para que os sujeitos reconheçam a possibilidade de mudança, e qualquer transformação social começa por uma mudança de perspectiva, um esforço individual e coletivo para enxergar possibilidades mais satisfatórias de construir nossas próprias vidas, nossas relações sociais, nosso trabalho, nosso presente e nosso futuro (Reis, 2011, p. 78).

As entrevistadas aceitaram novas perspectivas em diversos momentos do seu histórico de vida, seja em mudanças de cidade, objetivos, visões de mundo, ou atividades profissionais. Tais elementos nos remeteram à noção de “aventura” como uma das viabilidades a abertura. Segundo Borges-Duarte (2020, p.200), este posicionamento “. . . soa ao nível do afecto, inundando a vida, experimentada dessa forma. Na aventura não se busca a certeza da ciência, mas a incerta possibilidade do desconhecido. Não se move na hipótese de um sentido expectável, mas no desbravar da surpresa”.

No histórico de vida das colaboradoras houve uma não linearidade dos caminhos percorridos, os planos foram alterados e elas foram provocadas a exercerem atividades para além do desejado ou conhecido no momento, principalmente no começo da carreira:

. . . minha história começou aí, então era assim, como eu era recém formada foi assim: "como você não sabe trabalhar você fica e você vai fazer outra coisa que a

^{xv} Escrevemos negativos não como um juízo de valor entre bom x mal. Mas como uma contraposição aos sentimentos relacionados à uma positividade (alegria, satisfação, euforia...).

gente precisa, então eu comecei assim, fazendo projeto para a captação de recursos. . . num primeiro momento foi um impacto, mas também era a vontade de começar a trabalhar, então a gente topa né. . . não foi frustrante, mas eu esperava estar lá na ponta. Acho que não foi também como você não tem capacidade, mas oh, você não tem a experiência que a gente precisa nesse momento lá na ponta, mas você pode contribuir de um outro jeito. E fomos criar, então o que hoje é a gestão da Assistência Social começou comigo, captando os primeiros recursos, fazendo os primeiros convênios. O que hoje a gente chama de indicadores de qualidade de serviço a gente estava lá pensando como metas de qualidade para a gente acompanhar, tanto que acabei apaixonada por isso e no mestrado eu foi estudar o monitoramento e avaliação de serviços não governamentais, como que os municípios começam isso dentro da Assistência Social (Grata).

E logo que eu me formei, eu comecei a participar da Associação Profissional dos Assistentes Sociais de Londrina e região, me formei no final de 1984, e em 1985 existia já uma dificuldade de constituir a diretoria, quem que se coloca à disposição de ser presidente de uma associação profissional, aí eu recém formada acabei me colocando à disposição (risadas). Aí em 1985 fui ser a presidente da Associação de Profissional dos Assistentes Sociais de Londrina e região, então me deu uma base muito grande. . . (Responsável).

Então eu era nova, inexperiente, e eu tive que aprender na raça, porque eu fiquei sozinha nesse território. Só que isso foi muito bom para mim, porque eu tive que ser proativa, eu tive que arcar com isso (Ativa).

. . . e foi um tempo em que eu aprendi bastante, porque a gente tem que lidar com questões, eu tive que lidar com questões que não faziam parte do meu jeito de ser, ter que definir uma direção para um grupo de entidades, ou seja, eu assumia com elas

um papel de quem coordenava um processo de trabalho e de gestão que era complexo, então tive que aprender muito nesse processo (Trajetória).

A minha formação foi sempre voltada para a área da infância e adolescência, e aí em 1996 eu fiz um concurso que era da Secretaria de Assistência Social, mas não necessariamente meu interesse, eu estava aberta a oportunidades, tanto é que no término do serviço social eu ingressei em um curso de especialização que era no campo de marketing gestão de recursos humanos, caminhava em uma outra linha. . . . É interessante porque como eu tinha essa formação toda na área da infância e a adolescência, a secretária na época conhecia essa minha trajetória e disse: "Olha, assim que você assumir, dali um tempo eu vou te direcionar para essa área que eu sei que é sua formação". Só que isso não aconteceu de imediato, eu fui para outra área que eu nunca tinha atuado, que na época chamava Ação Comunitária, que é hoje desenvolvido pelos CRAS. (Comprometida).

O que nos chama a atenção nos trechos selecionados e que destacamos como o constituinte da disponibilidade e abertura é o posicionamento das profissionais de se colocarem em jogo (em ação) a partir das condições que estavam disponíveis no momento. Forma de atuar que lhes conduziu a caminhos não antes planejados ou pensados, dando caráter “. . . desse vir-nos ao encontro (venturoso ou desventurado) do desconhecido e misterioso da existência, em direção ao qual corremos, com todos os sentidos alerta, mas mais com o coração que com a cabeça” (Borges-Duarte, 2020, p.201).

A expressão “ir com o coração” não representa uma romantização ou idealização das características de trabalho e do processo formativo, pois apesar de relatarmos com um olhar positivo os acontecimentos, as colaboradoras exemplificaram situações de desafios e dificuldades enfrentadas:

Como eu me senti em alguns processos? Em alguns processos recebia o convite e sabia que eu poderia contribuir de outra forma, só que nem sempre os convites para a transferência eram no sentido de algum estudo que eu tinha feito, alguma pesquisa, de algum aprofundamento, era mais na função da necessidade daquele serviço ou setor. . . . por mais que as vezes não estivesse dentro do meu horizonte passar por aquela transferência ou por aquela mudança, eu sempre procurei me apropriar da minha nova responsabilidade e qual era a diferença que eu poderia fazer como profissional naquela minha nova tarefa, na minha nova atividade (Responsável).

Eu me lembro que eu fui recepcionada e me deram um catatau de material, passei uma semana lendo, entendendo a lógica de funcionamento e teve um outro processo também, que a própria secretária municipal na época pediu que eu agendasse uma reunião, solicitasse a uma igreja o espaço, o salão que era para chamar todas as lideranças da região e que ela ia me apresentar para a comunidade. Lembro que ela foi e falou para todo mundo que era a política de assistência social da época, quais eram os objetivos e me entregou para a comunidade dizendo: "a Comprometida^{XVI} agora é assistente social de vocês, tudo que vocês precisarem, podem procurá-la." Então foi assim que eu fui introduzida, foi um desafio significativo. . . . depois dessa experiência você está preparada para atuar em outras áreas, as relações que você estabelece, o conhecimento que você tem que adquirir, bem bacana (Comprometida). . . . é aquela história você está na chuva é para se molhar. . . . Meu Deus do céu. Eu não dormi aquela noite, e foi assim, minha primeira de muitas experiências dessa, eu tive que lidar com o medo de falar em público, uma coisa que aqui eu estava no projeto creche já tinha que dar uma condução, tinha uma dificuldade, é lógico que minha trajetória não tinha me permitido estabelecer uma segurança, então eu tive, na

^{XVI} Alteração do nome próprio para nome utilizado nesta pesquisa.

marra, lógico, aquela história de te joga na água e manda você nadar. E foi assim, então eu tive que dar conta de superar esses medos, essa dificuldade de me expressar em público, então foi muito bom, foi sofrido naquele momento porque imagina a carga de ansiedade que eu vivi, mas foi ótimo. Foi uma escola para mim. As vivências vão formando a gente mesmo (Trajetória).

Observamos nas falas por alguns momentos um aspecto de ambiguidade em que descrições de: “desafio”, “dificuldade”, “foi sofrido”, “carga de ansiedade” estiveram conectadas com: “bem bacana” e “foi ótimo”. Vemos a importância de se levar em consideração o papel cognitivo da memória nessa questão, pois

. . . . “extraímos elementos fundamentais de nossas experiências e os arquivamos; então recriamos ou reconstruímos nossas experiências em vez de resgatar cópias exatas delas”. No processo de reconstrução há como uma distorção, impregnada de emoções, sentimentos, crenças, conhecimentos e associações, obtidas muitas vezes, segundo o autor, até mesmo de conhecimentos “obtidos após a experiência” (Schacter, 2003 como citado em Rocha, 2010, p. 92).

Tais conhecimentos “obtidos após a experiência” parecem ter um papel fundamental na forma como as profissionais enxergam as vivências atualmente. Seus relatos trazem, para além das dificuldades, a forma como as situações foram tratadas em equipe, o que trouxe suporte para o trabalho e a formação. Isso pode ser visto nas falas de Comprometida e Ativa:

. . . eu tive um apoio tanto da chefia que fazia supervisões semanais, onde eu trazia as questões, então foi dando segurança e também havia um momento que sentavam todos os que respondiam por essas áreas uma vez por semana para socializar um pouco a dinâmica, o processo, havia muito formação à época que nos dava embasamento, então isso ajudava sozinha, então não era um negócio solto lá e tudo

por sua conta, era um processo bem bacana mesmo, desafiador e muito bom (Comprometida).

. . . a gente pensava "ah, vamos criar o grupo das agentes comunitárias, ah vamos para lá fazer isso e aquilo. Vamos criar projetos de hortas comunitárias, hortas caseiras". E nessas reuniões que a gente fazia, a gente discutia muito sobre os direitos, sobre a responsabilidade, sobre a questão da busca de acesso aos direitos, os espaços de participação (Ativa).

Consideramos que a capacidade de ter uma abertura para vivenciar novas situações e desafios não deve ser vista apenas como uma questão individual, do querer ou não novas experiências, mas em contexto das condições para que o novo se dê. Como descrito nas seções anteriores, as entrevistadas tiveram o suporte de familiares para a busca dos estudos formais e já em exercício da profissão havia um cenário em que tinham a contribuição dos colegas e gestão. Trajetória ao falar sobre suas mudanças de cidade para o trabalho nas esferas estadual e nacional do SUAS comentou:

. . . é interessante ser nova, né? a gente vai de peito aberto para as coisas. . . (Trajetória).

Esse amparo - social, familiar, do trabalho – fortifica o estabelecimento de um cenário que propicia a aventura (ir de peito aberto) que se dá como “ . . . um puro jogar-se, que descobre o mundo, descobrindo-se a si mesmo” (Borges-Duarte, 2020, p. 205). Este elemento do descobrir-se também foi fundamental para a formação, um processo de articulação e integração entre elementos do histórico de vida, as vivências familiares e a construção dos próprios caminhos e ideias.

Ainda bem que eu consegui fazer bastante coisa diferente [dizendo sobre como aprendeu a articular sua nova visão de mundo com a de familiares], como eu te falei, ia lá brigava, porque meu ponto de vista era outro, é lógico eu estava em outro lugar

meu ponto de vista seria outro, não estava mais dentro daquela casa. Meu lugar já era outro no mundo, meu ponto de vista era outro (Grata).

Ela [mãe] motivava sim, e daí eu também fui por outros caminhos, não necessariamente esses dela dos engajamentos pastorais do menor ou o movimento nacional, mas por outros caminhos e outras ações que na verdade tinha um caráter semelhante nessa leitura do contexto da realidade de vida que as pessoas em situação de pobreza ou marginalidade viviam na época (Comprometida).

Não apenas no contexto familiar as entrevistadas estiveram disponíveis para construir uma articulação de diferentes visões de mundo, mas também no cotidiano de trabalho a partir de atuações interdisciplinares. Responsável diz sobre essa forma de trabalho que:

. . . é extremamente rico e extremamente importante, existem especificidades e essa interlocução e essa articulação interdisciplinar é muito rica, essa troca é muito rica, e são visões de diferentes áreas, visões e trocas das possíveis formas de intervenção (Responsável).

A atuação interdisciplinar é essencial no Sistema Único de Assistência Social visto que a partir da Política Nacional de Assistência Social – PNAS (Brasil, 2004) e da Norma Operacional Básica de Assistência Social – NOB/SUAS (Brasil, 2005) descreve-se uma forma de atuação baseada em equipes formadas por técnicos de diversas áreas para além do Serviço Social. Trata-se de um elemento importante “pois o trabalho profissional requer inventividade, inteligência e talento para criar, inventar, inovar, de modo a responder dinamicamente ao movimento da realidade” (CFESS & CFP, 2007).

Uma das áreas de conhecimento que passou a ganhar espaço na política a partir de 2004 com a estruturação do SUAS foi a Psicologia, sendo um momento que exigiu das trabalhadoras que já estavam em campo uma abertura de visão para as novas possibilidades de exercício em equipe. Sobre tal período Ativa diz:

A gente passou por momento que com a chegada dos psicólogos muitos assistentes sociais tinham muito medo. "Mas o que eles vão fazer? Vão tomar nosso lugar? Vão fazer aquilo que a gente faz?" e na realidade a gente não sabia, aliás, nem os psicólogos sabiam o que iam fazer no SUAS, e muita gente ainda tem dúvida porque não tem nada escrito: "Você tem que fazer isso, isso e isso". Mas eu sempre pensei: "Nossa, um outro olhar né, uma outra especificidade, um outro conhecimento", logo depois veio a Pedagogia que fortaleceu mais ainda, contribuiu para a gente aprimorar o trabalho, mais o olhar. A gente ter um profissional de uma outra área que olhasse aquilo que os olhos não veem. As condições de vida, de moradia, de acesso à alimentação, a gente vê isso direto, mas como é que essas pessoas sentem, quais são as potencialidades que essas pessoas têm, o que precisa ser enfrentado? Porque a gente sabe e agora mais ainda com a inserção da Psicologia no SUAS que as famílias precisam muito além de comida, de casa, de condições materiais. Precisa ressignificar a vida, precisa ter contato com a história dela, ver o que é possível mudar a partir dessa... de se reconhecer enquanto cidadão e ocupar esses espaços, utilizar os serviços. . . . tanto que hoje estão tão poucos psicólogos que virou artigo de luxo (Ativa).

Para vir a ser um “artigo de luxo”, como descrito por Ativa, foi fundamental um processo de construção das relações, que exigiu uma disponibilidade dos trabalhadores das diversas áreas de realizar uma mudança de atividades e posicionamento que possibilitasse uma atuação em conjunto, e não uma segmentação de atividades perante os usuários. Sobre essa questão Comprometida afirma que:

. . . . se a gente trazer só para a particularização de cada política e dizer "a minha política é essa e ponto" e a gente não buscar entender conjuntamente qual é o contexto que essas pessoas vivem, o que podemos fazer juntos, a gente vai

reproduzindo "você é de um jeito, eu do outro" as vezes para a mesma família. . . (Comprometida).

Nesse contexto, entendemos a disponibilidade para o trabalho interdisciplinar como uma atitude de responsabilidade perante os usuários do SUAS, ainda que não seja sempre uma atividade tranquila e sem conflitos, como descreve Grata a partir de sua experiência de trabalho com uma psicóloga:

Eu falo assim "nossa, quantos paus nós quebramos né. E ela jovem né [se referindo à colega da área da Psicologia], nossa, muito, muito boa, mas até a gente aprender a tocar junto, né. Então, mas... eu tenho isso como, a definição dos SUAS quais são essas categorias chamadas a trabalhar, cada um com seus conhecimentos, com suas expertises, isso é uma das gratidões que eu tenho da política. Porque eu acho que deu também para a Assistência Social um outro olhar, outros olhares, porque ficava só com a gente, só com o Serviço Social ali no comecinho. Então quer dizer a gente nesse pensar e repensar, e a gente mesmo, a gente com a gente mesmo (Grata).

Como efeito da posição de disponibilidade e abertura das participantes, em diversos aspectos da vida, se deu uma ampliação de horizontes e de mundo, e quando descrevemos, ao decorrer desta dissertação, acontecimentos que não estavam planejados, pedidos ou demandas de outras pessoas e o aceite das colaboradoras em vivenciarem essas conjunturas não estamos dizendo de uma passividade de simplesmente aceitar o que veio ao encontro e terem apenas sorte por terem sido oferecidas boas oportunidades. Estamos dizendo de uma constante produção de escolhas, de se colocar diante dos acontecimentos e decidir pelo caminho a ser seguido, visto que:

A existência é uma abertura à percepção e compreensão de tudo o que a ela se apresenta. . . . é ela [a abertura] que proporciona a amplitude das possibilidades de escolha, no decorrer da existência. . . . Podemos, pois, considerar que a liberdade de

escolher é tanto maior quanto mais ampla for a abertura do ser humano à percepção e compreensão de sua vivência no mundo (Forghieri, 1993, p. 46-47).

Para que as escolhas se realizem é necessário que a pessoa esteja em coerência com a realidade, não como uma verdade absoluta, mas como uma circunstância que apresenta limitações (físicas, sociais, pessoais) e uma linearidade de acontecimentos, as informações obtidas no passado, o momento presente, e as projeções para o futuro. Este aspecto da realidade demonstra que não há nada de absoluto e que “. . . ao escolher contamos apenas com nossa abertura à compreensão de nossa vivência e à de nossos semelhantes, que nos colocam diante de possibilidades, exigindo de nós responsabilidade para assumir o risco da imprevisibilidade das consequências de nossa decisão” (Forghieri, 1993, p. 48).

Isto é, na escolha cabe sempre o aspecto da responsabilidade, pelo conhecimento de que nunca será possível atingir todas as oportunidades, quando se opta por uma direção, todas as outras estão sendo deixadas de lado naquele momento. Ou seja, “a própria necessidade de ter de efetuar uma escolha entre várias possibilidades já contém o fundamento de minha limitação como ser humano: indica que não posso escolher e concretizar, simultaneamente, todas as minhas possibilidades” (Forghieri, 1993, p. 48).

Quando Responsável, Ativa, Trajetória e Comprometida deixaram de escolher cursos como Pedagogia, Direito, Fisioterapia e Psicologia um campo de possibilidades se fechou e coube a elas a responsabilização pela escolha de buscarem o Serviço Social. Ainda que no futuro elas pudessem iniciar uma segunda graduação em complemento e abrir esse novo campo de escolhas, naquele período a decisão havia sido tomada. Esse ponto foi claramente descrito em um trecho da entrevista com Ativa:

. . . eu fui crescendo eu fui trabalhar num escritório de advocacia, que era escritório de advocacia de defesa dos trabalhadores, só atendia trabalhador, não atendia área patronal e que também contribuiu muito para a minha visão política, crítica. Só que

eu eles queriam que eu fizesse Direito. E durante dois, semestres eu fiz vestibular para Direito, o terceiro eu não falei para ninguém, e fiz para Serviço Social, e eu passei em Serviço Social. Então assim, foi uma decepção para o pessoal que eu trabalhava, amigos, né. Eu continuei fazendo, e no próximo vestibular eu fiz para Direito também e passei. E foi horrível aquela situação, uma perspectiva de trabalho, de fazer estágio naquele escritório, até de crescimento profissional, mas eu percebia que eu não tinha identidade nenhuma com Direito, então eu não tive dúvida nenhuma de fazer escolha. Tanto que depois que eu fiz a escolha que eu estava no terceiro semestre eu me dediquei muito mais ao curso (Ativa).

Ativa conta sobre ter se responsabilizado pelo o que era coerente a ela, saber que suas decisões influenciavam outras pessoas, pois havia uma expectativa de colegas de trabalho que contavam com suas futuras qualificações profissionais, entretanto, sobre tal decisão cabia a ela as consequências. Forghieri (1994, p. 49) aponta que:

Antes de escolher tenho dúvidas...só depois de fazer a escolha e de concretizá-la tenho a certeza do que assumi... e do que renunciei. . . . Vivencio a amplitude de minha liberdade quando ainda estou diante das possibilidades; mas, ao assumir a decisão de uma escolha, passo para as limitações e as exigências da concretude da realidade. Entro, então, num outro nível de minha existência, que é o da ação.

Baseado no conceito de intencionalidade de Husserl, Shultz (1967, p.57) afirma que “. . . toda ação é uma atividade espontânea orientada para o futuro. . . .”^{XVII}. O autor coloca a distinção entre o agir e a ação. O primeiro se refere à uma situação presente que está acontecendo, e a ação se refere à um ato encerrado em que se faz possível observar as consequências. Tomando o exemplo de Ativa, quando estava prestando os vestibulares ela

^{XVII} “. . . every action is a spontaneous activity oriented toward the future”.

estava no processo do “agir”, com a decisão tomada passou a ser uma ação, visto seu caráter conclusivo.

Nesse sentido, o agir e a ação possuem três características: a projectibilidade que se refere à possibilidade de se imaginar o resultado da ação quando ela estiver finalizada – visando o futuro; a tipicidade, que é o acúmulo de experiências obtidas no passado que conferem a projectibilidade; e a socialidade como o processo de sociabilização da ação que se dá no presente (Shultz, 1967; Castro, 2012).

A partir da teoria de Alfred Shultz, quando a pessoa se depara com situações desconhecidas, frequentes no posicionamento de estar disponível para o novo que estamos descrevendo, existem duas estratégias. A primeira se refere ao esquema interpretativo, em que o sujeito interpreta e dá sentido às experiências vividas e o segundo se refere à esquemas motivacionais que “corresponde à procura, pelo indivíduo, no seu caldeirão de experiências, de referências capazes de justificar uma ação ou um pensamento” (Castro, 2012, p.58).

Ou seja, as ações são “comportamentos motivados” (Shultz, 1979, p.124). O autor faz uma diferenciação entre os “motivos a fim de” e os “motivos por que”. Sua concepção é de que os primeiros se referem a um ato projetado, pode ser uma fantasia, que leva à uma ação. Já o segundo se refere às experiências passadas e sai do campo do projetar para a ação em si. Se no primeiro há um vasto campo de possibilidades imaginativas, no segundo se escolhe de forma concreta o como/forma de realizar o ato. Isto significa que:

Motivo pode ter um significado subjetivo e um significado objetivo. Subjetivamente refere-se à experiência do ator que vive o processo de atividade em curso. Para ele, motivo quer dizer o que ele realmente tem em vista como atribuidor de significado à sua ação em curso, e isso é sempre o “motivo a fim de”, a intenção de realizar um estado de coisas projetado, atingir um objetivo preconcebido. Na medida em que o ator vive em sua ação em curso ele não tem em vista os seus “motivos por que”.

Somente quando a ação é realizada, quando, na terminologia que propusemos, ela se torna um ato, é que ele pode voltar-se para a sua ação passada, como um observador de si próprio, e investigar em que circunstâncias foi determinado que fizesse o que fez (Shultz, 1979, p.125).

Ao decorrer das entrevistas esta temática da motivação apareceu nos dois sentidos. Grata disse sobre o que podemos identificar como os “motivos a fim de” no sentido de projetar um futuro que levou a ações, ao se referir ao desenvolvimento do SUAS na região:

. . . então assim, a motivação era altíssima, porque assim não tinha nada e a gente queria construir e nessa busca pela construção, cada uma de nós foi estudar né. Vai estudar isso ou estudar aquilo (Grata).

Podemos observar também os “motivos por que” olhados em retrospecto, com falas de Ativa e Comprometida:

Eu fico pensando nessas dificuldades próprias do trabalho e da estrutura do sistema, o que te motivou a continuar? (Pesquisadora).

Eu nunca me vi trabalhando com outra coisa, sempre me vi como assistente social, e sempre acreditei na potencialidade da política pública que teve todo um processo de construção muito importante, porque não saiu da cabeça de um governante, saiu da categoria dos trabalhadores, dos movimentos sociais. Então, eu sabia que tinha que ser persistente sempre, eu não poderia desistir, que primeiro que era uma coisa que eu gostava, que eu sabia fazer, e sabia também até conhecer a história das políticas públicas que a gente sempre tem que ir para o enfrentamento porquê de graça não vem nada. Sempre nós tivemos que tensionar para que algumas coisas acontecessem, então foi acreditando nisso que eu não desisti e continuei brigando, pela vontade de participar dos espaços, de propor, então acho que isso que me moveu (Ativa).

. . . então assim, você está nesse fluxo de construção e acreditar, acho que acima de tudo é isso, na afirmação daquilo que coloca a Constituição Federal no campo dos direitos e que nenhum desses direitos pode retroceder, na sua área por exemplo do SUS, que tem sofrido, a nossa área do SUAS, o quanto a gente perde de avançar nesse tempo, ao mesmo tempo é um processo de resistência nosso, seja interno de afirmar: "não existe outro caminho se não esse de assegurar a política pública às pessoas" e trazer também a responsabilidade conjunta dos demais colegas, então acho um processo bem bacana que traz muita motivação (Comprometida).

Estes trechos demonstram que a perspectiva da garantia de direitos (como apresentada na subseção 4.1) foi um elemento motivador para a construção comum e individual. Nesse sentido, as ações são parte do que entendemos como um projeto existencial e resultadas de escolhas contínuas. O histórico de vida das entrevistadas, desde acontecimentos da infância, como a decisão pelo curso, e os trabalhos executados na Assistência Social tiveram seus elementos de imprevisibilidade. Entretanto, não foram aleatórios, pois partiram de um campo de possibilidades, em que não há outra alternativa senão a escolha. Como afirma Sartre (1978, p.17): “A escolha é possível num sentido, mas o que não é possível é não escolher. Posso sempre escolher, mas devo saber que, se eu não escolher, escolho ainda”. Ou seja, as pessoas estão, ao agir no mundo, continuamente construindo seu projeto existencial.

Quando as colaboradoras contam que foram incentivadas a buscar outros caminhos, mas preferiram seguir com o Serviço Social, já pela identificação com a profissão, entendemos que quando se “. . . escolhe o seu compromisso e o seu projeto com toda a sinceridade e lucidez, qualquer que seja, aliás, esse projeto, é impossível preferir-lhe um outro” (Sartre, 1978, p.18). Nesse sentido, compreendemos o projeto existencial como:

. . . a união, o “fio condutor” entre o passado, presente e futuro, a continuidade compreensível das vivências, coerência interna do mundo individual, que reflecte a

escolha originária que o indivíduo fez de si e que aparece em todas as suas realizações significativas, quer ao nível dos sentimentos, quer ao nível das realizações pessoais e profissionais (Teixeira, 2006, p.291).

A criação do projeto envolve um entrelaçamento entre múltiplas vivências. Engloba uma gama de lugares, instituições, ideias, valores, visões de mundo. É articulado com modelos familiares e sociais, pois é construído em mundo físico (mundo circundante), a partir de relações sociais (mundo humano) e de acordo com emoções, sentimentos e autoavaliações (mundo próprio) (Ruas, 2019).

A partir dessa concepção entende-se que a existência humana se constitui a partir de três elementos: cuidado, construção e responsabilidade. Ao buscar se compreender, o indivíduo é capaz de cuidar de sua existência e construir caminhos de acordo com seus próprios valores de forma a se responsabilizar pelo empreendimento do seu projeto existencial. Sendo assim, particular e factual (Teixeira, 2006). Nesse sentido entendemos que a vivência humana “. . . não é senão o seu projeto, só existe na medida em que se realiza, não é, portanto, nada mais do que o conjunto de seus atos, nada mais que sua vida (Sartre, 1978, p.13).

Os três constituintes essenciais da experiência contêm, nesta pesquisa, um elemento primordial que esteve presente no histórico de vida das colaboradoras que é a responsabilização pelo próprio projeto existencial. Foi possível observar uma apropriação dos próprios sentimentos, dentre eles destacamos o incômodo, que esteve relacionado com um compromisso pela ação a partir da disponibilidade e abertura para as diversas possibilidades de vivências dentro do contexto que estavam inseridas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos responder à questão de como as experiências de vida influenciaram a formação e a atuação profissional de trabalhadoras do SUAS, em específico, as assistentes sociais. Para isso utilizamos como ferramenta a entrevista aberta de forma a permitir um alto grau de liberdade para as participantes trazerem informações e, principalmente, contarem suas histórias. Esta modalidade de pesquisa nos permitiu dar centralidade ao relato das trabalhadoras, espaço onde foram trazidos elementos desde eventos marcantes até acontecimentos que compõem seu cotidiano de vida e trabalho.

A partir dessa abertura, mesmo sem a utilização de um roteiro único e estruturado, algumas temáticas se repetiram e se tornaram pontos de análise. Assim, a partir do que surgiu nas falas das colaboradoras, buscamos elementos teóricos que fossem coerentes com a pesquisa, não para trazer uma explicação final sobre tais processos, mas para dar suporte para a discussão. Dessa forma, o conteúdo acadêmico veio como pano de fundo acompanhando as experiências vivenciadas pelas cinco mulheres, tanto em âmbito individual como no coletivo de construção da política do SUAS na região.

A postura de pesquisa adotada possibilitou, também, que o momento das entrevistas não fosse apenas uma via unilateral, de obtenção de respostas, mas uma troca entre pessoas disponíveis para a fala e a escuta, o que permitiu reflexões e conexões importantes também para as colaboradoras. Ademais, percebemos que o fato de as participantes terem mais de vinte e cinco anos de carreira foi importante para um distanciamento dos acontecimentos e possibilidade de análises e conexões das vivências passadas com o contexto atual, ação que de acordo com os elementos teóricos trazidos, não seria possível enquanto se vivencia as situações.

A partir da clarificação dos conceitos base da dissertação - experiência e formação - foi possível organizar as falas das participantes a partir dos conteúdos relevantes para a

pesquisa. Com base nos constituintes essenciais da experiência que identificamos nas análises das entrevistas – incômodo, compromisso e disponibilidade – entendemos que as vivências deram os elementos fundamentais para o costurar do histórico de vida das colaboradoras e para a construção e desenvolvimento do projeto existencial de cada uma delas.

Um elemento que conectou os três constituintes foi a postura ativa das trabalhadoras. Em primeiro lugar, a ação de se disponibilizar a olhar para as mais diversas situações sociais e as desigualdades constituídas a partir do modelo social e econômico. Para algumas delas, foi logo na infância, para outras, essa visão veio a se desenvolver com a formação acadêmica. Algumas tiveram um exemplo familiar de visão política, outras tiveram um exemplo no campo religioso. Porém, independente dos antecedentes, todas optaram por buscar espaços de construção coletiva para ações sociais.

Em segundo lugar, destaca-se que elas foram protagonistas no processo de educação formal, buscaram estágios, pós-graduações *lato* e *stricto sensu* para amparar e instrumentalizar ações para situações que há tempos já traziam um caráter incômodo. Ao que se refere à profissão de Serviço Social no Brasil entendemos, a partir dos dados coletados, que a mudança e ampliação do perfil de profissionais descrito nessa pesquisa é uma questão complexa que envolve políticas de governo que propiciem a diminuição das desigualdades sociais e consequente aumento da possibilidade de acesso ao ensino superior de qualidade por parte de uma maior parcela da população.

Observamos também que a formação não deve ser entendida como uma questão individual baseada no mérito dos estudantes e profissionais, mas como uma questão social, que envolve condições financeiras, preconceitos e raízes históricas a serem alteradas. Nesse sentido, entendemos que as instituições formadoras (instituições de ensino superior, conselhos da profissão, secretarias municipais) devem estar atentas para construir cada vez melhores condições de formação.

A partir da pesquisa realizada, consideramos que uma das possibilidades de investigações futuras é buscar responder esta pergunta a partir de uma seleção mais heterogênea de profissões, incluindo outros trabalhadores do SUAS, pois ao delimitarmos a área e período de atuação, observamos que este fator propiciou uma demarcação significativa nos conteúdos trazidos. Ou seja, um grupo menos heterogêneo trará novas visões sobre a temática e por consequência novos desafios para o método escolhido o que poderá fortalecer a construção do conhecimento científico.

Em síntese, a pesquisa nos mostrou que a resposta para como as experiências de vida influenciaram a formação e a atuação profissional de trabalhadoras do SUAS - em específico, as assistentes sociais - se refere ao real vivenciar os acontecimentos e estar em posição de disponibilidade para as possibilidades que se abrem e constroem um histórico de vida que traz elementos para a formação e atuação profissional.

Uma pessoa pode ter anos de vida e ter ido a diversos lugares, mas se não estiver em posição de abertura para as experiências e relações não haverá uma base de significados. E se não buscar ações a partir de tais vivências, não haverá um direcionamento para a construção de sua formação e atuação profissional. Nesse contexto, nossas colaboradoras nos mostraram que ao respeitar o próprio processo formativo se constrói um caminho coerente com os valores desenvolvidos a partir do histórico de vida. Mostraram, também, que não há neutralidade nesse modelo de pesquisa, pois a intencionalidade está sempre presente, e a atenção se volta para elementos que dizem tanto das entrevistadas, como de quem entrevista. Isso diz da pluralidade, singularidade e possibilidade de compartilhamento da vivência humana entre outras pessoas.

Como apresentado na introdução, esta pesquisa diz de um interesse pessoal e o momento das entrevistas, assim como a leitura e releitura das transcrições e as análises teóricas, possibilitaram a mim, como pesquisadora, novos olhares sobre meu atual cargo e os

desafios que envolvem uma posição nas políticas públicas, contribuindo para a minha formação tanto acadêmica como profissional.

Encerramos esta dissertação com o desejo de que esta seja a descrição de um método de pesquisa e, ao mesmo tempo, que possa contribuir para que outros trabalhadores façam uma reflexão sobre seu histórico de vida e que esta análise possibilite ações formativas em busca de uma sociedade mais igualitária e que efetivamente garanta os direitos de toda a população.

REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de filosofia*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Almeida, D. M. F. (2006) A Efetivação Das Competências E Atribuições Legais Na Atividade Profissional Dos Assistentes Sociais Da Secretaria Municipal De Assistência Social Da Prefeitura Municipal De Londrina - Pr (Dissertação de mestrado), Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil.
- Almeida, R.E. (2014). A empatia em Edith Stein. *Cadernos IHU*, 48, 4-55.
- Alves, J. M. (2002). História Da Assistência Social Aos Pobres Em Londrina: 1940 - 1980 (Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo, Brasil).
- Amatuzzi, M. (2007). Experiência: um termo chave para a Psicologia. *Memorandum*, 13, 08-15.
- Andrade, C. C. & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 27(2), 259-268
- Aragão, P.S. (2009). *Gestão Da Política Municipal Da Assistência Social Em Londrina (2001 A 2007):Avanços E Desafios Na Interface Com As Organizações Do Terceiro Setor* (Dissertação de mestrado), Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil.
- Aranha, M.L.A; Martins, M.H.P. (2009) *Filosofando: Introdução à Filosofia*. (4ª ed.). São Paulo: Moderna.
- Augras, M. (1896). *O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bardi, G., Bezerra, W.Z., Monzeli, G.A., Pan, L.C., Braga, I.F., Macedo, M.D.C., (2021). Pandemia, desigualdade social e necropolítica no brasil: reflexões a partir da terapia ocupacional social, *Revisbrato: Interinstitutional Brazilian Journal of Occupational Therapy*, 4(2), 496-508.
- Barreta, J.P.F. (2010). O conceito de vivência em Freud e Husserl. *Psicologia USP*, 21(1), 47-78.
- Barros, M. (2010). *Poesia Completa*. São Paulo: Leya.
- Batista, S.H.S.S. (2002). Formação. In: Fazenda, I. (Org.), *Interdisciplinariedade: Dicionário em construção* (2ª ed., pp. 135-13). São Paulo: Cortez.
- Benelli, S. J., & Costa-Rosa, A. (2012). Paradigmas diversos no campo da assistência social e seus estabelecimentos assistenciais típicos. *Psicologia USP*, 23(4), 609-660.

- Bicudo, M.A.V. (2003). A formação do professor: um olhar fenomenológico. In: Bicudo, M.A.V. (Org.), *Formação de Professores? Da incerteza à compreensão* (Cap.1, pp. 19-46). Bauru: EDUSC.
- Bond, L. (2019). *Ipea: trabalho doméstico é exercido por mulheres mais velhas*. Agência Brasil. Recuperado de <https://agenciabrasil.etc.com.br/economia/noticia/2019-12/ipea-trabalho-domestico-e-exercido-por-mulheres-mais-velhas>
- Bondía, J.L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira da Educação*, 19, 20-28.
- Borges-Duarte, I. (2020). A aventura como abertura afectiva do a-*vir*: uma abordagem fenomenológica. *Unisinos Journal of Philosophy*, 21(2), 199-208,
- Brancatti, P.R., & Rinaldi, R.P. (2020). A Fenomenologia e a História de Vida. *Educação e Filosofia*, 34 (71), 489-507.
- Brasil, Câmara da Educação Superior (2002). *Diretrizes curriculares para os cursos de Serviço Social* - resolução nº 15, de 13 de março de 2002.
- Brasil, Ministério da Cidadania. (2021). Bolsa Família. Recuperado de <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-familia>
- Brasil, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2005). *Política nacional de assistência social Pnas/ 2004*. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social.
- Brasil, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2012). Orientações técnicas sobre o PAIF. Volume 2. Trabalho Social com Famílias do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família – PAIF. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social.
- Brasil, Subchefia de assuntos jurídicos (1993). Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993: *Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências*.
- Bruno, A. (2014). Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. *Medições*, 2(2), 10-25.
- Buber, M. (2009). *Eu e Tu*. (N.A.V. Zuben, Trans.). São Paulo, SP: Centauro. (Trabalho original publicado em 1923).
- Buckinham, W., Burnham, D., Hill,C., King,P., Marenbon, J., Weeks,M. (2013). *O livro da Filosofia*. São Paulo: Editora Globo.
- Cardoso, C. L., Féres- Carneiro, T, & Giovanetti, J. P. (2009). Um Estudo Fenomenológico Sobre a Vivência de Família em uma Comunidade Popular. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29 (4), 780-795.
- Castro, F.F. (2012). A sociologia fenomenológica de Alfred Schutz. *Ciências Sociais Unisinos*, 48(1), 52-60.

- Cerbone, D. (2012). *Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes.
- CFESS, Conselho Federal de Serviço Social; CFP, Conselho Federal de Psicologia (2007). *Parâmetros para a atuação de assistentes sociais e psicólogos (as) na Política de Assistência Social*. Brasília.
- Cisne, M. (2004). *SERVIÇO SOCIAL: UMA PROFISSÃO DE MULHERES PARA MULHERES? - uma análise crítica da categoria gênero na histórica “feminização” da profissão* (Dissertação de Mestrado), Curso de Mestrado em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PB, Brasil.
- Coalizão Direitos Valem Mais (2020). LDO/LOA 2021 e PEC 188: Piso mínimo emergencial para serviços essenciais, desmonte do Estado pela PEC do Pacto Federativo e necessidade de mudanças urgentes nas regras fiscais. *Nota técnica*. Recuperado de https://direitosvalemmais.org.br/wp-content/uploads/2020/10/NOTATECNICA_loaldo_out2020.pdf
- Codes, A.L.M. (2008). A trajetória do pensamento científico sobre pobreza: em direção a uma visão complexa. *Texto para discussão 1332*. IPEA. Governo Federal.
- Coelho Junior, N. E. (2002). Consciência, intencionalidade e intercorporeidade. *Paidéia*, 12(22), 97-101.
- Coen, R. (2015). *108 contos e parábolas orientais*. Editora Planeta Brasil.
- Colegiado Serviço Social. (2019). Feira de Profissões 2019. Recuperado de <http://www.uel.br/cesa/sersocial/pages/feira-de-profissoes-2019.php>
- Conselho Federal de Serviço Social – CFESS. (2005). *Assistentes Sociais no Brasil. Elementos para o estudo do perfil profissional*. Brasília: CFESS.
- Costa, M.M. (2019) A empatia em Edith Stein como estratégia de enfrentamento da intolerância. *TA Filosofia*, 1, 87-114.
- Creswell, J. (2013). *Qualitative Inquiry & Research Design: Choosing among five approaches*. 3ed. Estados Unidos da América: Sage.
- Cruz, M.P. (2018). *Pessoa, comunidade e empatia em Edith Stein*. (Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil).
- D’orsi, C. (2020). *As letras maiúsculas*. Goethe Institut Brasília. Recuperado de <https://goethebrasil.org.br/blog/as-letras-maiusculas/>
- Dimenstein, M., Silva, Gabriel, N., Dantas, C., Macedo, J.P., Leite., J.F., & Filho, A., A. (2020). Gênero na perspectiva decolonial: revisão integrativa no cenário latino-americano. *Revista Estudos Feministas*, 28(3), 1-14.
- Feijoo, A.M.L.C., & Goto, T. A. (2016). É Possível a Fenomenologia de Husserl como Método de Pesquisa em Psicologia? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32 (4), 1-9.

- Felippe, J.M.S. (2013). Projetos profissionais do serviço social e da psicologia nos CRAS: uma articulação bem sucedida?. *Vértices*, 15 (1), 97-111.
- Felippe, J.M.S. (2018). O processo legislativo e a regulamentação do Serviço Social no Brasil: uma análise documental. *Serv. Soc. Soc.*, 131, 29-50.
- Felizali, L.T. (2018). *A Evasão Discente No Curso De Serviço Social Da Universidade Federal De Ouro Preto* (Trabalho de Conclusão de Curso), Curso de Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG, Brasil.
- Fernandes, M.A. (2010). Consciência, vivência e vida: um percurso fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica* – 16(1), 29-41.
- Ferreira, A.B.H. (2008). *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa* (7ª ed.). Curitiba: Ed. Positivo.
- Fink, E. (2011). Fenómenos fundamentales de la existencia humana. *Revista Observaciones filosóficas*. Libros y Recensiones.
- Flor, T.C., & Goto, T.A. (2015). Atuação do Psicólogo no CRAS: uma Análise Fenomenológico-empírica. *Revista Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 21(1), 22-34.
- Forghieri, Y, C. (1993). *Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, Método e Pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Gadamer, HG. (1999). *Verdade e Método* (3ª.ed.). Petrópolis: Vozes.
- Ganan, E.A.S., Pinezi, A.K.M. (2021). Desafios da permanência estudantil universitária: um estudo sobre a trajetória de estudantes atendidos por programas de assistência estudantil. *Educação em Revista*, 37, 1-18.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século Edições.
- Gomes, C.M. (2018). Gênero como categoria de análise decolonial. *Civitas*, 18(1), 65-82.
- Gomes, N. (2016). *Identidade*. Recuperado de <http://www.spe.cefetmg.br/2016/06/20/assistente-social-do-cpe-araxa-vence-concurso-de-poesia-sobre-servico-social/>
- Goto, T.A. (2008). *Introdução à Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.
- Goto, T.A., Costa, I.I., Schievano, B.A. (2019). Vivências psicológicas de homens que buscam profissionais do sexo. Uma proposta de análise psicológico-fenomenológico. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, 10 (1), 90-104.
- Heine, S. & Wright, D.S. (2000). *The koan: texts and contexts in zen buddhism*. Oxford University Press.

- Hirata, H., Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 595-609.
- Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. 2ª ed. Aparecida: Ideias e Letras.
- Husserl, E. (2013). *Meditações Cartesianas e Conferências de Paris*. Rio de Janeiro: Gen-Forense Universitária.
- Husserl, E. (2015). *Investigações Lógicas: Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Gen – Forense Universitária
- Jonas, L. C. C. (2006). Cadastro Único: Uma Visão De Sua Adequação À Política De Assistência Social No Município De Londrina (Dissertação de mestrado), Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil.
- Koga, D. H. U. (2006). Assistência Social como política de proteção social. In: Albuquerque, M. C. (Org), *Participação Popular nas Políticas Públicas* (1ed, Cap 04, pp. 49-640). São Paulo: Instituto Pólis.
- Leite, M.B. (2019). *Historicidade e hermenêutica: A influência da filosofia da vida de Dilthey no pensamento do jovem Heidegger*. São Paulo, SP: Blucher.
- Levy, L. (2010). O dualismo cartesiano. In: Altmann, S., Wolf, E.. (Org.). *Lições de história da filosofia* (pp. 86-109). Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura.
- Londrina, Secretaria de Assistência Social (2021). Impactos Sociais da Pandemia em Londrina: Uma análise de 12 meses. Recuperado de <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-assistencia/estrutura-1/covid-19-2/38656-um-ano-pandemia-demanda-oferta/file>
- Lopes, M. H. C. (1999). A construção da política de assistência social pública: uma gestão democrática em Londrina – PR (Dissertação de mestrado), Programa de Pós- Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, Brasil.
- Mahfoud, M. (2005). Formação da pessoa e caminho humano: Edith Stein e Martin Buber. *Memorandum*, 8, 52-61.
- Martins, A.P.V. (2013). Para uma história da benevolência e da feminilização da bondade. *História: Questões & Debates*, Curitiba, 59, 143-170.
- Martins, A.P.V. (2021). As mulheres católicas e as origens do Serviço Social: o caso do Instituto Social do Rio de Janeiro (1937-1947). *Em Pauta - Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, 47(19), 184 – 201.
- Martins, J. C., Maroneze, L. F. Z., & Anhucci, V. (2020). O curso de serviço social da Unespar/Campus Apucarana: um estudo do perfil de seus egressos. *Serviço Social Em Revista*, 23(2), 482-504.

- Mbembe, A. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Edição do Kindle: N-1 edições.
- Medeiros, M., Pinheiro, L. S. (2018). Desigualdades de gênero em tempo de trabalho pago e não pago no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, 33(1), 161-187.
- Merleau-Ponty, M. (1996). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Minayo, M. C. S. (2001). Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. In: Minayo, M. C. S(Org.), *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade* (pp.09 – 29). 18 ed. Petrópolis: Vozes.
- Missaggia, J. (2017). Sobre a originalidade de Edith Stein: o papel da distinção entre Körper (corpo físico) e Leib (corpo “vivo”) para a empatia e a constituição do eu. *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, 29 (48),799-818.
- Moreira, V. (2004). O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia. Reflexão e Crítica*. 17 (3).
- Moreira, V. (2010). Possíveis Contribuições De Husserl E Heidegger Para A Clínica Fenomenológica Contribuições De Husserl E Heidegger Para A Clínica Fenomenológica. *Psicologia em Estudo*, 15 (4), 723-731.
- Neto, T. (2017). Poema do Aviso Final. In: Vários autores, *50 poemas de revolta* (p. 44). 1ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Palazuelos, F. R., Mara, T., & Fonseca, G. (2017). Erlebnis e Erfahrung na perspectiva do limiar como transição e passagem. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, 17(3), 934-950.
- Paraná, Secretaria da Justiça, Família e Trabalho (2021). Benefício de Prestação Continuada (BPC). Recuperado de <https://www.justica.pr.gov.br/Pagina/Beneficio-de-Prestacao-Continuada-BPC>
- Pereira, E.M.; Guimarães, S.T.S.,& Santos, D.O.C. (2020). Pensamento Social Brasileiro E Formação Profissional Em Serviço Social. *Temporalis*, 20 (40), 14-29.
- Prá, J. R., Cegatti, A. C. (2016). Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico. *Revista Retratos da Escola*, 10(18), 215-228.
- PROPLAN - Pró-reitoria de planejamento da UEL. (2021). Formandos por Centro/Gênero. Recuperado de http://www.uel.br/proplan/egresso/portal/pages/arquivos/FORMADOS/FORMADOS_2015_2019.PDF
- Ramos, S. S. (2009). A Prosa de Dora: Uma leitura da articulação entre natureza e cultura na filosofia de Merleau-Ponty (Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil).

- Reis, A. C. (2011). A experiência estética sob um olhar fenomenológico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(1),75-86.
- Rocha, S. F. Memória: uma chave afetiva para o sentido na performance musical numa perspectiva fenomenológica. *Per Musi*, Belo Horizonte, 21, 97-108.
- Rodrigues, N.J.G.A., Ferriz, A.F.P.,& Nascimento, D.C.N. (2011). Gênero e serviço social: a prevalência da mulher nas cinco décadas de existência do curso de serviço social da universidade estadual da Paraíba. *III Seminário Nacional – Gênero e práticas culturais: Olhares diversos sobre a diferença*, João Pessoa, PB, Brasil.
- Rosmaninho, M. T. (2015). *Estágio Vivencial Em Oficina De Criatividade: Contribuições Para A Formação Do Psicólogo* (Tese de doutorado, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil).
- Ruas, R. E. S. (2019). *As relações afetivas e o projeto existencial* (Monografia, Curso de especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil).
- Santos, B. S. (2008). *Um discurso sobre as ciências*. 5. ed. - São Paulo: Cortez.
- Sartre, J.P. (1978). *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural.
- Savian Filho, J. (2014). *A empatia segundo Edith Stein: Pode-se “empatizar” a vivência de alguém que está dormindo?*. In J. Savian Filho (Org). *Empatia, Edmundo Husserl e Edith Stein: Apresentações didáticas* (29-52). Edições Loyola.
- Scarpa, M.C.T. (2019). Intencionalidade: Merleau-Ponty e Barbaras. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica* - 25(2) - 148-155.
- Schutz, A. (1967). *The Phenomenology of The Social Work*. United States of America: Northwestern University Press.
- Schutz, A. (1979). *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar edições.
- Shwartz, Y. (2010). A experiência é formadora?. *Educação & Realidade*, 35 (1), 35-48.
- Siani, S. R. & Correa, D. A. & Las Casas A. L. (2016). Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrinhada na experiência de vida. *Revista de Administração da Unimep*, 14(1), 193-219.
- Silva, A.P.S.,& Gaspar, Y.E. (2020). A formação do assistente social e do psicólogo e o sistema único de assistência social – SUAS: contribuições da fenomenologia. *Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online* (p.7). Ambiente digital: Faculdade de Letras UFMG.
- Silva, C.V. (2020). Manifestações religiosas dos/as assistentes sociais: alguns apontamentos a partir de Max Weber. *Temporalis*, 20 (40), 182-200.

- Silva, M.A. (2015). Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. *Educar em Revista*, 55, 247-260.
- Silva, R., Sousa, D., & Andrade, A. (2019). A questão da migração interna e o trabalho de proteção social no âmbito do CRAS. *Diálogos Interdisciplinares*, 8(9), 113-129.
- Silva, R.B., Alexandre, A.C.S. (2019). Políticas sociais e subjetividade: discussões a partir do contexto neoliberal Social. *Psicologia Pesquisa*, 13(1), 1-11.
- Silva, V. R.; Medeiros, A.& Dutra, M.P. (2012). O Trabalho do Assistente Social no SUAS e a Formação Profissional. *Argumentum*, 4 (1), 187-201.
- Silva, M. P. (2014). *O afeto e o afetar em relações de grupo: um olhar a partir da Gestalt-Terapia*. Rio de Janeiro: Via Vérita.
- Sokolowski, R. (2012). *Introdução à fenomenologia* (3ª.ed.). São Paulo: Edições Loyola.
- Souza, M. D. (2006). A consolidação da política de assistência social em Londrina-PR. *Serviço Social em Revista*, 8(2), 1-11.
- Souza, M.L.; Barbieri, A.R., & Gomes, W.B. (2001). Eventos marcantes na história de vida: um estudo fenomenológico. *Psico (Porto Alegre)*, 32(2), 87-103.
- Stein, E. (1989). *On the problem of empathy* (S. Waltraut, Trans.). Washington, D.C.: ICS Publications. (Trabalho original publicado em 1916).
- Teixeira, J.A.C. (2006). Introdução à psicoterapia existencial. *Análise psicológica*, 3(24), 289-309.
- Tourinho, C.D. (2013). O Lugar da experiência na fenomenologia de E. Husserl: de Prolegômenos a Ideias I. *Trans/Form/Ação*, Marília, 36, (3), 35-52.
- White, M. (1994). *Guias para una terapia familiar sistémica*. Barcelona: Gedisa editorial.
- Yamamoto, O. H. (2010). Política Social e Psicologia: Uma Trajetória de 25 anos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 9-24.
- Zanette, E.V.C. (2017). Entre o intuir e o proferir: Descartes e a argumentação filosófica. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, 31, (61), 263-28

APÊNDICE

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

“A experiência de vida como elemento formador dos profissionais do SUAS”.

Prezado(a) senhor(a),

Gostaríamos de convidá-lo(a) para participar da pesquisa “A experiência de vida como elemento formador dos profissionais do SUAS”.

O objetivo da pesquisa é “a compreensão sobre como as experiências de vida influenciaram a formação e atuação dos profissionais da proteção social básica do SUAS”.

Os dados serão coletados a partir de entrevista aberta realizada em horário, dia e locais determinados pelos participantes, com perguntas referentes aos temas: percurso de formação profissional e vivências pessoais relacionadas à profissão.

Sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma: a partir da realização de uma entrevista sobre a temática que será gravada e posteriormente transcrita.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

O vídeo será gravado e depois de transcrito será descartado, mantendo-se apenas o conteúdo escrito oriundo da entrevista para o desenvolvimento da pesquisa. Os participantes serão identificados na transcrição por um número para garantir o sigilo. O conteúdo escrito após utilizado na pesquisa será descartado.

Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Os riscos presentes na pesquisa se referem à possibilidade que no momento da entrevista você sinta algum desconforto emocional e, caso ocorra, a entrevista será imediatamente interrompida. Você pode se retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer perdas ou constrangimentos.

Os benefícios da pesquisa são associados à possibilidade de reflexão sobre as suas experiências de vida e atuação profissional, o que pode contribuir para uma melhor percepção da sua laboração e atitudes mais conscientes ao que diz respeito à tomada de decisões pessoais e profissionais, em especial, no contexto de trabalho no âmbito da Assistência Social.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar: Dandara Peraro de Sousa: e-mail: dandara.peraro.s@uel.br ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.